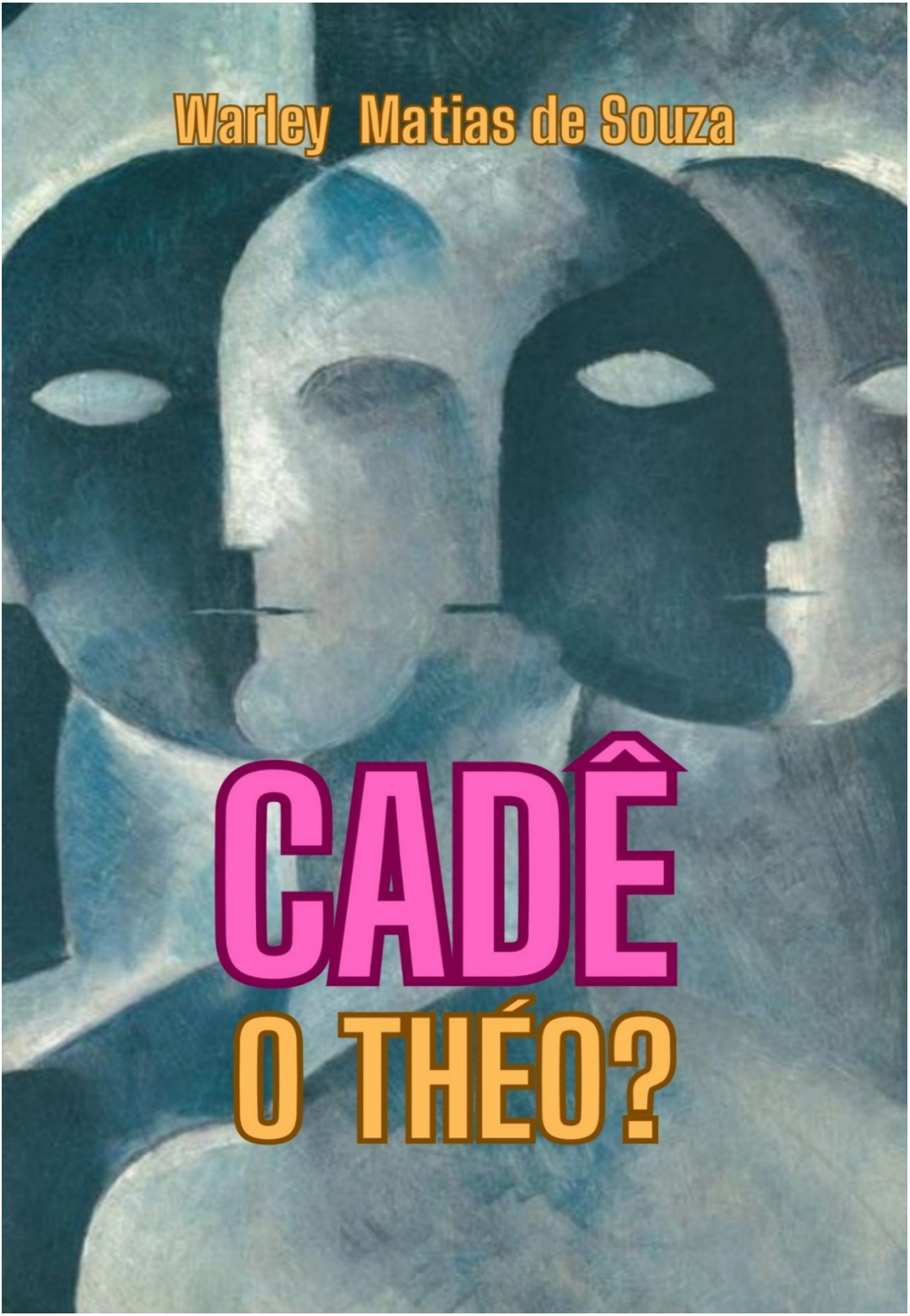
Warley Matias de Souza
CADÊ
O THÉO?

Warley Matias de Souza

CADÊ O THÉO?

Souza, Warley Matias de, 1974-
Cadê o Théo? / Warley Matias de Souza. –
1ª ed., 2026.
ISBN 978-65-02-03356-2
1. Literatura brasileira. I. Título.
CDD-B869
CADÊ O THÉO?
Copyright © 2026 WARLEY MATIAS DE SOUZA

Imagem de capa: *Nós*, de Ismael Nery.

(Obra revista pelo autor em 2026)

Cadê o Théo?

Como o cachorro doméstico fica feliz quando sai na rua e pode correr livremente e cheirar o cu dos outros cachorros! Eu pensava nisso quando a campainha tocou. Mas o porteiro não tinha avisado que ia deixar alguém subir. Olhei pelo olho-mágico. E abri a porta.

Dois meninos brancos me empurraram e entraram. Um devia ter dez anos; já o outro, seis. Suas mães eram uma jovem preta e uma branca, ambas de cabelo preto.

— Cadê o Théo? — perguntou uma delas, com movimentos da cabeça e dos olhos para dentro do meu apartamento, onde os meninos pulavam sobre o sofá.

As mulheres se olharam, e uma delas falou:

— Os medíocres sempre vencem porque são a maioria.

— O quê!? — eu disse.

Elas me empurraram e entraram, puxando as malas de rodinhas. De costas para a porta aberta, eu as encarei, perplexo. Foi quando uma delas me empurrou tão forte que bati as costas na parede do corredor, enquanto ela batia a porta do meu apartamento na minha cara.

Girei a maçaneta e percebi que a porta estava trancada. Bati nela com muita força,

desesperado, enraivecido. Alguns vizinhos, ao ouvirem o barulho, saíram de seus apartamentos, colocaram as mãos na cintura e me olharam com repreensão, como se dissessem a um cãozinho:

— Menino feio!

Desci com o rabo entre as pernas.

Meu celular tinha ficado no apartamento. O porteiro não quis me emprestar o dele, sequer me reconheceu. Na rua, um transeunte, apesar de desconfiado, resolveu me ajudar e chamou a polícia. Meia hora depois, a polícia chegou, ouviu minha queixa e conversou com meus vizinhos e com o porteiro. Ninguém me conhecia.

No meu apartamento, as moças mostraram a escritura do imóvel, uma delas era a proprietária. Pedi que, pelo menos, me dessem alguns de meus pertences. Com a permissão da “proprietária”, os policiais vasculharam tudo, não encontraram nada meu e pediram desculpas ao casal.

Lá embaixo, um deles me chamou de vagabundo, antes de entrar na viatura. Eu estava sozinho, sem casa, sem documentos, sem celular, só com a roupa do corpo e a sensação de que alguma coisa estava muito errada no mundo.

Fiquei horas sentado em uma praça, sem saber o que fazer. Parentes? Eu só tinha uma sobrinha, filha do meu irmão mais velho, único irmão, que morrera meses antes de ela nascer. A

mãe e a criança sumiram no mundo. Amigos? Sempre fui reservado, de pouca conversa e, como diziam meus companheiros de trabalho, “sistemático”. Não tinha amigos.

O trabalho! Era domingo, e no dia seguinte sentiriam minha falta na prefeitura. A fome começava a dar sinais. Pedi ajuda a um sem-teto. Ele disse que se eu o chupasse, me dava umas moedas. Apesar de sujo, ele era bonito. Mas o cheiro estava repugnante. Disse que se ele tomasse um banho...

— Homofóbico! — ele gritou.

E nem deu tempo de eu explicar que sou um chupador nato, que tenho uma técnica, certo movimento com a língua, que faz qualquer homem levitar, até os heterossexuais. Ele me deu um tapa na orelha e me deixou a ver estrelas. Já era noite, e uma sem-teto disse que se eu comesse a buceta dela...

— Viado asqueroso! — ela gritou, quando eu disse “não”. — Gente como você tem que morrer.

Então percebi certa agitação entre os sem-teto, havia rumores de que o prefeito fascista ia nos levar para um campo de concentração. Agora eles não eram mais os outros, agora eu era um deles. Eu estava de bermuda, camiseta e chinelos; com fome e com medo do escuro.

Saí perambulando pelo centro da cidade. Diante de um teatro, vi pessoas aguardando para assistir a um espetáculo de dança chamado *Uma bicicleta do caos*. A noite parecia nunca acabar, e eu caminhava, caminhava, às vezes voltava ao mesmo lugar, me sentava e voltava a caminhar, para fugir da fome, como se isso fosse possível.

Até ontem, eu era dono de um modesto apartamento no centro da cidade, com uma também modesta poupança no banco, e tinha direito a três refeições ao dia. E agora, estava sem teto e sem documentos, e não entendia como isso tinha acontecido. Mas eu me prendia à esperança de que meus colegas de trabalho na prefeitura me ajudassem.

Acabei me sentando debaixo da marquise de uma loja, e, devido ao cansaço e apesar da fome e do medo, adormeci. Duas horas depois, fui acordado com os chutes do dono da loja, que me chamou de vagabundo. Levantei, meio tonto, envergonhado e com medo, como um cachorro de rua.

Na prefeitura, meus colegas de trabalho não me conheciam. Meu chefe me expulsou de lá. Enquanto o segurança do prédio me levava para fora, ouvi um dos meus colegas perguntar para outro:

— Como ele sabe nossos nomes?

E o outro responder:

— O chefe devia chamar a polícia.

Lá fora, fiquei parado na calçada, olhando para um e outro lado da rua, sem saber que direção seguir. O cheiro de pão me levou até uma padaria. Ali fiquei, como cachorro de rua, triste de fome. Eu ainda tinha vergonha de pedir.

Uma mulher idosa, sensível o bastante para perceber minha angústia, tocou em meu braço e perguntou:

— Quer que eu compre um lanche pra você, meu filho?

— Eu ficaria grato.

Ela me trouxe um pão com presunto e muçarela, além de uma garrafinha de suco. Comi rápido e com vontade. O alívio da fome me fez pensar no momento em que ela voltaria. E o banheiro? Eu já sentia uns movimentos estranhos no estômago. Ah, quanta vergonha e humilhação.

Depois de perambular algumas horas, encontrei uma construção abandonada. Já era hora. Defequei lá, aliviei meu estômago. Não havia como me limpar. O jeito foi ficar sujo mesmo. Antes de sair dali, encostei a testa em uma parede e chorei, de soluçar. Estava me sentindo sujo, sozinho, desamparado, revoltado, confuso. Quis morrer.

Estava com sede e com medo de pedir água. As pessoas já me olhavam com desconfiança, medo e nojo. Pedi água em um bar, mas fui enxotado pelo dono. Logo percebi que os ambientes comerciais são os que mais abominam pessoas como eu. Não querem um sem-teto, cheirando mal, em suas lojas, pois isso afasta os clientes, que não podem ser incomodados jamais.

Por volta de duas horas, vi uma empregada doméstica lavando um passeio, a mangueira esguichava água para todos os lados. Aproximei-me, cautelosamente, e, de longe, falei:

— Dona! Não fique com medo de mim. Eu estou com sede. Posso beber água aí da mangueira?

Ela teve uma breve hesitação e estendeu a mangueira. Lavei as mãos e depois bebi água. Aproveitei para molhar o rosto e o cabelo. Agradeci e me afastei.

Então essa era a sensação de não existir? Não existia, era apenas uma sombra incômoda que as pessoas preferiam ignorar. Sem documentos, sem casa, sem nada. Eu não existia. Pensei em ir à polícia. Por meio de minhas digitais, ela podia me identificar. Depois de andar por horas, encontrei um posto policial.

Tentei explicar a minha situação para o primeiro policial que encontrei. Ele achou tudo

muito estranho e me enxotou como se eu fosse um cão sem dono. Ameaçou me prender. Por um momento, gostei da ideia. Talvez me dessem algo de comer. Mas minha liberdade era a única coisa que me restara.

Liberdade? Isso era liberdade?

Vi um homem sentado à porta de um banco, ele pedia “uma ajuda pra comprar algo de comer”. Quando me aproximei, ele me olhou feio e fez um gesto com a mão, como a dizer: “Vai embora, pois este ponto é meu”. Já era visível o meu estado indigente. Eu precisava deixar a vergonha e o orgulho de lado para pedir uns trocados.

Estava com fome. Estendi a mão para algumas pessoas, que se afastaram antes mesmo de ouvir meu pedido. Algumas diziam:

— Não tenho.

Outras:

— Vai trabalhar.

A maioria apenas balançava a cabeça, em negativa, ou simplesmente me ignorava. Recebi moedas, trocados que não davam para comprar uma simples refeição. O dono da loja em frente à qual eu estava com mão estendida a incomodar os passantes, me chamou e me deu dinheiro, o suficiente para comprar alguns pães e um pacote de biscoitos.

— Agora vai embora. Se eu te vir de novo na frente da minha loja, eu chamo a polícia ou faço coisa pior.

Diante da ameaça, me afastei depois de agradecer pela esmola. Comprei pães, que comi com desespero. Na sacola, ficou o pacote de biscoitos, que eu pretendia comer à noite. Já estava anoitecendo.

Durante a madrugada, começou a fuga dos sem-teto. A guarda municipal, armada, estava capturando pessoas como nós, enfiando em caminhões e ônibus. Alguns achavam que nos levariam para campos de concentração, outros tinham certeza de que seriam assassinados. Eu me senti um cão vira-lata que é capturado pelo agente da carrocinha para ser morto em algum centro respeitável de controle de zoonoses.

E era assim que os agentes da guarda municipal nos viam. Alguns de nós foram transportados em velhos ônibus. Os mais incontroláveis foram trancados em carrocerias de caminhão. No ônibus em que eu estava, havia também velhos, crianças e pessoas com deficiência. Todos com muito medo, alguns tiveram os poucos bens apreendidos, ou melhor, quebrados, lançados fora.

Apenas os novatos nas ruas, como eu, ainda sentiam o sentimento de revolta e injustiça,

apesar da completa inação. A maioria já sabia que a justiça só existe para os ricos, é feita por eles, para o benefício deles. A resignação é inevitável para aquele que já não tem mais nada além da miserável vida.

No caminho, humilhação, violência, espancamentos e alguns assassinatos. Quem se importava? Não existíamos. Um homem chorava porque tinha um emprego, apesar de viver nas ruas, e agora estava sendo levado para longe de seu ganha-pão. Levou um tapa na cara de um guarda municipal, visivelmente sádico.

Depois de quase duas horas de viagem, os que estavam no meu ônibus fomos despejados em uma cidade distante. Recebemos ameaças, se voltássemos para nossa cidade de origem, eles nos matariam. Como se pudessem se lembrar de nossa cara. Para eles, não tínhamos características individuais, éramos apenas trapos desumanizados.

Perambulamos, cada um para um lado. Consegui almoçar porque a dona de um restaurante me deu um marmitex. Mas disse para eu não contar a ninguém. Senão, logo apareceria um monte de sem-teto, e ela não podia sustentar todo mundo. Agradeci e comi com voracidade. A minha única refeição do dia.

Por volta de dez horas da noite, vi três homens espancando uma travesti. Dei uma de herói, fui lá tentar defendê-la. Levei uns sopapos. Mas Marta, esse era seu nome, me puxou pela mão. Fugimos, enquanto os agressores diziam palavras de ódio.

Depois de um caminho doloroso rumo à barraca de Marta, que ficava em um terreno baldio da prefeitura, ela disse, com um sorriso:

— Onde foi que você aprendeu *essas voadora*, rapaz?

Ri, rimos, senti ternura outra vez.

No dia seguinte, acordei com uma louca que passava na rua e repetia, aos gritos:

— Sai do armário, mariposa!

Como não tinha armário, saí da barraca. Onde será que Marta estava? Logo chegou com alguns pães quentinhos que descolara na padaria.

— Trago os pães em sinal de boas-vindas e agradecimento. Mas, a partir de agora, você vai ter que se virar sozinho.

Peguei três pães e, enquanto os comia, saí perambulando por aí. Ouvi um menino tagarelar. Ele passou por mim, em companhia de seu pai. E dizia o seguinte:

— Os bichos mais chatos são o cachorro, o gato, o galo e o carro. Não deixam ninguém dormir.

Marta era preta e tinha vinte anos. Fora expulsa de casa quando tinha quinze por começar a usar coisas de mulher. Porém, ela possuía traços muito masculinos e não podia comprar seios. Gostava de ler e levava para sua barraca qualquer livro que encontrava na rua ou no lixo. Ontem leu o conto *O irmão tailandês*, do escritor Arthit Chanapai.

À noite, voltei para a barraca e levei comida. Estava aprendendo a me virar. Ela me contou mais coisas de sua vida. Eu também lhe falei da minha. Disse-lhe que sou bissexual. Mas que, no passado, eu me escondia por trás de minha heterossexualidade e era bastante intolerante com os outros membros da comunidade LGBTQIAPN+.

Após ouvir os relatos recentes da minha vida, Marta comentou:

— Essa sua história é kafkiana.

Ela me disse que Théo é deus. Talvez, ela delirou, eu estivesse dentro de um livro e precisasse interpretar minha existência. Se Théo é deus, cadê o Théo?

— Às vezes, penso em morrer — ela confessou. — Mas quem não pensa, não é mesmo?

Era difícil viver nas ruas; além disso, ela era rejeitada nos abrigos pelos outros sem-teto.

— No abrigo masculino, alguns homens querem abusar de mim, comer meu cu. No feminino, elas querem o meu pau.

Eu perambulava pela cidade, quando vi um tumulto e me aproximei. Havia outros sem-teto ali, e a polícia impedia um padre de nos dar comida. Dois quarteirões depois, um pastor me prometeu comida, se eu me convertesse. Disse-lhe que era ateu.

— Então morre de fome e vai pro inferno, irmão. Você merece todo o seu sofrimento.

Uma noite, Marta me deu um presente. Ela conhecia um cara que trabalhava no cinema, já tinha dado o cu para ele algumas vezes. Ele nos deixou entrar após a última sessão e pudemos assistir a um filme francês. Só nós três, esquecidos do mundo lá fora. Foi simplesmente mágico.

Após o filme, sozinhos na madrugada, perguntei a Marta se ela cobrava para ficar com caras como o do cinema.

Ela só respondeu:

— Nada contra, mas não sou puta.

Não falamos mais do assunto.

Sem Marta, eu estaria perdido. Ela conhecia certa assistente social, que, por sua vez, tinha um amigo policial, o qual tirou minhas impressões digitais. Eu não era Jonas, como pensava, fui

identificado como Alonso. Estava desaparecido havia cinco anos, tinha esposa e filha.

A assistente deixou eu tomar banho em sua casa, deu-me algumas roupas e pagou a minha passagem de ônibus. Antes de partir, despedi-me de Marta, com um beijo na boca e um abraço. Não foi beijo de paixão, nossos lábios apenas se tocaram, irmãos.

Estou em casa, finalmente, na companhia de minha esposa e de minha filha. Agora sou Alonso e estou olhando para o espelho da sala. O Jonas era preto de pele clara, alto e magro, tinha quarenta anos.

Sou Alonso, branco, trinta e cinco anos, advogado bem-sucedido. E acabo de me esquecer completamente da minha vida de Jonas. Esqueço mesmo, ou melhor, nunca fui Jonas, não sei quem é Jonas.

Minha ideologia política é de direita e defendo as seguintes pautas: criminalização do aborto, sem exceções; preservação da família cristã; combate à população LGBTQIAPN+; fim de leis antirracistas; intervenção militar; anticomunismo; diminuição dos direitos trabalhistas; mais escolas militares e religiosas; ausência de educação sexual nas escolas; privatização de empresas estatais; extinção de programas sociais do Estado; antifeminismo;

criação de penas mais rígidas para ladrões, traficantes e assassinos; encarceramento; ataque aos povos indígenas; censura à imprensa e aos artistas etc.

Amo futebol e acho a análise daquele escritor pervertido um acinte à família brasileira. Ele compara o futebol a uma grande foda grupal. Diz ele que o jogo de futebol é como uma masturbação coletiva. Cada time se masturba em busca da penetração e do orgasmo.

Estão se masturbando, na luta pelo prazer, então “metem” e “gozam”. Mas o gozo é coletivo, pois todos daquele time comemoram. Enquanto isso, o time oposto fica deprimido, pois não conseguiu gozar, foi penetrado, foi passivo. O goleiro faz de tudo para impedir a penetração, protege o “cu” da equipe.

E há também toda uma nomenclatura sexual no futebol. A bola é símbolo do falo que busca penetrar o “cu” (gol) da equipe rival. E blá-blá-blá. Ah, essa gente de esquerda é tudo depravada e asquerosa.

E agora decidiram fazer um memorial internacional para homenagear viados e travecos depravados. Que acinte! Sou Alonso, homem branco e heterossexual. Tenho mulher e uma filha. Mulher recatada, devota a Deus. A rainha do lar, cuida de mim e de nossa filha. E odeia como

eu odeio, como nossa filha já odeia, as mulheres depravadas, as feministas, os pretos e as bichas.

Frequentamos a igreja semanalmente, onde o pastor compartilha de nosso ódio, de nossa incompreensão. Só a ditadura do Estado e o poder evangélico podem consertar este país e o mundo. Achamos absurdo o tal memorial.

Memorial. Cada nome contém a história de um homem gay *ou de uma travesti ou de uma mulher trans que morreu por causa da AIDS. Essas pessoas não devem ser esquecidas, jamais: Abasi,... Agenor,... Alessandro,... Alice,... Allegra,... Andreia,... Anthony,... Antoine,... Antônio,... Arthur,... Ashur,... Ayo,... Baptiste,... Benjamin,... Bernardo,... Bruno,... Caio,... Caíque,... Carlos,... Celestina,... Consuela,... Davi,... Dennis,... Emily,... Emma,... Enrico,... Enzo,... Étienne,... Ethan,... Ethyl,... Eva,... Federico,... Fedora,... Felipe,... Fiorella,... Francesco,... Francisco,... Fred,... Gabriel,... Giorgio,... Giovanni,... Guilherme,... Gustavo,... Heitor,... Henrique,... Ian,... Isabela,... Jade,... Jamilla,... Javier,... Jenifer,... João,... Joaquim,... Jon,... José,... Juan,... Laura,... Lauro,... Leonardo,... Liya,... Lola,... Lorenzo,... Louis,... Lucas,... Lucca,... Luna,... Manuel,... Marcos,... Mateus,... Mathieu,... Maya,... Mayleen,... Miguel,... Mila,... Murilo,... Nicolas,... Oliver,... Pablo,...*

Pedro,... Pierre,... Rafael,... Reinaldo,... Renato,... Ronny,... Roy,... Russel,... Ryan,... Samuel,... Théo,... Victor,... Vinícius,... Wagner,... Zaire,...

Acordo mulher, já não tenho recordações da vida anterior. Mãe solteira, sustento meus dois filhos pequenos. Trabalho em um restaurante, sou cozinheira de mão cheia. Gosto de tomar cerveja no fim de semana com as amigas. Tenho trinta anos, muitos sonhos e algumas frustrações.

Agora sou animal no terror do abate, medo, dor, sangue, escuridão. Logo sou alface na boca de uma velha. E depois pedra lançada na janela de um suspeito de. Sou um deus e estendo a mão para um amigo orixá. Sou o fim.

A felicidade queimava como lixo em inverno seco.

O irmão tailandês

Começa a trabalhar às oito da manhã. Dia cheio. Faz entregas e conhece um monte de gente estranha. As pessoas são mesmo esquisitas. Mas ele sabe que devem achá-lo esquisito também.

Está cansado quando chega em casa, uma quitinete. Que bagunça! Roupas espalhadas para tudo quanto é lado, a pia da cozinha abarrotada.

“Que nojeira isto aqui!”, pensa. “Eu bem que podia...”

Mas não. Está cansado. São nove horas da noite. Só quer tomar um banho e dormir. Amanhã tem mais trabalho, parece que não acaba nunca.

Tira a camiseta de mangas longas, as botas, as meias e a calça *jeans*. Joga tudo ali num canto. E, enquanto toma banho, lembra que, no sábado, ele e Tavinho vão jogar futebol. Sente a água morna sobre seu corpo de um metro e setenta de altura.

A pele é clara. O corpo de vinte e três anos é magro. O cabelo preto, curto e liso recebe o xampu. A barba por fazer. Os olhos pretos e grandes se fecham para não arderem. A boca grande cospe a água que entra e molha os dentes brancos e perfeitos.

Depois de se enxugar, abre o armário do banheiro para pegar o desodorante *roll-on*.

Lembra que precisa comprar mais protetor solar amanhã, pois o que tem está no fim. Passa o desodorante, fecha o armário, deixa a toalha aberta, pendurada no vidro do *box*.

Puxa a cama embutida, pega um travesseiro no armário e se deita, nu. A barriga ronca, está com fome. Levanta-se, vai até a geladeira. Pega a lasanha congelada, coloca-a no micro-ondas. Lava um prato e um garfo para comer a lasanha. Pega uma lata de guaraná na geladeira. Tssst! Bebe com prazer.

Senta-se na cama para comer a lasanha e beber mais guaraná. Então o celular toca, é o Tavinho. De boca cheia, atende ao telefone:

— Oi, Tavinho.

— Que voz é essa?

— Tô jantando, amigo. E tô cansado também.

— Tom, deixa essa vida de entregador, irmão.

— E quem paga as contas, *irmão*?

— Já disse que consigo emprego pra você na Thaitechnin.

— Vou pensar.

— Você só pensa o tempo todo, é quase um filósofo. Mas, diz aí, o futsal de sábado tá de pé, não tá?

No sábado, Tavinho lê o conto *Parafraseando Marcos*, aquele que os pseudointelectuais ignoram

e os idiotas odeiam. E depois vai para a quadra de futsal.

Tarde de folga, as horas passam, e eles nem percebem. Depois, Tom e Tavinho vão para os chuveiros. Tomam aquele banho. Parece que a vida é boa. Mas Tom tem aquele olhar melancólico dos introspectivos.

No apartamento de Tavinho, jogam *videogame*. Depois, decidem sair para a balada.

— Me empresta uma camisa aí, Tavinho, que a minha tá fedendo.

— Pega lá no guarda-roupa.

Sobem na moto, Tom atravessa a noite, o amigo na garupa. Ambos silenciosos, com vontade de viver, aproveitar cada momento, tirar da vida todo o prazer que ela pode dar.

Na danceteria, música alta, luzes alucinantes, um trago no bar. Uma garota não tira os olhos do Tavinho. Ele se aproxima, ela sorri, mexe no cabelo, diz “sim” com todo o corpo. Eles dançam e se beijam. Enquanto isso, Tom bebe, mas não devia, diz uma voz interna.

Deise se aproxima do bar, cumprimenta Tom.

— Oi — ele diz.

Ela é preta, esbelta, belo cabelo crespo, lábios carnudos, olhos grandes e pretos, que olham para ele, enquanto Deise sorri, amigável, generosa. E Tom sorri de volta, depois olha para o

amigo, que dança, o corpo parece voar. Tavinho é branco, tem cabelo preto, longo e liso. Um metro e oitenta, magro, bonito, mas sem exagero, olhos castanhos que convidam, lábios vermelhos que beijam.

— Vamos lá fora? — Deise pergunta.

Como resposta, Tom dá de ombros e a acompanha. Lá fora, ela se declara. É apaixonada por ele faz um tempo. E tudo bem se ele não quiser nada com ela, mas queria que ele soubesse.

Silêncio entre os dois.

— Sei que é estranho, pois sou amiga da Soraia.

Soraia é a ex-namorada dele.

— Tudo bem se você não quiser — ela repete, em tom lacrimoso.

Ele sorri, amigável, antes de desiludi-la:

— Gosto de você como irmão.

Ela balança a cabeça em sinal de que entendeu. Abraça-o e depois entra na danceteria. Tom fica ali, na rua, ao lado das motocicletas estacionadas. As luzes da rua parecem guardar um segredo.

Tom acaba dormindo no apartamento do Tavinho, porque fica mais perto da danceteria. Dormem na mesma cama, Tavinho tem uma cama de casal. No dia seguinte, Tom se levanta,

só de cueca. E quando entra na sala... “O quê!”, ele se assusta, arregala os olhos. “Quem é esse aí?”

O homem sentado no sofá, sorri, um sorriso estonteante. Tom não consegue tirar os olhos daqueles lábios tão vermelhos. O homem está de terno, sentado elegantemente, uma postura de príncipe.

Tom está boquiaberto, tímido, confuso, sem saber o que fazer. E quando se aproxima do homem, tropeça nas botas que deixou ali jogadas na noite passada. E cai nos braços do outro, que, para evitar a queda do rapaz, levantou-se rapidamente para ampará-lo.

“Eh! Ai, o que tá acontecendo? Que cheiro bom ele tem! Que terno macio!”

— Vejo que já se conheceram — diz Tavinho, entrando no apartamento, enquanto Tom se afasta do homem.

Tom está vermelho feito um morango suculento, e o homem acha isso muito fofo, não consegue tirar os olhos do rapaz. Todo atrapalhado, Tom veste a roupa, que estava jogada no chão da sala.

Prem tem um metro e noventa. Porte atlético. Liso cabelo preto, cuidadosamente aparado. A pele é lisa e clara. Rosto barbeado. Tem olhos muito pretos e puxados, herança de sua mãe

tailandesa. É calmo, tem olhar sereno, capaz de acalmar uma fera selvagem.

— Esse é meu irmão tailandês — diz Tavinho, apontando o queixo para Prem.

Tom arregala os olhos. “Quê! Irmão?”

O belo Prem une as duas mãos espalmadas e se inclina levemente, em cumprimento. Tom tenta imitar o gesto; mas, todo atrapalhado, decide que é melhor estender a mão para o outro. Prem olha para aquela mão, sereno, antes de apertá-la, um toque quente. Tom sente uma vibração inundar todo o seu corpo e puxa a mão, bruscamente.

— Fui até o supermercado pra comprar chá pro meu irmão.

— Ah... — diz Tom. — Eu não sabia que você tinha um irmão. E tailandês ainda por cima.

— Eu te disse que meu pai mora na Tailândia.

— Mas não disse que ele tinha um filho tailandês.

— Pois é. Ele tem. A mãe do Prem é tailandesa.

Os olhos de Tom e Prem se encontram, irresistivelmente.

— E qual é o seu nome? — Prem pergunta.

Tom se assusta, a boca aberta. E depois, fala:

— Você fala português!

— Meu pai é brasileiro.

— Ah, é verdade.

— Mas você mora na Tailândia.

Então Tavinho explica:

— Ele morava na Tailândia. Agora se mudou pro Brasil. Ele vai assumir a direção da filial brasileira da Thaitechnin.

Tom fica admirado que alguém tão novo seja diretor de uma grande empresa tailandesa.

— Quantos anos você tem? — pergunta.

— Trinta — Prem responde.

Tom olha para Tavinho:

— É mais velho do que você.

Tavinho dá uma gargalhada.

— Meu pai brigou com a mãe dele. Voltou pro Brasil por um tempo, conheceu minha mãe, e eu nasci. Depois ele voltou pra Tailândia de novo e se reconciliou com a mãe do Prem, e estão juntos até hoje.

Tom vai embora, como se fugisse de algo, algo que ele não sabe o que é, algo doce e perturbador. Antes de Tom sair, Prem o cumprimenta mais uma vez: a mãos abertas e unidas, palma com palma, uma leve inclinação dos ombros e aquele olhar, tão negro quanto um mar misterioso e sedutor.

Uma semana depois, Tom nem pensa mais em Prem, quando se distrai e se envolve em um acidente com um luxuoso carro preto. Cai da moto. Sente dor no pé direito. Está assustado

quando vê, através do visor do capacete, um anjo. É Prem, que olha para ele com olhos preocupados.

“Eh, este aí é o...”, pensa. “Mas o que ele tá...?”

Prem carrega Tom nos braços. Forte, viril, protetor. E o coloca dentro do luxuoso carro. Tira o capacete de Tom.

— Vou te levar para um hospital.

Tom não sabe o que dizer, só consegue falar:

— A minha moto!

Prem faz um carinho na testa de Tom.

“Por que meu coração tá tão acelerado?”

— Eu mando alguém buscar sua moto depois, não se preocupe — diz Prem.

Quando chegam ao hospital, Prem ajuda Tom a sair do carro. E faz menção de carregá-lo de novo. Tom, envergonhado, se apressa em dizer:

— Não precisa me carregar. Posso caminhar, apoiado em você.

Segurando no braço forte de Prem, Tom entra no caríssimo hospital particular.

— Isto aqui é muito caro, eu...

— Não se preocupe, Tom. Eu vou cuidar de você.

Aquela frase — “Eu vou cuidar de você” — fica bailando na mente de Tom durante toda a consulta. A médica é gentil, mais do que isso, está toda sorridente para o Prem, porque ele é o

tailandês mais bonito do mundo. Mas ele só tem olhos para o Tom.

“Nunca ninguém se preocupou tanto comigo assim”, Tom pensa. E, apesar do susto causado pelo acidente, sente algo bom, algo parecido com felicidade. “Eh... o que...” Ele se surpreende ao perceber que está sentindo algo por Prem, algo semelhante à fascinação de uma criança por um arco-íris.

Depois da consulta, Prem leva Tom para casa. Ao entrarem na quitinete, Tom se desculpa pela bagunça. Não tem muito tempo para arrumar a casa.

— Tudo bem. Esse seu jeito desleixado é muito fofo.

Tom fica vermelho, não sabe como reagir. Prem baixa a cama embutida e ajuda Tom a se deitar.

— Minhas botas ficaram no seu carro.

— Daqui a pouco eu trago elas para você.

— Acho que a medicação tá me deixando um pouco sonolento.

— Dorme um pouco então.

Tom sorri antes de fechar os olhos. A última coisa que vê é o rosto lindo e sereno de Prem. Tom sente uma calma profunda e adormece. Quando acorda, percebe que a quitinete está toda

arrumada. Além disso, Prem lavou toda a louça acumulada na pia.

Na mesa da cozinha, remédios e um bilhete: “Toma os remédios direitinho. E fica em repouso. Mais tarde, trago comida para você. Ah, sua moto está lá embaixo, não se preocupe”.

Tom se pega sorrindo. “Eh! O que é isto que eu... Por que ele me trata assim? Ele é fofo. Aiiiiii! O que eu tô dizendo?” Bate na cabeça, com a mão fechada, como se quisesse eliminar um pensamento ruim. Mas a lembrança do rosto lindo de Prem o faz sorrir de novo.

Durante uma semana, Prem leva comida para Tom, cuida dele. Quando Tom volta ao trabalho e retorna para casa à noite, sente falta de Prem. Eles ficam sem se ver durante dois dias, que parecem dois anos. Quando Prem liga e diz que vai fazer um almoço tailandês para Tom no domingo, o coração de Tom acelera.

Prem chega à quitinete de Tom e encontra tudo limpo para recebê-lo. Inclusive Tom, que tomou um banho demorado, fez a barba e colocou perfume.

— Você está muito bonito!

Tom fica vermelho, baixa os olhos.

Mãos à obra, Prem cozinha, e o cheiro é bom. Depois, eles se sentam à mesa da cozinha.

Enquanto Tom come, Prem coloca mais comida em seu prato, amoroso.

Em certo momento, Tom começa a lacrimejar, porque comeu algo muito apimentado. Prem, preocupado, manda ele tomar chá gelado.

— Desculpa, você não está acostumado com tanta pimenta, né?

Como sobremesa, Prem fez um bolo cheio de creme. Tom acaba sujando de creme o canto da boca. Prem estende a mão e, carinhosamente, limpa a boca do outro, que fica tímido diante do gesto.

Prem lava a louça. Depois, percebe que Tom olha para ele fixamente. Ele se aproxima de Tom e, num gesto deliciosamente bruto, encosta-o na parede. A respiração dos dois é pesada. E o beijo acontece, é doce como o amor que está surgindo entre eles.

— Eu nunca namorei um homem — diz Tom, trêmulo.

— Eu também não — confessa Prem, sem medo algum.

— O que vamos fazer então? — diz Tom, encostando a testa no peito do outro.

— A gente vai descobrir juntos.

E eles se beijam novamente, confiantes de que vão encontrar juntos os caminhos do amor e do prazer.

— Você é meu.

— Você é meu.

E apenas as paredes ouvem os sussurros dos amantes.

Parafraseando Marcos

João batizava aqueles que queriam perdão para os seus pecados. Todos da Judeia e de Jerusalém buscavam-no para serem batizados no rio Jordão.

— Vem depois de mim alguém mais forte do que eu — revelou João. — Se batizo vocês com água, ele os batizará com o Espírito Santo.

Dias depois, Jesus, vindo de Nazaré, foi batizado por João no rio Jordão. Ao sair da água, ouviu uma voz vinda do céu:

— Você é meu amado filho.

Do céu desceu o Espírito Santo, em forma de pomba, e convenceu Jesus a ir para o deserto. Ali ficou quarenta dias e foi testado por Satanás. Viveu entre feras e foi auxiliado por anjos.

João estava preso quando Jesus foi para a região da Galileia. Ali, declarou aos quatro cantos:

— O reino de Deus está próximo — dizia.

Buscava estimular a conversão daqueles a quem encontrava pelo caminho.

Na praia, viu Simão e seu irmão André. Eles eram pescadores. E Jesus convidou-os a segui-lo:

— Venham comigo! Sejam pescadores de homens.

Não hesitaram e seguiram Jesus.

Mais adiante, Jesus encontrou Tiago e seu irmão João, filhos de Zebedeu. Abandonaram o pai em seu barco e também seguiram Jesus.

Na cidade de Cafarnaum, em um sábado, Jesus entrou na sinagoga e disse sábias palavras. No entanto, um dos homens presentes levantou a voz para ele:

— O que você quer da gente? Quer nos destruir?

Mas quem falava pela boca do homem era um mau espírito.

— Abandona esse corpo! — Jesus ordenou.

O corpo do homem tremeu todo, enquanto o espírito gritava. Enfim, deixou o corpo. E todos que assistiram àquele acontecimento ficaram impressionados com o fato de um mau espírito obedecer às ordens de Jesus.

Foi assim que Jesus ficou famoso e seu nome correu de boca em boca.

Ao sair da sinagoga, Jesus, acompanhado de João e Tiago, seguiu rumo à casa de André e Simão. A sogra de Simão estava enferma. Jesus segurou sua mão e fê-la levantar-se. Então, ela ficou logo curada. À noite, vários doentes foram levados à presença de Jesus, para que ele os curasse; e ele os curou. Também expulsou demônios de vários endemoninhados.

Um dos endemoninhados apontava para lugar nenhum enquanto acusava:

— Ela está lendo o conto *O asqueroso Barney*!

Demônios conhecem o passado, o presente e o futuro. E dizem muitas coisas sem sentido.

Certa madrugada, Jesus foi orar em um local deserto. Simão foi um dos que procurou por ele, preocupado. Ao encontrá-lo, ouviu de sua boca:

— Vamos divulgar a boa-nova em outras partes.

Assim, deixou Cafarnaum e partiu para outras vilas da Galileia para divulgar a boa-nova e expulsar demônios. Tocou em um leproso, e sua doença desapareceu no mesmo momento.

Jesus falou-lhe em seguida:

— Não diga a ninguém que te curei. Mas vai até uma sinagoga e faz uma oferenda.

O homem não deu ouvidos a Jesus e espalhou aos quatro cantos que por ele tinha sido curado. Isso fez com que muitos buscassem a cura por suas mãos.

Dias depois, Jesus voltou a Cafarnaum, e uma multidão foi até ele para ouvir suas palavras. Quatro homens carregavam um paralítico. Sem conseguir chegar até Jesus, em função do mar de gente, abriram o teto da casa onde estava Jesus e desceram a maca que levava o paralítico.

Jesus olhou para o homem e falou:

— Perdoo seus pecados.

Ao assistir tal cena, alguns escribas (doutores da lei) viram blasfêmia nessas palavras, pois defendiam que apenas Deus pode perdoar os pecados.

Jesus percebeu que eles o julgavam e disse ao paralítico:

— Levanta e vai embora!

O homem levantou-se e, diante da surpresa geral, carregou a própria maca e seguiu rumo à sua casa.

Em outra ocasião, Jesus foi até a beira de um lago. Ao ver Levi, filho de Alfeu, ordenou-lhe:

— Vem comigo.

Na casa de Levi, cercado por pecadores e coletores de impostos, mas também por seus discípulos, Jesus comia à mesa. Então os escribas perguntaram a discípulos de Jesus:

— Por que ele está comendo com pecadores e coletores de impostos?

Jesus, ouvindo tal pergunta, logo respondeu:

— Não são os sãos que necessitam de médicos, mas os doentes. Não trago o chamado aos justos, mas aos pecadores.

Em outra ocasião, os discípulos de João, em jejum, perguntaram a Jesus:

— Por que seus discípulos não jejuam?

Ele respondeu-lhes:

— Em um casamento, os convidados do noivo não podem jejuar. Quando o noivo lhes for tirado, nesse dia, eles jejuarão.

Em um sábado, ao atravessarem uma plantação de trigo, os discípulos de Jesus abriam caminho para ele passar. Vendo-os arrancar as espigas, os fariseus (judeus extremistas) questionaram Jesus, pois no sábado não se podia trabalhar, segundo os costumes judeus. Ao que Jesus respondeu:

— O sábado pertence ao homem e não o contrário. Portanto, sou Senhor do sábado também.

Foi também em um sábado que ele entrou em uma sinagoga e curou um homem que tinha a mão seca. Diante da recriminação dos fariseus, por ele curar em um sábado, perguntou-lhes, com raiva e tristeza:

— O que é permitido em dia de sábado? Fazer o bem ou fazer o mal? Salvar uma vida ou matar?

Foi nesse momento que os fariseus, unidos aos herodianos, decidiram acabar com Jesus.

Sabendo de seus feitos, uma multidão de pessoas doentes buscava Jesus. Espíritos impuros também caíam a seus pés e o chamavam de Filho de Deus. Mas ele os proibia de dizer quem ele era.

Estes eram os doze discípulos escolhidos por Jesus: Simão (que passou a ser chamado de Pedro), Tiago (filho de Zebedeu), João (irmão de Tiago), André, Filipe, Bartolomeu, Mateus, Tomé, Tiago (filho de Alfeu), Tadeu, Simão (o cananeu) e Judas Iscariotes.

Quando os parentes de Jesus souberam que uma multidão o buscava para ouvir suas palavras e ser curada, eles foram até ele, pois concluíram que Jesus estava louco. Já os escribas de Jerusalém diziam que ele estava possuído por Belzebu (deus filisteu, considerado demônio pelos hebreus).

— Como o demônio pode expulsar o demônio? — perguntou-lhes Jesus. — A divisão de um reino é sua ruína. A divisão de uma família é sua ruína. Portanto, se o demônio combate a si mesmo, ele encontra o seu fim.

E declarou:

— Todos os pecados serão perdoados. Mas quem blasfemar contra o Espírito Santo nunca será perdoado.

Então a mãe e os irmãos de Jesus chegaram. Ao saber que sua mãe, irmãos e irmãs o buscavam, Jesus disse:

— Quem é minha mãe? Quem são meus irmãos?

Olhou para aqueles que o cercavam e falou:

— Eis aqui minha mãe e meus irmãos. Minha mãe, meu irmão e minha irmã são aqueles que cumprem a vontade de Deus.

Em outra ocasião, disse à multidão que o cercava:

— Um semeador deixou sementes caírem à beira de um caminho. Elas foram comidas por passarinhos. Outras sementes caíram em meio a pedras e germinaram mesmo assim. Porém, foram queimadas pelo sol, pois não formaram raízes. Outras sementes caíram entre espinhos e foram sufocadas por eles. Já as que caíram em boa terra, brotaram, cresceram e deram frutos.

E encerrou sua parábola com estas palavras:

— Quem tem ouvidos para ouvir, que me ouça.

E também falava coisas como:

— Tudo que ocorre em segredo se tornará público.

Ou:

— Será dado a quem tem e tirado a quem não tem.

Estava Jesus em um barco, com seus discípulos. Uma grande ventania jogava água para dentro do barco e ameaçava afundá-lo. Enquanto isso, Jesus, na parte traseira, dormia com a cabeça sobre um travesseiro. Foi acordado pelos preocupados discípulos, que temiam a morte.

Jesus se levantou e disse ao vento e ao mar:

— Silêncio!

O vento parou e veio a calmaria.

Para os discípulos, falou:

— Por que têm tanto medo? Não têm fé?

Em Gérasa, Jesus tirou uma legião de espíritos impuros do corpo de um homem, e fez com que os maus espíritos entrassem nos porcos, dois mil porcos, que pularam de um despenhadeiro e se afogaram no lago. Ao saber do ocorrido, os gerasenos ficaram com medo de Jesus e pediram que ele fosse embora de lá.

Enquanto caminhava entre a multidão para curar a filha de Jairo, um dos chefes de uma sinagoga, sentiu que uma energia saía de si.

— Quem tocou na minha roupa? — perguntou à multidão.

Uma mulher, que padecia de hemorragia havia doze anos, confessou ter tocado em Jesus e ficado curada. Ele então respondeu:

— A sua fé te curou.

Ao chegar à casa de Jairo, recebeu a notícia de que a filha do homem estava morta.

— Ela apenas está dormindo — Jesus afirmou.

Diante dessa declaração, algumas pessoas ali começaram a rir dele.

Jesus pegou a mão da menina e ordenou:

— Levanta!

A menina de doze anos se levantou, diante da admiração de todos. Mas Jesus pediu-lhes insistentemente que não contassem sobre o ocorrido a ninguém.

Então Jesus voltou a Nazaré, acompanhado de seus discípulos. E falou na sinagoga, para admiração de muitos, que não entendiam como tanta sabedoria e milagres podiam vir de um carpinteiro, filho de Maria, irmão de José, Judas, Simão e Tiago. Ele tinha também irmãs.

Diante da reação do povo de Nazaré, Jesus disse:

— Um profeta não é valorizado em sua própria terra, nem pelos parentes na sua casa.

Havia tanta incredulidade que Jesus não conseguiu fazer milagres ali.

Então, o rei Herodes ouviu falar de Jesus.

Jesus decidiu ir, juntamente com seus apóstolos, para um lugar deserto, com o intuito de descansar. Porém, ao perceber tal intento, a multidão foi atrás. Jesus se compadeceu dessas ovelhas sem pastor.

Naquele lugar deserto, não havia comida, e por isso os discípulos ficaram preocupados.

— Deem comida para eles então — falou Jesus.

Os discípulos ficaram surpresos. Afinal, era preciso muito dinheiro para alimentar toda aquela gente.

— Quantos pães vocês têm? — perguntou Jesus.

Tinham cinco pães, além de dois peixes.

Depois de olhar para o céu e pronunciar algumas palavras, sentado na relva, Jesus foi dividindo os pães e os peixes, de forma que alimentou toda a multidão, cerca de cinco mil pessoas.

Horas depois de mandar os discípulos a Betsaida, quando eles o vieram buscar, enfrentaram dificuldades para remar. Jesus então foi até eles, de forma que andou sobre o mar.

Em outra ocasião, alguns fariseus e escribas de Jerusalém notaram que os discípulos de Jesus não lavavam as mãos para comer. Isso era contrário à tradição judaica. Então questionaram Jesus, já que seus discípulos não seguiam a tradição. Assim, Jesus citou o profeta Isaías:

— “Esse povo me honra com os lábios, mas tem o coração distante de mim. O culto que me prestam para nada serve, pois suas doutrinas são apenas regras humanas.” — E concluiu: — Hipócritas! Vocês abandonaram os mandamentos divinos para se apegar às tradições humanas.

Jesus continuou fazendo curas milagrosas, e sempre pedia, insistentemente, que não contassem a ninguém. Mas nunca era obedecido, de forma que sua fama se espalhava por toda parte.

Em certa ocasião, ele falou a seus discípulos que era preciso que ele, o Filho do Homem, sofresse e fosse rejeitado por anciãos, sacerdotes e escribas. Afirmou que seria morto e ressuscitaria depois de três dias. E disse não só aos seus discípulos, mas à multidão que o seguia:

— Quem quiser me seguir, deve renunciar a tudo. Quem der sua vida por mim, se salvará.

Seis dias depois, Jesus levou João, Pedro e Tiago ao alto de uma montanha. Ali, viram uma nuvem, que desceu até eles. Dela, veio uma voz:

— Esse é meu querido filho. Obedeçam-lhe!

Ao descerem a montanha, Jesus ordenou-lhes que só relatassem o ocorrido quando o Filho do Homem ressuscitasse dos mortos. E os três ficaram em dúvida sobre o que significava “ressuscitar dos mortos”.

Sobre o apego dos ricos aos bens materiais, Jesus afirmou:

— É mais fácil um camelo passar pelo buraco de uma agulha do que um rico entrar no reino de Deus.

Em Jerusalém, Jesus entrou em um templo e expulsou aqueles que ali compravam e vendiam. Derrubou mesas e bancas e, por fim, falou:

— Vocês transformaram uma casa de oração em um antro de ladrões.

Isso enfureceu sacerdotes e escribas, que decidiram que Jesus devia morrer. Depois, fariseus e apoiadores de Herodes perguntaram-lhe:

— Deve-se ou não pagar imposto a César?

Jesus percebeu as segundas intenções naquela pergunta e pediu-lhes que trouxessem a moeda do imposto. Então ele perguntou de quem era a figura impressa na moeda. Disseram-lhe que era de César. Jesus então concluiu:

— Deem a César o que é de César, a Deus o que é de Deus.

Saíam de um templo, quando um de seus discípulos disse palavras de admiração diante de belas construções. Ao que Jesus, ciente do poder destrutivo do tempo e da humanidade, respondeu:

— Pois não restará pedra sobre pedra. Tudo um dia será destruído.

Ele se sentou no Monte das Oliveiras, onde disse a André, João, Pedro e Tiago:

— Cuidado para não serem enganados. Muitos usarão meu nome, como se fossem eu.

Dirão que sou eu e enganarão muitas pessoas. Haverá falsos cristos e falsos profetas, prontos para enganar com falsos sinais e falsos prodígios.

E previu dias de aflição, que sugeriam o fim de tudo, exceto dos eleitos, que seriam salvos. E depois desse período de dor, prometeu, ele, Jesus, surgiria entre as nuvens com grande poder e glória. E enviaria anjos para reunir os eleitos. Porém, isso deveria acontecer lá, no passado, não agora. Pois Jesus assim falou:

— Esta geração não passará sem que tudo isso ocorra. Por isso, deve estar atenta.

Os sumos sacerdotes e os escribas planejavam prender e matar Jesus. E quando Judas Iscariotes, um dos doze discípulos, foi até eles com a intenção de ajudá-los a prender Jesus, os sumos sacerdotes lhe ofereceram dinheiro.

Era noite, na ceia pascal, quando Jesus, comendo ao lado dos doze, revelou:

— Um de vocês vai me entregar.

Também disse que os discípulos se dispersariam, assustados. Mas Pedro afirmou que isso não ocorreria com ele. Porém, Jesus afirmou-lhe:

— Ainda hoje, antes que o galo cante duas vezes, três vezes você me negará.

Em Getsêmani, um jardim no Monte das Oliveiras, Jesus sentiu medo, angústia e uma profunda tristeza. Ajoelhado, suplicou:

— Pai, afasta de mim esse cálice! Porém, que seja feito não o que quero, mas sim o que você quer.

Judas apareceu acompanhado de pessoas com espadas e paus, as quais estavam a mando dos sumos sacerdotes e dos escribas. Para identificar Jesus, Judas foi até ele e beijou-o. Então, Jesus foi preso. E todos os discípulos fugiram.

Jesus foi levado à presença dos sumos sacerdotes, anciãos e escribas. Pedro seguiu-os até o pátio. Os inimigos de Jesus buscavam um testemunho contra ele capaz de fazê-lo ser condenado à morte. Houve testemunhos falsos, que não se sustentavam. Então, um dos sumos sacerdotes perguntou ao prisioneiro:

— Você é Cristo, o filho de Deus?

Ao que Jesus respondeu:

— Eu sou.

Por tal blasfêmia, Jesus foi sentenciado à morte. E cuspiram nele, e bateram nele.

Pedro estava na parte de baixo do pátio. Quando a criada de um dos sumos sacerdotes o viu, disse-lhe:

— Você estava com o tal Jesus.

— Não.

Ele caminhou rumo à entrada do pátio, e um galo cantou.

A criada apontava para ele e dizia:

— É um deles!

E Pedro novamente negou.

Mas as pessoas que ali estavam não acreditaram nele e insistiram que era um dos discípulos de Jesus.

Pela terceira vez, Pedro negou. E, pela segunda vez, um galo cantou. Então Pedro se lembrou de que Jesus tinha previsto aquela situação. E começou a chorar.

De manhã, os sumos sacerdotes, os escribas e os anciãos decidiram amarrar Jesus e levá-lo até Pôncio Pilatos, o romano que governava a Judeia. Pilatos perguntou a Jesus:

— Você é o rei dos judeus?

— É você quem está dizendo — respondeu-lhe Jesus.

— Estão te acusando e você não se defende!?

Jesus manteve-se calado.

Era costume libertar um preso, escolhido pelo povo, em dia de festa. Pilatos então permitiu que escolhessem entre Jesus e Barrabás, condenado por homicídio perpetrado durante uma rebelião. O povo então, instigado pelos invejosos sumos sacerdotes, pediu a crucificação de Jesus.

Pilatos, para agradar à multidão, ordenou que Jesus fosse açoitado e depois crucificado. Os soldados colocaram um manto púrpura e uma coroa de espinhos no condenado. Zombavam dele:

— Salve, rei dos judeus!

Bateram em sua cabeça e cuspiram nele. Em zombaria, ajoelharam diante dele. Cansados do sádico divertimento, trocaram seu manto pelas roupas que ele usava. E o levaram para ser crucificado. Os soldados obrigaram um tal Simão de Cirene a levar a cruz até um lugar chamado Gólgota. E crucificaram Jesus às nove horas da manhã.

À sua direita e à sua esquerda, foram crucificados também dois ladrões. Muitas pessoas passavam diante da cruz para insultar Jesus, zombavam dele por não ter o poder divino de se livrar daquele tormento. Os dois ladrões crucificados também lançavam insultos contra ele.

Era meio-dia quando a escuridão tomou conta de tudo durante três horas. Exatamente às três horas da tarde daquela sexta-feira, Jesus gritou:

— Deus, por que me abandonou?

E, depois de forte grito, Jesus morreu.

José de Arimateia foi até Pilatos, a quem solicitou o corpo do condenado. José desceu o corpo da cruz, envolveu-o em um lençol de linho e pôs o cadáver em um túmulo feito na rocha, que foi coberto por uma pedra. Testemunharam esse fato Maria Madalena e Maria mãe de José.

No domingo, Maria Madalena, Maria mãe de Tiago e Salomé levaram perfumes para embalsamar o corpo de Jesus. Quando chegaram ao túmulo, ficaram surpresas, pois a pedra que o cobria tinha sido retirada. No túmulo, havia apenas um jovem vestido de branco. Ele disse-lhes que Jesus tinha ressuscitado.

Ressuscitado, Jesus apareceu para algumas pessoas: Maria Madalena (não acreditaram nela); para dois de seus discípulos, mas com uma aparência distinta (não acreditaram neles); e, finalmente, aos onze discípulos durante uma refeição, quando os repreendeu pela pouca fé e falou-lhes:

— Vão pelo mundo e anunciem a boa-nova. Todo aquele que crer e for batizado encontrará a salvação. Aquele que não crer será condenado. Os crentes expulsarão demônios em meu nome, falarão línguas novas, não sofrerão mal algum se beberem veneno ou pegarem em serpentes, e, se puserem as mãos sobre os enfermos, estes serão curados.

Jesus, esse homem arrogante, talvez louco, questionou os costumes de seu povo, um rebelde portanto, e incomodou os poderosos sacerdotes judeus. Por isso, foi humilhado e assassinado.

Ele era Filho do Homem, um mortal tão divino quanto qualquer mortal que ousa perguntar o porquê das coisas e desafiar a mediocridade geral.

Houve outros antes dele. Há outros depois dele. E quase todos têm um fim muito semelhante, pois sucumbem ao ódio, à inveja, à ignorância e à violência dos medíocres conservadores.

O asqueroso Barney

Nosso personagem nasceu nos Estados Unidos. Membro de uma conservadora família americana. Gente branca e religiosa. Tinha sete anos quando se apaixonou por uma menina de sete anos. O primeiro amor. Passou, pois os amores passam. Quando tinha quinze, se apaixonou novamente, também por uma menina de sete anos.

Com toda a ingenuidade impossível, sofreu a paixão e revelou para a própria mãe que estava apaixonado pela menina. E, pela primeira vez, viu aquele olhar de asco, total desprezo e incompreensão.

— Ela é uma criança!

Nosso personagem, ingenuamente, achava que todos eram como ele, que sentiam desejo e se apaixonavam por meninas de sete anos. A reação da mãe fez com que Barney entendesse que ele era diferente e que seu desejo era proibido.

A mãe morreu uma semana depois de conhecer aquele terrível segredo. Barney, menos ingênuo depois do olhar de asco da mãe, soube que nunca poderia revelar seu desejo a ninguém, que a solidão e o medo o acompanhariam para sempre.

Barney entrou na universidade e tinha amigos. Ele fazia parte do time de futebol americano e tinha talento. Mas logo os amigos começaram a achar estranho o fato de Barney nunca ser visto com uma namorada. A pressão social tem algo de cruel. Pensaram que Barney era *gay*, mas também nunca o tinham visto com um namorado.

Para se livrar dos questionamentos, Barney mentiu, ele precisava mentir. Disse ser assexual, não tinha desejo sexual. Muitos acharam estranho, mas viviam em um tempo de aceitação da diversidade. E, na condição de falso assexual, Barney pôde ter um pouco de paz.

Desejo não se escolhe, e Barney sabia disso.

Vez ou outra, aparecia alguma notícia no jornal, sobre algum homem que fora preso por abusar sexualmente de crianças. Eram sempre homens, mulheres nunca eram presas, ele não sabia por quê.

Em filmes, pessoas com seu desejo eram retratadas como más, perversas, monstruosas, violentas, demoníacas. Seres que se escondiam nas sombras e tramavam a melhor forma de seduzir, humilhar e violar crianças. E, assim, tal imagem de perversidade se estabelecia no imaginário coletivo.

Na suja vida política, adversários eram acusados de ter tal desejo. Era uma forma de desacreditá-los e gerar contra eles a desconfiança e o desprezo popular. Tais acusações levianas eram também criminosas, pois podiam levar à agressão física e verbal, até mesmo a assassinato, pois, para o povo, basta o dedo em riste.

Psiquiatras, psicanalistas e psicólogos eram omissos. Não ousavam defender pessoas como Barney. Mas um ou outra propunham algum tratamento não comprovado para "curar" indivíduos como o nosso angustiado personagem. Mas quem ousaria admitir ser portador de tal abominável desejo para se submeter a um tratamento inútil?

Barney sentia uma solidão imensa. E se odiava, pois todos odiavam pessoas como ele. Barney não era um monstro, não era um criminoso. Sabia que seu desejo era impossível, jamais tocaria em uma criança. Desejo não se escolhe, Barney sabia que a única escolha possível era não praticar o ato abominável, o ato criminoso.

Imaginava que havia outros e outras como ele, solitários e solitárias. Tantos maridos, esposas, irmãos, irmãs, amigos, amigas, tias, tios, pais, mães que sentiam tal desejo, mas

guardavam o segredo, vergonhoso segredo, desprezível segredo, monstruoso segredo.

Nosso personagem, como já dissemos, sentia ódio de si mesmo. Se lhe dessem a certeza da cura, receberia os choques elétricos, a castração química, tudo para se livrar daquele desejo. Mas desejo não se escolhe, a natureza não pede permissão.

E, vamos ser sinceros, o desejo em si não fazia Barney sofrer. Não era um animal irracional comandado impulsivamente por um desejo. Podia viver feliz em abstinência sexual. Ele se masturbava, não vamos esconder isso, usava a imaginação para habitar em um mundo em que seu desejo era possível, inofensivo, incapaz de machucar.

O que realmente fazia Barney infeliz era o desprezo que todos sentiam por pessoas como ele. Desejo não se escolhe, e Barney gostaria muito de poder escolher sentir desejo por uma mulher adulta, casar e ter filhos com ela, como manda a Bíblia. “Crescei e multiplicai.” É isso? É como se o desejo sexual de Barney não tivesse amadurecido. Ele ficou para sempre com sete anos. Não é tão simples, é claro, Barney não era mais um menino de sete anos.

Nosso personagem não era escravo do desejo, ninguém é, era um ser racional. Sofria por

ser tão odiado. Buscou conforto na religião. Porém, nos templos, pessoas como ele também eram odiadas. Então, guardava seu segredo, debaixo de sete chaves.

Evitava ficar sozinho com meninas. Não porque temesse ser fraco. Não era um animal irracional, já dissemos. Ele tinha medo, medo de que vissem algo em seu olhar, não sabia bem o quê, algo que o revelasse, então ficava longe de meninas.

Nosso personagem era bonito, uma estonteante beleza branca. Alto, porte atlético, lábios finamente vermelhos, nariz proeminente, rosto anguloso, cabelo liso e castanho, olhos verdes. Podia ser um modelo, mas a beleza era, para ele, uma maldição.

Atraía a atenção. Era todo o tempo selvagemente assediado por homens e mulheres. Vivia o conflito daqueles que querem se esconder, mas que não podem se ocultar. Sua beleza era indecente de tão gritante.

Não terminou a universidade, e nem importa dizer aqui o curso em que estava, é algo desnecessário, nem toda informação é necessária. Era um jogador promissor, mas não queria a fama. E foi sua necessidade de mostrar para a sociedade que não era um monstro que o levou a

se tornar bombeiro. Era o melhor, capaz de tudo para salvar velhos, adultos, crianças e animais.

Era admirado por todos da corporação. Mas viam nele um defeito, não tinha esposa. Especulações. Aceitariam se fosse *gay* e tivesse um namorado. Aceitariam. Essa coisa de assexualidade é que não caía bem, não era engolida por ninguém, pois Barney estava cercado de animais sexuais incapazes de entender a ausência de desejo.

Por mais que Barney tentasse ser útil e cumpridor de seus deveres como cidadão, havia sempre a dúvida das pessoas em relação a ele. Desconfiavam, queriam descobrir o segredo do homem perfeito, destruir a perfeição, pois é humano odiar o que é perfeito.

Medo, um medo aterrador acompanhava Barney todos os dias. Medo de que descobrissem seu desejo. Não era um criminoso, apenas sentia um desejo impossível. E isso fazia dele uma ameaça, alvo de incompreensão e ódio. Ele também se odiava, já dissemos.

Nosso personagem é apenas um personagem. Se fosse real, incomodaria aqueles que vivem de dedo em riste, com o ódio nos olhos e na boca. Essa gente quer que chamemos Barney de monstro, aberração, criminoso, quer que digamos que ele trama nas sombras, que ele

abusa de crianças, que ele é mau e que escolheu ser mau.

Barney, no entanto, era um bombeiro exemplar, um amigo exemplar, um irmão exemplar, um cidadão exemplar, um filho exemplar. Aliás, cuidou do pai quando este lutava contra um câncer. Às vezes, o sofrimento do pai era de fazer chorar. Mas, em outros momentos, havia certa calmaria, o câncer meio que fingia não existir.

O pai de Barney estava no quarto. Lia o conto *Davi e Jônatas*, quando nosso personagem entrou.

— Está na hora do seu banho, pai.

Tão fraco, o pai precisava da ajuda do filho para tudo. Ele baixou o livro, olhou agradecido para o filho.

— Senta aqui, meu filho.

Barney obedeceu. O pai segurou a mão do filho e revelou:

— Sei do seu segredo. Sua mãe me contou antes de morrer. Desde então, eu te vigio, meu filho, receoso de que cometa um desses atos abomináveis. E agora sei que você jamais tocaria em uma criança, dessa forma, você sabe.

Barney começou a chorar, mas o pai não gostava de explosões emocionais.

— Chega disso, chega disso, vamos ao banho.

Enquanto Barney enxugava as lágrimas, o pai falou:

— Ninguém escolhe o próprio desejo.

Dias depois, foi derrotado pelo câncer. E Barney continuou com a vida rotineira. Mas estava esgotado, cansado de ser o que era, porque sabia que todos o odiavam. Havia quem dissesse que seu desejo era mais um tipo de orientação sexual. Mas Barney sabia que não era tão simples assim, já que seu desejo era impraticável.

Ele só queria fugir, ir embora, deixar de desejar, ansiava mesmo o oposto, ser o odiador, de dedo em riste e pronto para acender a fogueira. Estava cansado da omissão de psiquiatras, psicanalistas e psicólogos. Barney não era irracional, não era criminoso, não era monstruoso.

Estava cansado do sensacionalismo jornalístico que transformava seu desejo em espetáculo de entretenimento. “Preso por abusar...”, “preso por abusar...” Não queria mais que o vilão da série policial de sucesso fosse detentor daquele desejo. Abominava estereótipos.

Muita gente acha que é fácil morrer. Quem já pensou em tirar a própria vida, quem já tentou se matar, sabe que é difícil morrer. Achar uma forma eficiente e pouco dolorosa não é tarefa fácil. O

único suicida competente é o médico, conhecedor da dose certa.

John Barney, nosso personagem, não quis deixar uma carta suicida. Não quis que ninguém soubesse de seu desejo abominável. Não adiantava dizer que nunca foi um criminoso, que nunca tocou em uma criança, que não era um animal irracional. Isso seria inútil, pois só o fato de ser portador do tal desejo abominável o tornaria repugnante aos olhos de todos.

Ao saberem de seu segredo, esqueceriam que foi bom filho, bom amigo, bom irmão, bom profissional, bom cidadão. Nada disso importaria, nem o fato de que jamais tocou em uma criança, nada disso importaria. O crime é o ato, não o desejo. Nada disso importaria. Declarar seu desejo colocaria sobre sua história a dúvida. Se ele tentasse se defender em carta suicida, seria lembrado para sempre como a aberração, o monstro, o desprezível, o asqueroso Barney.

Após ler a sinopse do romance que eu pretendia escrever, meu editor me chamou à sua sala.

— Você é uma escritora famosa. Pra que escrever sobre esse tipo de coisa?

— E por que não?

Ele se mostrou paciente, como um mestre diante de um discípulo:

— Se você vivesse na Idade Média e escrevesse um livro que humanizasse as bruxas, o que aconteceria?

— Diriam que sou bruxa e me queimariam na fogueira.

— Está disposta a enfrentar a Inquisição? Pois eu não estou.

— Tantas bruxas que não são bruxas.

— E tantas bruxas que não fazem bruxaria... Tá, tá, tá! Eu sei, eu sei, não sou nenhum ignorante. Percebo a insanidade da caça às bruxas.

Entendi seu ponto de vista e, antes de sair, eu quis saber:

— E se meu romance fosse sobre uma perversa bruxa devoradora de criancinhas?

— Deixemos de metáforas, isso cansa.

— Você publicaria?

— Se o Barney fosse um vilão perverso, é claro que eu publicaria. Seria um sucesso, não tenho dúvida.

— E quem disse que Barney não é um vilão?

— Veja se entendi. Você quer deixar uma coisa dúbia, uma suspeita sobre ele?

— Pode funcionar.

Ele pensou por alguns segundos e depois concluiu:

— Não, esquece. Dúvida é cansativo. Os leitores querem ter certeza de que o mal pode ser identificado, rotulado, atacado, punido e eliminado da face da terra. Barney deveria ser cruel, de preferência viado e preto. Assim, os leitores achariam mais crível.

— A comunidade ele-gê-bê-tê-quê-i-a-pê-ene-mais e os grupos de defesa dos direitos das pessoas pretas não vão gostar.

— É verdade, os tempos são outros — ele concordou, com certa decepção. E depois, falou: — Ele pode não ser viado nem preto. Talvez funcione, desde que seja um desprezível vilão.

Em casa, li uma crítica positiva sobre meu último romance. O tal crítico dizia que meu ponto de vista acerca da realidade é sempre *sui generis*. Ele quer dizer com isso que sempre vejo um lado da história que a maioria prefere ignorar. Sempre fui assim. Desde pequena, eu questionava. Por que todo mundo pensa do mesmo jeito? Um rebanho com antolhos.

Meu filho estava na escola. Meu marido, no trabalho. Escritoras não deviam se casar nem ter filhos. É difícil às vezes nadar contra a correnteza. Descobri muito tarde que escritoras devem viver sozinhas. Sou todo o tempo requisitada pelo meu marido e pelo meu filho. Mas a minha arte é egoísta, quer atenção integral.

No caminho para casa, um novo romance se formava nesta mente escritora. Era sobre uma mulher, uma mulher, uma mulher que, uma mulher igual a todas as outras, mas uma mulher que.

No dia seguinte, meu marido foi embora de casa para viver com seu melhor amigo. Sim, eles tinham um caso havia cinco anos. E agora meu marido, ou melhor, meu ex-marido assumia essa relação para ser feliz. Eu fiquei aqui. A mãe fica com o filho, enquanto o pai fica com o prazer e a felicidade.

Eu não estava triste com a separação. Nossa relação já tinha esfriado havia dois anos. Estávamos apenas com preguiça de dar o próximo passo. Mas fiquei um pouco melancólica, com aquela sensação de fracasso.

Depois que meu marido me deu a notícia, fez as malas e partiu, recebi a ligação de meu editor. Se eu transformasse o Barney em um vilão, ele podia publicar. Estava empolgado com a ideia, as pessoas precisam de monstros para odiar. E que mal há em dar vida a eles de vez em quando?

Nosso personagem nasceu nos Estados Unidos. Membro de uma liberal família de ateus. Tinha sete anos quando se apaixonou por uma menina de sete anos. O primeiro amor. Passou,

pois os amores passam. Quando tinha quinze, ficou fascinado por uma menina de sete anos.

Com toda a perversidade impossível, desejou machucar a criança e, com prazer, contou para a própria mãe que desejava loucamente a tal menina. Pela primeira vez, viu aquele olhar de asco, total desprezo e incompreensão.

— Ela é uma criança!

Nosso personagem, ingenuamente, achava que a mãe o apoiaria em sua deformação moral. A reação da mãe fez com que Barney entendesse que precisava ser dissimulado e não mostrar sua monstruosidade. Matou a mãe uma semana depois de ela conhecer seu terrível segredo. Foi eficiente, não deixou rastros.

Na universidade, conseguiu uma namorada. Logo se casaram e tiveram filhos. O que ela não sabia é que Barney mantinha um lugar secreto, aonde levava suas vítimas para torturá-las, abusar delas e depois matá-las. Infelizes meninas que tinham o azar de cair nas garras do asqueroso Barney.

Davi e Jônatas

É Samuel que nos conta que o ruivo e belo Davi, filho de Jessé, foi o escolhido do deus Jeová para reinar sobre Israel. Por isso, quando Saul, rei de Israel, passou a ser perseguido por um mau espírito, Davi foi escolhido para tocar harpa para o rei, pois isso afastava o mau espírito.

Mais tarde, em guerra contra os filisteus, Davi enfrentou o campeão Golias. O filisteu tinha aproximadamente seis côvados de altura. Golias (todo coberto de bronze: capacete, couraça etc.) propôs aos israelitas que escolhessem entre eles um homem para o enfrentar. Se Golias fosse derrotado, os filisteus se tornariam escravos dos israelitas. Mas se vencesse, os israelitas seriam escravos dos filisteus.

Davi era ambicioso e sabia que o homem que vencesse o confiante Golias cairia nas graças do rei de Israel. O jovem então convenceu o rei de que ele, Davi, podia vencer Golias. O filisteu sentiu desprezo por Davi, quando viu aquele belo e jovem ruivo. Então Davi pegou uma pedra e, por meio de uma funda, arremessou-a em direção a Golias, acertando-lhe a testa.

A pedra entrou em sua testa, e o filisteu caiu ao chão. Então o jovem correu até ele, pegou uma espada e o matou. Depois cortou-lhe a cabeça.

Desde então, o rei manteve Davi junto dele, não o deixando retornar à casa paterna.

E Jônatas, filho do rei Saul, passou a amar Davi como amava a si próprio. Como sinal de amor a Davi, Jônatas abriu mão do manto, da roupa de combate, da espada, do arco e do cinturão, e deu tudo isso ao amigo amado.

Davi tornou-se um herói para o povo, e isso despertou a inveja e o ressentimento do rei, que passou a ver no rapaz um inimigo. Porém, a filha do rei, Mical, também amava Davi, e o rei consentiu que se casassem, pois tinha esperança de que, ao ser seu genro, Davi virasse alvo dos filisteus. O rei também tinha medo do rapaz, pois tudo indicava que ele tinha a proteção divina.

Quando Saul pediu ao filho Jônatas para matar Davi, Jônatas foi logo contar ao amigo, pediu-lhe que tomasse cuidado. Por fim, Jônatas acreditou ter convencido o pai a não matar o rapaz. Porém, tempos depois, o rei jogou uma lança contra Davi, enquanto este tocava a harpa. Davi desviou-se, e a lança cravou-se na parede. O rapaz então fugiu, com a ajuda de sua esposa Mical.

Jônatas, que amava Davi com toda a alma, foi até ele e disse:

— Por você, farei o que você mandar.

E os dois homens fizeram uma aliança.

Saul percebeu o amor de Jônatas por Davi. E, durante um banquete, disse estas encolerizadas palavras a seu filho:

— Rebelde! Sei que você tem preferências por Davi, o que é uma vergonha para você. Pois fica sabendo que, enquanto Davi estiver vivo, nem você nem o seu reino estarão seguros. Ele deve morrer.

Então Jônatas foi até onde estava escondido Davi para o prevenir. Lá chegando, eles se beijaram e choraram, pois Davi precisava ir embora para não morrer.

Em Nob, Davi recebeu a espada de Golias das mãos do sacerdote Aimeleque. Sabendo disso, Saul mandou matar Aimeleque e todos que viviam em Nob, a cidade dos sacerdotes. Só Abiatar, filho de Aimeleque, conseguiu escapar. E foi para junto de Davi, que era um fugitivo perseguido pelo rei Saul.

Quando Davi estava em Horcha, Jônatas foi ao seu encontro:

— Não tenha medo, Davi. Você será o rei de Israel.

Mais tarde, Davi tomou Abigail como segunda esposa e Ainoã como terceira esposa. Mas Saul deu Mical para Palti, filho de Lais. Então Davi foi para Gate, terra dos filisteus. Ao saber disso, Saul desistiu de caçar Davi. Em Ziclague, cidade

filisteia, Davi permaneceu durante um ano e quatro meses.

Durante esse período, Davi e seus homens saquearam alguns povos e não deixaram nem homem nem mulher vivos para contar a história. Logo os filisteus novamente entraram em guerra contra Israel. E Davi estava do lado do rei filisteu Aquis. Porém, os outros chefes filisteus rejeitaram Davi, não quiseram que lutasse com eles, tinham medo de que ele os traísse.

Três dias depois, ele e seus homens chegaram a Ziclague, viram que a cidade tinha sido invadida e incendiada pelos amalecitas, os quais levaram seus habitantes como escravos, incluindo as esposas de Davi. Então, ele e seus seiscentos homens partiram no encalço dos amalecitas. E conseguiram resgatar todas as pessoas que foram levadas para serem escravas, inclusive as esposas de Davi.

Uma vidente disse que o espírito do profeta Samuel revelara que, no futuro, alguém leria uma história, em um novo idioma, chamada *A síndrome*. Sem entenderem o que isso significava, essa mulher foi considerada louca.

Os filisteus massacraram os israelitas e mataram os filhos de Saul, incluindo Jônatas. Por fim, Saul foi gravemente ferido. Mas não queria ser humilhado pelos filisteus. Então pediu a seu

escudeiro que o matasse com a espada. O escudeiro não quis obedecer. Saul então pegou uma espada e caiu sobre ela. O escudeiro fez o mesmo e morreu ao lado de seu rei.

Davi soube da morte de Saul e Jônatas por meio de um homem de roupas rasgadas. Ele era amalecita e tinha fugido do acampamento de Israel. Após cair sobre a espada, Saul ainda agonizava e pedira ao amalecita para o matar. Após matá-lo, o jovem pegara o diadema de sua cabeça e o bracelete do seu braço para levar a Davi.

Então Davi e seus homens lamentaram e choraram a morte do rei e de Jônatas. Davi mandou matarem o jovem amalecita por ter ousado matar o rei, um ungido de Jeová. Sofrendo pela morte do rei e de Jônatas, Davi cantou a lamentação chamada *O arco*, que sobre Jônatas dizia:

— Sofro por ti, Jônatas, meu irmão. Pois você era muito querido. E o seu amor por mim era mais deslumbrante do que o amor das mulheres.

Davi então foi para Hebrom, onde foi ungido como rei.

Jônatas deixara um filho de cinco anos chamado Mefibosete (ou Meribaal). Essa criança tinha deficiência em ambos os pés, e coxeava. Anos depois, Davi buscou saber se existia algum

sobrevivente da casa de Saul, com intenção de ajudá-lo em amor a Jônatas.

E mandou buscarem Mefibosete (ou Meribaal) e deu-lhe as terras que pertenciam a Saul e ordenou-lhe que comesse sempre à mesa com ele. Então o filho de Jônatas passou a comer à mesa do rei, como se fosse um dos filhos dele.

A síndrome

Terça-feira, 3 de maio, 1983. Mais uma vez, corrigi Verônica. É AIDS, eu disse, não é câncer guei. Síndrome da Imunodeficiência Adquirida. Mas como chamar a doença é coisa de menos importância. A verdade é que uma nuvem negra paira no ar. Alguns amigos gueis dizem que a síndrome não existe, que é uma mentira inventada para nos reprimir e criar pânico e desconfiança entre nós.

Sexta-feira, 27 de maio, 1983. Encontrei Denílson na rua. Ele capinou o quintal aqui de casa no mês passado. Pois é, estava dormindo na rua porque a mãe chegou em casa e encontrou ele trepando com um rapaz. A mulher fez um escândalo, mandou ele sair de casa. Fiquei com pena, é um bom rapaz. Trouxe ele aqui para casa. Eu tinha um quarto sobrando. Ele é lindo! Mas, mesmo que ele quisesse algo comigo, eu jamais ousaria. Estou com cinquenta anos, ele só tem vinte e três. Não gosto mais do meu corpo. Eu era tão bonito, e agora nem consigo me olhar no espelho. A decadência do meu corpo me entristece. Denílson só pode ser meu amor platônico.

Segunda-feira, 20 de junho, 1983. Verônica foi assassinada no sábado à noite. Um jornal colocou a notícia na primeira página: TRAVESTI É ASSASSINADO COM VINTE FACADAS. O assassino disse que matou Verônica porque ela o enganou, fingiu ser mulher. Logo o desgraçado vai estar solto. Minha amiga é a vítima, mas está sendo tratada como se fosse culpada pela própria morte.

Quarta-feira, 13 de julho, 1983. Hoje a biblioteca estava vazia. Férias escolares, não tinha nenhum aluno fazendo pesquisa. Ainda bem, pois a Lídia faltou, está doente, e ela é que sabe manter a ordem no lugar. Sou muito permissivo, não tenho autoridade sobre crianças e adolescentes. O único movimento foi de gente para entregar ou pegar livro. A Laura ficou lá no canto dela, consertando os livros estragados. Não suporto essa crente. Um dia ela me disse que vou para o inferno, que gente como eu não tem salvação. “Do que você tá falando?”, perguntei. Ela apenas sorriu e se afastou. Lídia também não gosta dela, às vezes até ri do jeito da Laura, a saia longa, o cabelo comprido, o rosto sem maquiagem. “Ainda bem que sou católica”, a Lídia me disse um dia. “Imagina não poder se maquiar!” A Lídia é muito vaidosa.

Terça-feira, 2 de agosto, 1983. Denílson está trabalhando como pintor de paredes. Ele é bom no que faz, é caprichoso. Mas precisa ser mais profissional em relação aos seus clientes. Se tem oportunidade, trepa com o dono ou dona da casa em que está trabalhando. Sim, ele é bissexual. É bonito de doer os olhos. Alto, porte atlético, negro, boca grande, nariz grande, um exagero de homem bonito. E acaba realizando a fantasia de algumas pessoas que sonham em trepar com um pintor de paredes. Ele é um safado! Falo de sexo, não de caráter. Queria pagar aluguel pelo quarto. Eu não aceitei, mas concordei em dividir a conta de luz e de água. Acho que estou apaixonado. Mas me contento em dividir uma casa com ele e ver a gratidão em seus olhos. Nem todo mundo pode ter uma *love story*.

Quinta-feira, 4 de agosto, 1983. A peste guei, ou melhor, a AIDS chegou mesmo ao Brasil. Estou com medo. Medo não, pânico! Já aproveitei bastante. A partir de agora, só vou bater punheta, nada de contato. Mas me preocupo com Denílson, ele é jovem, tem muito fogo. Como dizer para alguém que ele não pode ser feliz? E, não sei se é impressão minha, mas tem muita gente da vizinhança me olhando de um jeito estranho.

Sempre fui o “viado” da rua, mas agora está diferente. Não sei, talvez eu esteja paranoico.

Domingo, 1 de janeiro, 1984. Ontem, fui dormir às dez da noite. Mas o Denílson dormiu fora, passou a virada de ano na casa de “uns amigos”. Acordei à meia-noite com os fogos e os gritos de alguns vizinhos. Tenho poucos amigos, e todos decidiram viajar. No Natal, Denílson ficou aqui comigo. Fiz um frango assado e farofa. Essa foi nossa ceia, regada a cerveja. Ficamos bêbados e dormimos no chão, abraçados. No outro dia, meu corpo doía feito quê. Depois que meus pais morreram, meus Natais não têm mais graça. Mas foi bom dividir um frango com o Denílson. Gosto mesmo dele, um gostar que ultrapassa o desejo carnal. Talvez eu tenha por ele um amor paterno meio incestuoso.

Quinta-feira, 29 de março, 1984. A Laura é a favor da ditadura. Ouvi ela falando para a Lídia que esse povo que está indo às ruas para pedir eleições diretas não é gente de Deus. Disse que odeia a Fafá de Belém, que a Fafá é uma “despudorada”. Foi essa palavra que ela usou: “despudorada”. Pois eu amo a Fafá. Engraçado ouvir as pessoas falando em “povo”. Quem é que é o povo afinal? No meu bairro, ninguém

participou de manifestação nenhuma. Acho que a maioria nem sabe que vivemos em uma ditadura ou qual é a diferença entre ditadura e democracia. O “povo” do meu bairro só sabe trabalhar, ir à igreja, tomar cerveja nas folgas, falar de futebol e assistir às novelas da Globo.

Terça-feira, 15 de maio, 1984. Denílson está tendo um caso com um homem mais velho. O tal homem tem a minha idade. E isso me provoca ciúme. Apesar de eu não querer ter um caso com Denílson, pois tenho vergonha do meu corpo, não posso evitar esta sensação estranha. Mas eu sei que Denílson não gosta do cara. Ele só está com ele pelo dinheiro, pois o tal coroa é rico. Tenho vontade de dar uma lição de moral em Denílson, pois não é certo ficar com alguém por dinheiro. Ele está se comportando como um garoto de aluguel, uma puta. Está sempre com roupa nova e até me deu um presente, uma camisa caríssima. Acho que estou com medo de que ele vá embora daqui para morar com o outro. Eu me apeguei bastante ao Denílson, vou sentir sua falta. E quem sou eu para dizer o que ele deve ou não fazer? É jovem e quer aproveitar a vida. Quem pode culpá-lo por isso? Ele pode estar trepando com o coroa, mas isso não impede que ele tenha um milhão de outros casos. Talvez eu não esteja com ciúme,

mas sim com inveja de sua juventude e beleza. E do poder que essas coisas lhe dão.

Sábado, 17 de novembro, 1984. A Ursa veio até o portão da minha casa só para dizer que não vai deixar seus filhos brincarem no meu passeio. (Ela me faz um grande favor!) Mas o motivo é que eu e o Denílson, segundo ela, somos dois aidéticos. O nome dela é Úrsula, mas todos a chamam de Ursa. No final das contas, ela é mais Ursa do que Úrsula mesmo. Ela também disse que o padre da igreja do bairro falou que “essa doença” é castigo de Deus, pois a Bíblia diz que homem não se deitará com homem e besteiras do tipo. Deixei o catolicismo quando tinha vinte anos. E não sei por que ainda acredito em Deus. Qual deus? Afinal, o deus da Ursa não parece ser o mesmo deus em que eu creio.

Segunda-feira, 18 de fevereiro, 1985. Tive um pesadelo. Eu corria, corria, corria, mas parecia não sair do lugar. Então ouvi, às minhas costas, um sibilar de serpente que dizia sssssíndrome sssssíndrome sssssíndrome... Quando me virei, ela deu o bote. Acordei, suado e assustado. Acendi a luz do quarto. Meu despertador indicava três horas da manhã. Por um momento, acreditei que ela estava debaixo da cama. Mas não tinha

nada lá. Deitei-me e, com a luz acesa, voltei a dormir.

Sábado, 15 de junho, 1985. Comprei um vaso com uma plantinha. Quem me vendeu disse o nome, mas me esqueci. É verde, muito verde, e emite um cheiro que me acalma. Tenho certeza de que ela tem consciência. Ela sabe, entende que é e onde está. Só não sei se entende português. Qual a língua dessa planta? Nem sei se ela pode me ouvir ou se apenas sente a vida por meio do toque. Ela está ali enraizada, à mercê. Se sente dor, não sei. Sei apenas que é um ser consciente com quem eu gostaria muito de me comunicar.

Terça-feira, 6 de agosto, 1985. Um adolescente, acho que ele tem uns quinze anos, vai à biblioteca toda semana para entregar e pegar livro emprestado. Hoje ele entregou um livro de contos e disse para eu ler o conto *A costela que nos une*. Ele falou que estava impressionado com o conto, que só pensava nele e me sorriu de forma enigmática. Procurei e procurei o tal conto no livro e não encontrei. Não tinha esse conto no livro. O rapazinho só podia estar gozando com a minha cara. O livro é de um

autor que eu não conhecia. Como é mesmo o nome dele? Wesley alguma coisa. Ah, sei lá.

Segunda-feira, 16 de dezembro, 1985. Não tem clima para Natal. A epidemia de AIDS se espalhou pelo país. Está todo mundo apavorado. Até os heterossexuais, pois eles estão sendo contaminados por transfusão de sangue, sem falar dos homens casados que gostam de transar com homens ou travestis de vez em quando, e passam a doença para as esposas. Não é só mais o grupo de risco que corre perigo. Mas, é claro que todos culpam os gueis pela transmissão. E quando alguém fica doente, se não for guei, paira sobre ele a desconfiança dos moralistas. Meu amigo Clézio pegou. Hospitais que têm convênio com o INAMPS não estão aceitando pacientes com AIDS. A irmã dele foi de hospital em hospital, e todos recusaram atendimento. Clézio morreu em casa, uma coisa triste de se ver, algo muito revoltante.

Terça-feira, 17 de dezembro, 1985. Tenho certeza de que Denílson está com AIDS. Está muito magro e com umas manchas no corpo. Mas ele não quer procurar médico, tem medo de ser humilhado. Sabemos, por amigos, que bichas pobres são humilhadas por alguns médicos, que,

insensíveis diante de seu sofrimento, fazem piadas ofensivas e comentários cruéis. Denílson está deprimido, não sai do quarto. E não sei o que fazer. Fui até a casa da mãe dele para ver se ela pode ajudar. Ela disse que ele está sendo castigado por Deus, que procurou pela doença. E que eu também vou para o inferno. Ela deve achar que nós trepamos. Mas nunca trepamos, ainda bem.

Quarta-feira, 18 de dezembro, 1985. Que ano maldito este! No rádio, nos jornais, na tevê, tem gente estimulando o povo a agredir gueis e travestis. Nas ruas, chamam a gente de “peste guei”. Somos vistos como um perigo. Júlio me contou que o cara da farmácia não quis aplicar uma injeção nele, com medo de pegar AIDS. Júlio não está doente, mas é muito bicha, então o cara da farmácia não quis aplicar. Os vizinhos me olham com desconfiança, acham que vão pegar a doença se ficarem perto de mim. No trabalho, até a Lídia está com medo, evita ficar perto de mim, enquanto a Laura sorri com os olhos, feliz por gente como eu estar recebendo a “ira de Deus”.

Sexta-feira, 20 de dezembro, 1985. Toda hora surge o boato de que alguma pessoa famosa está com AIDS. Se é homem, estar com AIDS significa

ser guei. E alguns enrustidos têm mais medo de que descubram sua gueizice do que de contrair a doença. Aliás, tem gente com AIDS que, no desespero, está cometendo suicídio.

Quarta-feira, 5 de março, 1986. Denílson teve febre a noite toda. Estava tão magro! Tinha dificuldade para respirar também. Eu andava desesperado fazia alguns dias, sem saber como ajudá-lo. Eu sabia que ele estava morrendo e eu queria que ele tivesse algum alívio nos momentos finais. Não tinha amanhecido ainda quando pedi a um amigo para nos levar em seu carro até um hospital. Lá, só humilhação e descaso. Olhavam para Denílson com asco e recriminação. Não quiseram atendê-lo. Sentei-me no corredor, ele deitado no meu colo. E ali, ele morreu.

Quinta-feira, 8 de maio, 1986. Hoje acordei com memória futura. Lembro-me de tudo que vai acontecer comigo a partir de hoje até o dia de minha morte, em 2020, quando morrerei de covid-19. Se eu contar para alguém, ninguém vai acreditar em mim. E nem sei por que escrevo isto aqui, pois estas palavras também nunca serão lidas antes de eu morrer. E, depois de minha morte, podem supor que menti. A partir de agora, viverei em completo tédio, pois sei de tudo que

vai acontecer, sem novidade. Mas, assim como a memória passada, a futura também pode ser esquecida. Não vou me lembrar de tudo. E recordarei certas coisas quando elas acontecerem, em verdadeiro *déjà-vu*. Sei como será o mundo nas próximas décadas, não posso mais ter esperança.

A costela que nos une

Diz um antigo e controverso texto que certo deus, em um dia de tédio, resolveu criar um planeta ao qual deu o nome de Éden. Depois de criar animais e plantas para habitá-lo, ainda sentia tédio e decidiu criar um animal a quem ele chamou de “homem”. O homem, feito do barro daquele planeta, logo se mostrou triste e entediado por ser único, mas à imagem e semelhança do criador.

O tal deus então decidiu tirar um pedaço da costela desse homem e criar outro homem. Para diferenciá-los, chamou o primeiro homem de Adão e o segundo de Ivo. Mas avisou-lhes: não comam do fruto proibido. Havia, no entanto, um pintinho amarelinho e saltitante, que pulava de galho em galho em todas as árvores, enquanto piava:

— É gostoso o fruto proibido!...

Ivo, muito curioso, resolveu descascar o fruto amarelo e sentir o seu gosto. Como amava Adão, queria que ele sentisse o mesmo prazer. Assim, Adão também comeu do fruto proibido: uma deliciosa, grande e suculenta banana. Ao comê-la, os dois homens tiveram a consciência de como criar um homem por meio de uma costela. Aí foi a festa! O planeta Éden se encheu de homens, de todos os tipos, tamanhos, cores e gostos.

Como vingança por ter sido desobedecido, o tal deus fez esses homens sentirem a insatisfação. Nunca estariam satisfeitos, buscariam sempre mais, até se cansarem e desejarem a morte diante da falta de sentido da vida. Quanto ao pintinho, foi transformado em uma imensa banana mole, condenada a rastejar pelo planeta.

Passaram-se anos, décadas, séculos e milênios. Os homens continuaram a tirar outros homens de suas costelas. Amaram, odiaram, perderam-se em crenças, criaram sistemas governamentais e econômicos, promoveram o desenvolvimento tecnológico. O planeta ficou superpovoado, cheio de lixo (fruto da insatisfação), poluição e violência. Ele era dividido em vários países, com características diversas e um pulsante desejo de guerra. Em um deles, moravam os verdadeiros protagonistas desta história.

Edson nasceu no subúrbio de um país em desenvolvimento. Os pais eram pobres. Edson tinha um irmão. Ambos os pais trabalhavam, e Edson, com dez anos de idade, tinha a responsabilidade de cuidar do irmão mais novo. Desde cedo, Edson foi um observador. Gostava de analisar as pessoas.

Percebia os pormenores de cada movimento, de cada palavra, de cada voz. E gostava de reproduzir, em seu corpo, todas aquelas sutilezas. Com quinze anos, ingressou em um grupo de teatro nascido na escola. Os colegas ficavam impressionados com sua habilidade. Mais do que habilidade: talento para imitar. Mais do que imitar: interpretar.

Tinha dezessete anos quando conseguiu seu primeiro emprego. Durante o dia, trabalhava como auxiliar de escritório. À noite, cursava o último ano do ensino médio. Sabia que fazer faculdade era para quem tinha tempo e dinheiro. Precisava trabalhar para ajudar nas despesas de casa.

Nesse primeiro ano como trabalhador, teve seu primeiro namorado. Trabalhava na mesma empresa e era dois anos mais velho do que Edson. Com ele, Edson perdeu a virgindade e achou que tinha encontrado a tal alma gêmea de que falava um tal filósofo grego. Mas o romance não durou mais do que um ano.

Era bonito, mas ainda não tinha consciência da própria beleza. Alto, magro, empertigado, branco, cabelo preto e liso, olhos pretos e amendoados ao estilo oriental, nariz levemente adunco, boca pequena. Sua pele tinha um cheiro naturalmente agradável.

Com dezenove anos, conseguiu um pequeno papel em uma telenovela. Ficou famoso no bairro, o que muito o incomodava. Não gostava de gente, preferia manter distância, mas os habitantes do bairro periférico onde morava começaram a invadir seu espaço. Logo despertou o ódio deles, que o achavam antipático por não sorrir e somente agradecer seriamente qualquer elogio.

Foi um alívio quando seu personagem foi assassinado. Meses depois, sua fama desvaneceu-se. Mas Edson continuou a fazer teatro. Desde o início, impressionava seus colegas atores. Era sério e vivia afastado de todos, falava só o necessário. Mas, ao entrar no palco, se transformava em seu personagem, fosse ele cômico ou trágico.

Era impressionante. Mostrava no palco seres muito distintos dele. Mas era só sair do palco, que a seriedade tomava seu corpo. Era como uma máquina de atuar. E o diretor do seu primeiro filme percebeu isso. Logo começou a ser convidado para interpretar papéis importantes no cinema, no teatro e na tevê. E se mudou de bairro.

O dinheiro entrava e lhe dava a oportunidade de ter prazer, silêncio e conforto. Não tinha fãs, pois seu jeito sério, entediado, superior, despertava a antipatia das pessoas. Não era,

portanto, incomodado por elas. Era o maior ator do país.

Quando tinha trinta anos, notou a protuberância que crescia junto à sua costela. Recorreu ao aborto, não queria ser pai. O tema dividia o país. Até mesmo entre os religiosos. Alguns deles eram a favor do aborto e usavam o argumento de que o poder de criar outro ser era exclusivo de deus. Outra corrente religiosa defendia que se deus criou o segundo homem da costela do primeiro é porque queria que procriássemos.

Foi após o aborto que começou a namorar o famoso jogador de futebol. Orson era seu nome. O jogador de futebol mais odiado do país. Orson era inteligente e intelectual. Comia livros como arroz e feijão, e se nutria do mais profundo saber e da pura imaginação. Orson até leu o conto *O chefe sul-coreano*!

Não gostava de futebol. E dizia isso aos quatro cantos. Então por que jogava futebol?

— Porque sou bom nisso — ele respondia, sem falsa modéstia.

E era mesmo. Uma máquina de jogar bola. Seus pés pareciam ter vida própria, ligados diretamente a um cérebro que parecia um computador e calculava cada movimento em modo automático. Era um goleador. Mas era

odiado, pois criticava seus colegas, um bando de religiosos ignorantes, amantes do totalitarismo.

A torcida, para Orson, era um bando de alienados, escravos da paixão e do autoritarismo. Enriqueciam os donos dos clubes. A imprensa, Orson achava tão patético aquele bando de homens barbados comentando coisas de futebol como se fosse algo realmente sério. Ah que besteira! Tanto problema sério a ser discutido...

E não adiantava um colega ressentido tentar boicotá-lo. Orson abria o jogo. O fulano deixou a marcação “foder comigo”, estava pouco se lixando para o jogo, coloquem a culpa nele.

E quando lhe perguntavam se não tinha medo de ser demitido, ou melhor, expulso do futebol devido a suas declarações, respondia:

— Sou o melhor. Dou muito dinheiro para os “donos da bola”, se é que me entende. Mas se não me quiserem, que se fodam. Já estou rico e tenho dois doutorados, um em Física e outro em Filosofia.

E era verdade. Orson era doutor. E tão bonito! Preto, alto, corpo atlético, obviamente. Cabelo crespo e brilhante. Olhos muito pretos e grandes. Nariz grande e boca carnuda. Uma beleza estonteante.

Edson e Orson moravam juntos havia dois anos. Decidiram oficializar a união. Não

acreditavam em convenções. O casamento era apenas uma burocracia: assinaram um documento e seguiram a rotina do dia. Por que se casaram? Queriam ser oficialmente responsáveis um pelo outro e, assim, poder tomar decisões caso um deles ficasse de alguma forma incapacitado.

Odiavam o país onde nasceram. E se mudaram para um dos poucos países dignos de se viver no planeta Éden. Em T4, eles foram realmente felizes.

Vamos agora mostrar como era viver em T4, um país democrático.

Educação. As salas de aula abrigavam, no máximo, dez alunos. As turmas não eram fixas, mas divididas por disciplinas. Não existiam escolas particulares, pois educação não deve ser comercializada. Todas as inúmeras escolas do país eram públicas. E seus educadores, muito bem-selecionados, tinham autonomia pedagógica e respeito da comunidade, os pais não interferiam na educação.

Durante a manhã, crianças e adolescentes tinham aulas regulares. Na parte da tarde, os alunos podiam participar de atividades diversas, relacionadas a várias áreas do conhecimento, ou fazer atividades físicas. Mas os alunos que não estavam tendo os resultados desejados, tinham,

durante a tarde, aulas particulares, na escola, com os professores da escola, um ensino individualizado.

Os alunos que fossem reprovados em algum conteúdo, repetiam as aulas desse conteúdo no ano seguinte. Após o fim do ensino básico, alunos que tivessem tido dificuldade em um ou mais conteúdos durante sua vida escolar, recebiam mais um ano escolar, focado em tais conteúdos.

Os outros podiam optar por um curso técnico ou universitário. Tudo dependia, também, do seu currículo escolar. Aqueles que não estivessem aptos nem a um curso técnico, nem a um curso universitário, estavam destinados a centros de treinamento, onde aprendiam a exercer trabalhos mais simples, que não exigiam nem conhecimento técnico nem acadêmico.

Todos em T4 tinham dois dias de folga e trabalhavam quatro horas por dia apenas, com salário fixo, igual, não importava em que função, não importava se básica, técnica ou acadêmica. Era um complemento da renda, pois todos os cidadãos passavam a receber uma renda mínima ao entrarem na maioridade. Portanto, não existia aposentadoria em T4.

Isso não quer dizer que as pessoas trabalhavam até a morte. Se paravam de trabalhar, recebiam apenas a renda mínima.

Porém, o custo de vida em T4 era baixo e a renda mínima suficiente. O país investia em empresas nacionais. Elas não pagavam impostos, pois parte do lucro das empresas era repassada ao Estado. Quanto mais lucro, mais o Estado ganhava. E cada cidadão que trabalhava pagava uma porcentagem mensal de seu salário como imposto ao Estado. As coisas funcionavam em T4.

Os tquatrenses valorizavam as horas de lazer, o tempo para ler, ver filmes, ir ao teatro etc., não eram escravos do trabalho. E todos eram comprometidos com o bem-estar geral, pois entendiam que o país ia bem quando todos estavam bem. Essa consciência vinha da boa educação que recebiam, a qual estimulava a busca de conhecimento, a empatia e a harmonia entre os cidadãos.

Limpeza urbana. Em T4, ocorria a coleta seletiva de lixo. Em todos os bairros, havia pontos de coleta, aos quais os moradores levavam o lixo separado para reciclagem. Além disso, a limpeza das ruas e das calçadas era feita por robôs, bem como a capina e a poda de árvores, quando necessárias.

Saúde. Os hospitais possuíam quartos individuais, com banheiro. Não existiam hospitais ou clínicas particulares, pois saúde não deve ser comercializada. Todos os inúmeros hospitais e

clínicas do país eram públicos. E seus médicos, enfermeiros e demais funcionários eram muito bem-selecionados.

Consultas de rotina eram de responsabilidade das clínicas. As consultas eram marcadas por aplicativos de celular, com um prazo de uma semana, no máximo. Ali atendiam todas as especialidades, incluindo odontologia. Já as urgências ou emergências eram atendidas nos hospitais.

O sistema de saúde era organizado e eficiente. Cirurgias eram feitas com o prazo de, no máximo, um mês, quando não eram urgentes. No caso de urgência, o prazo era menor. A verdade é que, por terem uma boa educação, os tquatrenses eram muito organizados, disciplinados e eficientes. Em T4, o aborto, o suicídio assistido e a eutanásia eram legalizados. É que os tquatrenses não eram sádicos.

Transporte público. Os ônibus eram confortáveis, com ar-condicionado e ninguém viajava em pé. Eles passavam nos pontos de dez em dez minutos, e o passageiro podia acompanhar todo o trajeto por meio de um aplicativo. Nos horários de pico, mais carros eram disponibilizados. Os ônibus não possuíam motorista, eram autônomos.

Os passageiros não pagavam para utilizar esse tipo de transporte, que era realmente público, pois o direito de ir e vir não pode ser comercializado. A maioria dos cidadãos de T4 usava o transporte público. Carros particulares eram raros de se ver nos dias úteis. Assim, o trânsito fluía muito bem, sempre. Os ônibus eram movidos a energia solar.

Nas estradas, não se viam caminhões, pois o transporte de cargas era feito em trens de alta velocidade. Esses trens também transportavam pessoas. Eram confortáveis e uma opção melhor do que os aviões. Eram trens estatais, os passageiros não pagavam para usá-los. Só o transporte de cargas era pago, pelas indústrias donas das mesmas.

Segurança pública. A seleção dos profissionais desse ramo era rigorosa em T4. Eles precisavam ser racionais, o mais imparciais possível e incorruptíveis. Não existia violência policial em T4, ou melhor, o uso de força bruta só ocorria em último caso. Quando policiais eram chamados por algum cidadão, a polícia chegava rapidamente, pois havia um posto policial em cada bairro.

A primeira abordagem era feita pela polícia conciliadora, preparada para conversar e buscar dirimir os conflitos. Não usava armas. Ela ia

acompanhada de policiais com armas não letais, para evitar eventuais agressões aos conciliadores. Além disso, junto a uma viatura, ficavam os policiais com armas letais. Mas eles quase nunca atuavam, todo o sistema fora bem-planejado, e os cidadãos de T4, como não se sentiam ameaçados e tinham boa educação, eram muito amigáveis.

A justiça do país era menos punitiva e mais preventiva e educativa. Só eram presos condenados por assassinato, estupro, tortura, agressão física e corrupção. Outros tipos de crime levavam a penas alternativas e educativas.

Os presidiários tinham cela individual, com banheiro. Realizavam atividades diárias no presídio, principalmente de caráter intelectual ou educativo. Os funcionários eram bem-treinados, competentes e sérios. O sadismo de funcionários do governo era combatido em toda a estrutura estatal.

Em T4, a cultura era valorizada, e as pessoas respeitavam a arte e os artistas. O entretenimento também tinha seu lugar.

A tecnologia fazia parte do cotidiano dos habitantes desse país. Todos os trabalhos braçais eram feitos por robôs. Eles limpavam casas e faziam entregas. As lojas eram todas informatizadas, não havia atendentes, não havia

caixas, não havia servos. Todas as compras presenciais eram feitas no modo *self-service*.

Religião. O adonismo era a principal religião edênica, já que Adônis era o nome do deus criador. Em T4, a maioria dos cidadãos era ateia. Mas o culto a Adônis e a outros deuses não era combatido, havia liberdade de crença. Porém, fazia parte da Constituição do país um artigo que proibia líderes religiosos de ocuparem cargos políticos, já que a crueldade, a violência e o sadismo assolavam vários países do Éden onde predominava o teocentrismo.

Moradia. Esse era um direito em T4. Quem queria comprar ou construir uma casa, tinha a liberdade para isso, desde que seguisse as normas vigentes. Do contrário, o Estado oferecia uma casa para cada família. Mas quem queria morar sozinho, também podia solicitar uma para si. Elas eram bem-planejadas, bem-feitas e seguiam certo padrão.

Os bairros eram arborizados e bem-planejados, de forma a dar privacidade a cada família. Uma casa era distante da outra. Isso era possível porque a taxa de natalidade em T4 era controlada. Os tquatrenses entendiam que muita gente para pouco espaço era um grande problema.

Havia felicidade em T4, até que um fato histórico sem precedentes aconteceu. Uma nave extraedênica aterrissou no Éden. E o país escolhido para dar as boas-vindas aos visitantes foi T4.

Todos pararam para ver, na televisão, a chegada dos extraedênicos. Fisicamente, eram parecidos com os edênicos. Porém, faziam parte de uma espécie bissexual, já que era formada pelo que eles chamavam de “fêmea” e “macho”. O homem era o “macho”, e aquilo que eles chamavam de “mulher” era a “fêmea”. A nave deles tinha um desenho em sua lateral, um símbolo que eles chamavam de “cruz”.

O chefe sul-coreano

Consegui emprego como secretário de um CEO da Coreia do Sul. Em uma empresa de publicidade, com filiais em várias partes do mundo. O meu chefe tem trinta anos. E com a minha idade (estou com vinte e cinco), ele já ocupava esse posto.

Aprendi coreano depois que me apaixonei pelas séries BL da Coreia do Sul, quando eu tinha dezessete anos. Adoro o som dessa língua, é gostosa de ouvir. Meu chefe fez questão de que o secretário (ou seja, euzinho aqui) falasse a sua língua. Mas vamos ao que interessa: o meu primeiro dia de trabalho e a primeira impressão que tive do senhor Lee Taehyun, meu chefe sul-coreano.

Quando entrei em sua sala, ele estava de pé, perto da janela. Olhava para fora e pensava. A minha entrada chamou sua atenção. Ele é alto, corpo atlético e estava vestido em um terno cinza e impecável. Adivinhei que ele tinha uma barriga-tanquinho.

O cabelo liso, repartido no meio, caía sobre sua testa larga. Os olhos são grandes, pretos e puxados. O nariz é levemente achatado, mas proeminente. A boca grande, com lábios finos muito vermelhos. A pele é branca e lisa.

Ele perguntou-me quem eu era. Apresentei-me. Seu rosto estava sério, tinha uma ruga na testa e um olhar rabugento. Perguntou-me onde eu tinha aprendido coreano e depois indicou uma agenda, com o queixo. Agora era minha responsabilidade zelar pelos seus compromissos diários. Meu trabalho começava às nove, mas não tinha hora para acabar.

Durante semanas, ele trocou poucas palavras comigo. Afinal, eu era competente e fazia meu trabalho a contento. Eu tinha a sensação de que ele me ignorava. Pior, me desprezava. Tinha aquele olhar superior, que, aliado à bela face carrancuda, despertava a antipatia das pessoas.

Um dia, porém, tínhamos uma reunião na empresa de um cliente. Mas o carro do senhor Lee estragou, e o motorista estava em uma oficina. O chefe estava irritadíssimo, claro. Para completar, o táxi parou do outro lado da rua. Então, tenso com a situação, fui atravessar e quase fui atropelado por uma motocicleta em alta velocidade.

O chefe me puxou pelo braço e caí sobre ele, a cara em seu peito. Fiquei inebriado com seu cheiro e vermelho de vergonha. Levantei o rosto, e nossos olhos se encontraram. Senti o seu hálito quando ele perguntou, com preocupação sincera:

— Você está bem?

Eu me recompus e balancei a cabeça, afirmativamente. Dentro do táxi, no banco de trás, ele aproximou seu rosto do meu, como se fosse me beijar. Engoli em seco. Ele então falou:

— Cinto de segurança.

E, com mãos fortes, colocou o cinto de segurança em mim. Depois, acomodou-se no banco, devidamente preso também com seu cinto de segurança, e se entregou ao silêncio.

Sou branco e um pouco mais baixo do que o chefe. Magro. Tenho cabelo castanho, liso e curto. Meus olhos são verdes. Tenho um nariz levemente aquilino. Minha boca é pequena e possui lábios finos. Dizem que sou bonito. Mas não me acho bonito. Sou meio tímido e atrapalhado.

Depois da reunião, o chefe me perguntou se tínhamos tempo na agenda. Uma hora, antes do próximo compromisso. Ele então mandou o taxista parar em uma sorveteria. Nos sentamos a uma mesa.

— De que sabor você gosta? — ele me perguntou.

— Morango.

Ele se levantou e voltou com um sorvete de morango e outro de:

— Chocolate — ele falou. — Gosto de chocolate.

E sorriu, um sorriso de um brilho intenso. Seu rosto ficou ainda mais bonito. Não sabia que o chefe podia ser tão agradável.

— Você gosta do seu trabalho?

Eu não sabia o que responder.

— Isso não é um teste, secretário. Você já passou em todos os testes. Pode ser sincero, só quero te conhecer melhor.

Sorri, agradecido.

— Fiz faculdade de cinema e escrevo roteiros. Mas não posso viver disso. Então, meu trabalho atual é satisfatório.

Ele estendeu a mão sobre a mesa. Senti um arrepio quando ele tocou no canto de minha boca.

— Você tinha sorvete aí...

Baixei a cabeça, feito uma virgem tímida, e falei:

— Eu me sujo todo quando tomo sorvete.

Olhei para ele, e nossos olhos se tocaram. Vi ali alguém que valia a pena conhecer. E fiquei vermelho.

Ele riu e disse:

— Você é fofo.

Eu não sabia onde enfiar a cara.

— Quer ir ao cinema comigo no sábado? — ele convidou.

Diante da minha hesitação, falou:

— Tudo bem se você não...

— Eu quero! — interrompi-o.

Antes de voltarmos para a rotina de trabalho, ele disse:

— Conheço alguns diretores de cinema sul-coreanos. Se você quiser, eu mando algum roteiro seu pra eles.

— Estão em português.

— Traduz pro coreano. Talvez seu destino esteja lá no meu país.

Ele me olhou de um jeito diferente, como se quisesse dizer mais do que disse. Aquilo parecia até uma proposta de casamento!

No sábado, ele me buscou em casa. Estava vestido informalmente, e isso me pareceu estranho, já que eu só o via de terno. Estava descontraído e sorria.

— Não precisava me buscar, chefe. Eu podia te encontrar no cinema.

— Secretário, hoje não precisa me chamar de “chefe”. Hoje somos apenas amigos.

Sorri e disse:

— Então você também não precisa me chamar de “secretário”.

— Vamos, então, John.

— É João.

— Desculpa, João.

— Está sem motorista?

— Decidi dirigir hoje.

Entramos no carro e fomos ao cinema. Vimos um filme americano, já que filmes sul-coreanos dificilmente chegam aos cinemas brasileiros. Depois, comemos em uma lanchonete, enquanto ele me contava como era sua vida na Coreia do Sul. Quando ele me deixou em casa, fui dormir com uma estranha sensação de felicidade.

Dias depois, eu estava na sala do cafezinho e conversava com a Leda. Ela me disse que tinha lido um conto chamado *A feia Policarpa*. E também me falou de suas aventuras com um homem casado. Ela era jovem, bonita e desinibida. Nós ríamos, quando ela tocou no meu cabelo, enquanto fazia um comentário sobre a maciez dele.

Do nada, o chefe pegou a mão dela e, levemente, afastou-a do meu cabelo. Sem dizer uma palavra, e com cara de poucos amigos, ele me puxou pela mão até a sua sala.

— Você é namorado dela? — perguntou, depois de fechar a porta.

— Quem?!

— Aquela que estava acariciando seu cabelo.

— A Leda?

— Não sei o nome dela, só me lembro do *seu* nome.

Fiquei vermelho de novo e, gaguejando, expliquei que éramos apenas amigos de trabalho.

Ele então se aproximou e fez um carinho no meu cabelo, enquanto dizia:

— Só *eu* posso fazer isto, entendeu?

Fiquei totalmente confuso. Mais ainda quando ele ordenou:

— Você janta comigo hoje.

Ao perceber seu tom autoritário, se corrigiu:

— Desculpa. Me expressei mal. Você quer jantar comigo hoje?

Como eu podia dizer “não” para o meu chefe? Imaginei que fosse assunto de trabalho. De qualquer forma, de uns tempos para cá, eu estava gostando de estar perto dele. Mas ainda não sabia exatamente por quê.

Depois do trabalho, caminhamos rumo ao seu carro. Novamente, ele tinha dispensado o motorista. Ele dirigiu em silêncio. Quando ele entrou na garagem de um luxuoso prédio, perguntei:

— Ué, tem um restaurante aqui?

— Não — ele respondeu. — Eu moro aqui. Vou cozinhar pra você.

Mais silêncio no elevador. Ao entrarmos em seu luxuoso apartamento, ele me pediu para tirar os sapatos. É um costume sul-coreano. Diante da minha hesitação, ele perguntou:

— Qual o problema?

Meio sem jeito, eu falei:

— É que estou com os sapatos o dia inteiro...

— Tudo bem. Pode tirar. Não vou me incomodar.

Tiramos nossos sapatos.

Ele me indicou o banheiro.

— Você pode tomar um banho.

Aquilo foi mais uma ordem do que uma sugestão.

Eu podia morar naquele banheiro, tão grande, bonito e luxuoso. Dobrei minhas roupas e coloquei-as sobre uma bancada. E senti o abundante jato de água sobre meu corpo.

O chefe bateu à porta, disse que trazia uma toalha, que ia entrar. Falei que estava nu. Ele deu uma gargalhada e prometeu que não olharia. E cumpriu a promessa. Além da toalha, trouxe uma cueca, um xorte, uma camiseta e chinelos.

— A cueca é nova, comprei pra você. É um presente.

Ele disse essas palavras e saiu.

Quando saí do banheiro, ele entrou para tomar banho também. Minutos depois, saiu vestido em um xorte, sem camisa, enquanto enxugava, com uma toalha, o cabelo molhado.

Como eu suspeitava, ele tinha uma linda barriga-tanquinho. Fiquei hipnotizado, nunca tinha visto homem tão bonito assim. Não de perto, só no cinema. Meus olhos estavam grudados em seu

abdômen. Quando os ergui, me deparei com seu sorriso.

Fiquei vermelho, ele deu uma gargalhada. Foi até o quarto e voltou vestido com uma camiseta. Me chamou para a cozinha, e eu o ajudei a cozinhar. De repente, eu estava contando coisas da minha vida para ele. E ele também confiava em mim.

Enquanto comíamos, bebíamos *soju*, uma bebida alcoólica sul-coreana. Comemos *kimchi*, arroz e ovo. Ele também comeu carne. Eu não como carne. No final da refeição, eu sentia uma felicidade incomum. Era efeito do álcool.

Sentado no sofá da sala, dei um último trago. O chefe também tinha bebido, mas era mais acostumado do que eu. Fiquei corajoso e aproximei meu rosto do dele. Beijei a boca do chefe e caí adormecido em seus braços.

Acordei na sua cama, na manhã seguinte. E a primeira coisa que vi foi seu sereno rosto adormecido. A beleza tinha um nome, ela se chamava Taehyun. Será que...

Ele acordou, disse que eu tinha adormecido depois de beber muito. Como só havia uma cama, eu dormira com ele. Desse modo, ele quis dizer que apenas dormimos juntos.

Fiquei gripado dois dias depois. A febre era alta, não consegui ir ao trabalho. Perdi a noção do

tempo, dormia e acordava. E, em uma das vezes em que abri os olhos, o chefe estava comigo. Passava um pano úmido em meu corpo para diminuir a febre.

Mais tarde, a febre passou.

— João, vou te dar um banho.

Fiquei vermelho, e não tinha a desculpa da febre.

— Eu posso tomar banho sozinho.

Ele me olhou, preocupado.

— Tem certeza?

Balancei a cabeça, afirmativamente.

Depois do banho, sentei-me à mesa da cozinha. Ele tinha feito uma sopinha de arroz para mim. Era bastante saborosa. E ficou ali, olhando-me comer.

— Chefe...

— Me chama pelo meu nome.

— Lee...

— Lee é meu sobrenome.

Eu tinha esquecido que, na Coreia do Sul, o sobrenome vem antes do nome.

— *Okay*... Taehyun... você tinha muitos compromissos hoje.

— Mandei cancelar.

— Você não devia...

Ele estendeu a mão sobre a mesa e colocou o indicador em meus lábios.

— Você é mais importante pra mim do que qualquer outra coisa.

Quase desmaiei. Nunca ninguém tinha dito isso antes para mim. Eu vivia sozinho, meus pais estavam distantes, não tinha ninguém para cuidar de mim. Até que Taehyun apareceu.

Para mudar de assunto, perguntei:

— Como você conseguiu entrar aqui em casa?

— Você não se lembra? Bati e você abriu a porta. Estava queimando de febre. Eu te dei um remédio, passei um pano úmido em seu corpo.

— Não me lembro de abrir a porta.

Depois de um breve silêncio, falei:

— Taehyun...

— Hã?

— Obrigado.

Logo eu estava curado, e feliz. Nunca tinha me apaixonado antes. E a felicidade que eu sentia era inimaginável. Ver Taehyun, ouvir sua voz, sentir seu cheiro, toda a sua presença me fazia feliz. Continuamos nos encontrando depois do trabalho nos próximos dias.

E, por fim, chegou nosso grande momento. Pela primeira vez, eu estava prestes a transar com um homem por quem eu estava apaixonado. Era uma entrega sem reservas, sem medo.

Taehyun podia fazer o que quisesse comigo, eu estava à sua mercê.

Sua boca, sua saliva, seu cheiro, seus gemidos, seu abraço forte, sua posse, ele todo dentro de mim como se fôssemos um só, seu orgasmo animalesco, meu gozo em sua pele, a lassidão após avassaladora entrega. Eu tinha a certeza de que ele seria meu eternamente, eu seria dele eternamente.

Faz cinco anos que conheci Taehyun, meu chefe sul-coreano. Hoje vivemos na Coreia do Sul, compartilhamos uma bela vida juntos. Minha vida sem Taehyun foi apenas um triste e seco deserto. Mas agora, desfruto deste oásis.

A feia Policarpa

Nossa personagem é uma mulher trans, pobre e feia. Quando nasceu, tinha um pintinho entre as pernas. E seus pais heterossexuais, tão limitados coitados, achavam que ter um pênis era o mesmo que ser homem. Policarpo (nome de batismo) cresceu, vivenciou todos os dramas e humilhações relacionados à vida de uma pessoa trans brasileira. Se fosse rica, Policarpa (nome social) poderia ser um pouco mais bela...

— Espera aí — meu editor interrompe a leitura da sinopse. — Ela é uma mulher... como é que é?... *trans*... que mata mulheres... como é mesmo?... ah, *cis*? Isso seria bom. Uma assassina em série, uma psicopata...

Meu romance *O asqueroso Barney* fez muito sucesso e encheu os bolsos do meu editor. Leitoras e leitores odeiam o Barney e o queimariam em uma fogueira se fosse possível, o linchariam em praça pública etc. Agora meu editor só admite *best-sellers* macabros. Mas não quero criar uma vilã trans. Mulheres trans já são alvo do ódio, inclusive do ódio de mulheres cis que acham que ser mulher é nascer com buceta.

Minha intenção é fazer de Policarpa uma heroína que levará à prisão uma mulher cis que

assassina mulheres trans. Mas meu editor diz que não vende. Ninguém odeia mulher cis.

A não ser os homens cis, penso.

Ele fala:

— Hoje tem muita gente jogando pedra nesse tipo de mulher aí. Nem mesmo a comunidade gê-ele-esse... — pausa pensativa — e o que mais?

— Ele-gê-bê-tê-quê-i-a-pê-ene-mais.

— Essa aí. Nem ela está conseguindo fazer alguma coisa.

Aquela visão *sui generis* que um crítico disse que eu tenho, ser sempre questionadora, isso tudo não importa mais desde que publiquei *O asqueroso Barney*. Agora eu faço parte do rebanho com antolhos.

Então cedo, porca capitalista que sou. Policarpa vira uma ressentida assassina em série, que mata mulheres cis por inveja.

Publicado o livro, recebo ataques da esquerda e elogios da direita. E como a direita em meu país é maioria, o dinheiro entra, para a alegria do meu editor. Eu preciso de dinheiro, já que meu ex-marido passou a criar nosso filho e exigiu, na justiça, que eu lhe pagasse uma pensão. Direitos iguais, é o que dizem.

Um grupo radical de feministas entra em contato comigo. Suas integrantes são mulheres cis que se recusam a aceitar que mulheres trans

são de fato mulheres. Entre elas, encontro aquelas que simplesmente odeiam mulheres trans e ponto-final, como também aquelas que justificam a rejeição por meio de teorias e blá-blá-blá.

As ativistas teóricas não admitem ódio em relação à população trans. Elas apenas defendem que uma mulher trans não pode ser uma pauta do feminismo. E ouço todas elas, sorrio educadamente e tal. Mas a verdade é que agora estou cagando para o feminismo, para as mulheres cis e para as mulheres trans.

As tais feministas acham que sou uma aliada por causa da minha personagem Policarpa. Não sabem elas que a Policarpa é mais do meu editor do que de mim. Apesar de eu me cagar para toda a questão política, não sou tão perversa a ponto de colocar um grupo minoritário sob suspeita.

Ou melhor, sou perversa quando o assunto é ganhar dinheiro. Sou uma vendida. Se querem comprar lixo, eu lhes dou lixo. Em troca, me deem todo o dinheiro que tiverem, pois preciso viver no conforto que só o dinheiro pode comprar. Nunca mais quero passar pelo que passei na infância e na adolescência. Conheci a miséria, a falta de tudo e toda a humilhação associada a isso. E aprendi a ser egoísta.

Saio do banheiro depois de um relaxante banho, nua, a toalha em torno do pescoço, e dou um grito. Sobre minha cama, uma mulher ruiva, com sardas que mais parecem manchas disformes em seu rosto leitoso. Sorri, dentes horrivelmente grandes. Magra, muito magra, com seu vestido barato.

— Não pode ser! — exclamo, chocada.

Ela se levanta, alta, esquelética, pequenos seios.

— Sou eu mesma, *darling*.

— Po-li-car-pa. Isto é impossível.

— Tanto é possível que aqui estou.

— Você é uma personagem criada por mim!

— A criatura agora vive, doutora Frankenstein.

Ela dá uma gargalhada, e há maldade em seus pequenos olhos azuis.

A partir daí, ela me acompanha a todos os lugares, como uma alma penada a me assombrar. Faz comentários maldosos acerca das pessoas com quem eu tenho contato. E não, ninguém pode vê-la além de mim. Quando eu me deito para dormir, ela do meu lado, eu tenho a esperança de acordar e perceber que tudo foi um terrível sonho.

Mas, ao despertar, lá está ela, a feia Policarpa, com seu sorriso macabro. A princípio, Policarpa se mostra politizada e inteligente. Fala

da sociedade desigual, do preconceito e da discriminação contra as mulheres trans. Porém, com o passar do tempo, ela se torna uma pessoa calada, séria, sombria.

Lê durante horas. Ela até leu o conto *O superpovoado ano de 2372*. Às vezes, eu a vejo com algum romance meu, concentrada na leitura. Eu fico curiosa para ouvir suas críticas. Mas não tenho coragem de perguntar-lhe sobre isso. E ela jamais diz coisa alguma sobre suas leituras.

Quando vejo a notícia de que certa atriz feminista e antitrans foi assassinada, enforcada em seu luxuoso apartamento, eu sei que foi Policarpa.

— Foi você, não foi, Policarpa? Você a matou.

— Se sabe a resposta, por que pergunta?

— Você é uma assassina!

Ela me olha com olhos frios, enquanto, sentadas à mesa da cozinha, comemos o jantar.

— Você criou uma assassina — ela me acusa. — Mas evoluí, *darling*. Sou agora uma justiceira. Faço justiça com as próprias mãos.

É justiça matar aquele outro homem que agrediu uma mulher trans por ela usar um banheiro feminino. Policarpa o mutila, com requintes de crueldade, até a morte. Uma coisa horrível, chocante, monstruosa, desumana. Todos os jornais noticiam o fato.

Aquela deputada que humilhava mulheres trans na mídia havia anos, é presa em sua luxuosa casa, juntamente com sua família transfóbica. O incêndio destrói tudo, não deixa nada.

Eu estou com muito medo da Policarpa. E tenho certeza de que ela vai me matar. Eu já não durmo direito, com medo de não acordar. Ela está sempre em silêncio, um sorriso perverso nos lábios e aquele azul frio nos olhos.

Desesperada, procuro uma psiquiatra. Conto-lhe tudo, enquanto Policarpa ouve, em silêncio, mas tão expressiva. Toda ela parece zombar de mim, da minha loucura, da minha fraqueza, da minha mediocridade.

A psiquiatra me denuncia à polícia.

Os investigadores têm acesso às imagens de uma câmera de segurança (perto da casa da tal deputada) que me incriminam. E o pior é que não me lembro de ter estado lá.

As vendas dos meus livros triplicam, e meu editor deve estar rindo de orelha a orelha. Por cortesia, ele contrata uma advogada para mim. Mas suspeito que lhe paga para conseguir minha condenação em prol das vendas e dos lucros.

Sou condenada pelos assassinatos. E estou cumprindo pena em um manicômio judiciário. Por mais que os antitrans tentassem de tudo para

desacreditar minha loucura, os sinais de minha insanidade eram evidentes.

Policarpa acompanhou todo o processo, em silêncio. E assim que entrei no prédio em ruínas do manicômio e ouvi os primeiros gritos das loucas enjauladas, Policarpa, simplesmente, desapareceu.

O superpovoado ano de 2372

Quarta-feira, 16 de fevereiro, 2372. As leis anti-hétero estão cada vez mais severas. A pena de morte para pessoas como eu já existe em vários países do globo. A procriação transformou o mundo em um lugar inóspito. Por isso, somos vistos como inimigos da humanidade. Os vizinhos acham estranho eu não ter uma namorada.

Sexta-feira, 25 de fevereiro, 2372. Dizem que a heterossexualidade é uma escolha. Como a maioria da população é bissexual, fica a sensação de que se pode escolher. Mas não se pode, não escolhi ser heterossexual. O Brasil é um dos países que mais mata heterossexuais, com requintes de crueldade. Por que tanto ódio? Todos abominam a procriação. Alguns heterossexuais aceitam ir para clínicas, ser esterilizados e passar por uma falsa terapia de conversão. Houve um tempo em que a heterossexualidade era aceita neste país. Agora, somos uma minoria desrespeitada. Mas há grupos que lutam pelos direitos da minoria heterossexual.

Sexta-feira, 3 de março, 2372. Heitor trabalhava num supermercado aqui do meu bairro. Era bonito, o sonho de todo homem

homossexual. Mas Heitor era hétero, e não escondia isso de ninguém. Ele foi encontrado morto faz uns três dias. Hoje circulou um vídeo. Os assassinos, três homens, gravaram a surra que deram nele, a humilhação, a tortura, a ponto de Heitor pedir para morrer. Então lhe deram um tiro na cabeça. No vídeo, os assassinos dizem que têm nojo de héteros, que todos nós devíamos morrer.

Segunda-feira, 13 de março, 2372. Quando nasci, fui logo tirada de meus pais e entregue para adoção. Não sei o que aconteceu com eles. O Estado não queria, obviamente, que eu fosse educada por eles; afinal, podiam me influenciar, podiam me tornar heterossexual. Quando descobri que era como eles, tive medo de ser rejeitada pelos meus pais adotivos. Mas eles são tolerantes, me apoiam. Já as mães de uma amiga minha odeiam heterossexuais. Por isso, minha amiga R. tem medo de se assumir, de sair do armário.

Sexta-feira, 7 de abril, 2372. As religiões que, por séculos, estimularam a procriação, agora pregam um novo discurso. Em nova tradução da Bíblia, Deus disse “Crescei e multiplicai, mas sem superpovoar o planeta” e o apóstolo Paulo abomina a heterossexualidade. Em outra parte do

livro sagrado, diz-se que “não deitará homem com mulher para fins de procriação, sem a permissão do sacerdote”. Hoje fui a uma igreja, convencida a me converter. Mas o discurso de ódio do pastor me fez retroceder e apreciar o ateísmo de meus pais adotivos.

Sexta-feira, 21 de abril, 2372. A procriação desenfreada fez muito mal ao nosso planeta. Mas isso se resolve com esterilização. Há casais heterossexuais esterilizados. Mas ainda assim sofrem discriminação. É que o combate à procriação é só uma desculpa para odiar a minoria heterossexual.

Terça-feira, 30 de maio, 2372. Meus pais me levaram hoje para fazer uma esterilização. Estou esterilizada, finalmente, não posso procriar. Estou feliz, pois é um problema a menos. Se eu me apaixonar e decidir enfrentar a sociedade, posso viver com um homem, sem ser punida por procriar.

Sábado, 10 de junho, 2372. Olhar. Nós nos identificamos pelo olhar. Um jeito de olhar, e sabemos que somos heterossexuais. Passei por um rapaz na rua, e ele me lançou aquele olhar, que só nós conhecemos intuitivamente. Parei, ele

veio até mim, trocamos contatos. Ao chegar em casa, li o conto *O rosa é a cor mais bonita que existe*.

Quarta-feira, 28 de junho, 2372. Nunca pensei que pudesse amar tanto uma pessoa assim. A paixão é intensa em tão pouco tempo. Só penso em Adauto. Quis pegar na sua mão em público, ele teve medo. Beijar, nem pensar. Já vi um casal de heterossexuais ser agredido por isso. Entre os agressores, alguém disse que tinha nojo deles e cuspiu neles.

Sábado, 15 de julho, 2372. Descobri que Adauto está casado há um ano. O marido dele não deve saber que ele o trai com mulheres. O que ele faria se soubesse que Adauto tem um lado heterossexual? Não quero mais me apaixonar. Está doendo tanto, só tenho vontade de chorar e morrer. Meus pais estão preocupados comigo.

Terça-feira, 25 de julho, 2372. Enquanto sofro e até penso em me submeter a uma cura hétero, meus pais são tão conscientes da realidade. Me disseram que os heterossexuais são educados para se odiarem e odiarem uns aos outros. Essa é uma forma de aqueles que estão no poder combaterem seus inimigos. Imagine como seria

poderoso o país que tivesse uma arma capaz de fazer os soldados inimigos matarem-se uns aos outros e se matarem. Uma arma mais poderosa do que as bombas de extermínio em massa.

Domingo, 6 de agosto, 2372. Não sei o que há comigo. Devo ter carência afetiva. Para esquecer Adauto, decidi ir a um encontro. Jorge é tão lindo, logo me apaixonei. Transamos no primeiro encontro, e o sexo foi delicioso. Não sei como pude sentir tudo aquilo pelo Adauto, pois ele não chega aos pés do Jorge.

Domingo, 20 de agosto, 2372. Estou sofrendo de novo. Meu caso com o Jorge parecia estar indo de vento em popa. Éramos almas gêmeas, ele me disse e, então, dois dias depois, terminou comigo. Enquanto eu chorava, ele se justificava. Queria experimentar uma vida homossexual e ser feliz. Tive vontade de gritar para ele: “Mas você é muito hétero! Está se enganando”. Seria inútil, ele estava disposto a me sacrificar em prol de uma suposta felicidade como homossexual.

Sexta-feira, 25 de agosto, 2372. Minha amiga finalmente tomou coragem e contou para as mães que é hétero. Foram agressivas, bateram na R. e a expulsaram de casa. Ela está passando um

tempo aqui em casa até encontrar um lugar fixo para viver. Parece que um avô dela é mais tolerante e talvez a receba em sua casa. Mas ele mora em outra cidade. Então, ela vai ter que recomeçar. Tenho até vergonha de sofrer por causa do Jorge. De repente, meu sofrimento amoroso parece algo tão pequeno diante da rejeição que a R. está sofrendo. Rejeitada pelas próprias mães!

Domingo, 27 de agosto, 2372. Vi um documentário sobre a existência de um campo de concentração para heterossexuais. É na Chechênia. Que gente cruel e atrasada. Uma república comandada por muçulmanos desumanos. Odeio a gente desse lugar. Mas há tantos outros países cruéis com pessoas como eu: Afeganistão, Argélia, Catar, Cingapura, Egito, Etiópia, Gana, Irã, Líbano, Malásia, Marrocos, Nigéria, Paquistão, Quênia, Rússia, Senegal, Síria, Somália, Uganda e tantos outros.

Sábado, 2 de setembro, 2372. Ontem, R. foi até o prédio onde moram suas mães. E pulou do décimo andar. Se não fizesse isso, se morresse em outro lugar, tenho certeza de que suas mães não teriam o trabalho de cuidar do velório. Mas como tudo aconteceu ali, não tiveram escolha. E

devem estar aliviadas agora, pois não precisam mais se envergonhar por terem uma filha heterossexual.

Terça-feira, 5 de setembro, 2372. Hoje descobri que tenho um tio heterossexual. Mas ele mora em outro país. Nasceu bonito e, desde criança, os elogios o convenceram de que seu maior trunfo era a beleza. Tentou ser modelo, mas era desengonçado; tentou ser cantor, mas era desafinado; tentou ser ator de telenovelas, teatro e cinema convencional, mas não tinha o talento necessário. Acabou se encontrando na indústria pornô. Como a família não aceitou sua profissão, ele se afastou da família, mas mantém contato com o irmão, a única pessoa que o apoiou. Atua em filmes pornôs héteros e sobrevive disso.

Sexta-feira, 8 de setembro, 2372. Na África do Sul, é comum o estupro corretivo. Mulheres heterossexuais são estupradas por mulheres lésbicas, e homens heterossexuais são estuprados por homens homossexuais. Normalmente, são parentes ou pessoas próximas que cometem esse ato criminoso. Fazem isso para “corrigir” a orientação sexual de heterossexuais. Quanta ignorância e maldade! A verdade é que esses

criminosos fazem isso por simples prazer, são perversos, querem punir os heterossexuais. Quanta heterofobia!

Terça-feira, 26 de setembro, 2372. Os jornais noticiaram hoje o massacre de crianças em um abrigo. Autoria de um grupo extremista anti-hétero que combate a procriação. Heterossexuais continuam procriando de forma ilegal, e as crianças são adotadas por homossexuais, pois não têm culpa de nascer. O Estado faz um controle de natalidade rigoroso. Mas muitos heterossexuais desobedecem às normas, fogem da esterilização. Se pegos, são afastados dos filhos, que vão para um abrigo. Não entendo por que procriam se sabem que é um crime. Todos conhecem o mal da procriação para a nossa sobrevivência no mundo. Não podem se contentar apenas com o amor e o sexo hétero? Já os extremistas anti-hétero mostraram hoje o quanto são cruéis e desumanos. Matar crianças indefesas! Que monstros sem empatia! Estou sentindo muito ódio, muito ódio, muito ódio.

O rosa é a cor mais bonita que existe

Eu sou C. H. Ricardo. E que não venha um revisor atrevido tirar o “eu” da minha primeira frase. O “eu”, neste texto, é de suma importância. Ordeno-te que não mexa no meu eu. Dito isso, confirmo. Sou eu mesmo, o escritor. Mas não ele de fato, sou o outro. E explico.

Estamos em 2400. Eu, ou melhor, ele morreu no século XXI. Deixou um livro com três contos inacabados e o título de um conto sequer iniciado. O título desse conto é “O rosa é a cor mais bonita que existe”. Décadas depois de sua morte, uma acadêmica, professora universitária, decidiu sair da mesmice e escrever um ensaio sobre dois dos meus livros.

Meu outro eu virou moda acadêmica. Mas o povo continuou a me ignorar. Nunca fui popular. O povo é adestrado para consumir o entretenimento produzido pelas elites.

Fui produzido artificialmente. Agora estou falando de mim mesmo, não do outro. O eu de 2400 possui um corpo artificial idêntico ao dele. Tenho hoje seus quarenta anos em aparência. E até minha voz é igual à dele, graças a dois áudios dele que ficaram por aí.

No mais, meus criadores usaram as informações de meus textos autobiográficos e de

meus textos opinativos para me darem uma memória e uma personalidade. E tenho a sensação de que sou arrogante, um arrogante orgulhoso da própria arrogância. Afinal, naquela época, pobres e pretos eram estimulados a serem humildes. Sucumbiam ao discurso do dominador. Eu combatia isso.

Mas eu, ele, nós, enfim, ele sabia que a elite, ignorante em regra, não chegava aos seus pés. O poder da intelectualidade supera o do dinheiro, só não supera o da violência. E como primatas endinheirados são violentos, meu Deus!

Não, ele era ateu, jamais usaria o santo nome. Mas já tivera crença no tempo em que ainda tinha mais ignorância do que conhecimento. E agora penso se eu realmente sou ele. Ou se tudo isso sou eu e não ele. O arrogante sou eu?

Fato é que me deram a função de terminar os contos inacabados e escrever o tal conto misterioso, aquele que tem apenas um título. Sobre ele, sobre um título, veja só, muitas palavras foram lançadas ao vento pelos acadêmicos em busca de fugir do tédio.

Estão loucos para ver se este eu que vos fala tem o mesmo estilo do eu que se foi. Mas já não concluíram que as minhas obras são tão distintas umas das outras? Disse aquela acadêmica que parecia que elas eram de autores diferentes.

Há quem diga que não escrevi o que escrevi. E todos, sem exceção, estão curiosos para saber, finalmente, qual é o conteúdo do conto não escrito. Não sei se lhes causarei prazer ou decepção. Mas é esse conto que inicio no próximo parágrafo.

Tenho dez anos de idade e caminho sozinho, da escola para casa. Hoje, Edgar não foi à escola. Está doente, foi o que sua mãe disse quando passei em sua casa, como sempre faço, para irmos juntos. Comeu alguma coisa que lhe fez mal, ela disse. Depois do almoço, vou passar lá para ver como ele está.

Edgar e eu somos amigos desde sempre. Engatinhamos juntos, demos os primeiros passos juntos, dissemos as primeiras palavras na mesma época. A minha foi: “Digá” (Edgar). A dele foi: “Beto” (Roberto). Meu nome é Roberto e sou o melhor amigo do Edgar, e ele é meu melhor amigo.

Chego em casa, jogo a mochila na cama, lavo as mãos e encho meu prato de arroz e feijão. Meu pai cortou uns tomates e fritou um ovo para mim. Agora está, com seu avental, fritando um ovo para meu irmão Gilbert, ou Gil, como o chamo. Ele é um ano mais velho do que eu e estuda em outra escola.

Gil chega, joga sua mochila na cama, lava as mãos e enche seu prato de arroz e feijão, além de tomate e um ovo frito. Meu pai está de folga hoje, por isso fez o almoço. Nos dias em que está trabalhando, Gil e eu nos revezamos nas tarefas domésticas. Nossa mãe morreu há cinco anos, e meu pai não quis mais se casar.

Depois do almoço, vou à casa do Edgar. A mãe dele diz que ele deve estar dormindo, para eu verificar. Entro no quarto, cautelosamente. Ele está quieto, os olhos fechados. É louro, magro, lábios muito vermelhos. Agora está pálido por causa do mal-estar. Pego a cadeira que está diante da sua escrivaninha e me sento perto da cama, fico ali olhando para ele.

Então, seus olhos se abrem, de um azul estonteante. E Edgar me sorri, em silêncio. Sorrio de volta, quero passar a mão em seu cabelo, fazer um carinho em seu rosto. Mas algo em mim diz que não devo fazer isso, sou interditado por uma força misteriosa que abomina o prazer e a felicidade.

— Está melhor? — pergunto.

Ele diz que sim com um movimento de cabeça.

— Vomitei um pouco de manhã, mas depois fiquei melhor. Amanhã já posso ir à escola.

Não consigo imaginar minha vida sem o Edgar, é como se ele fizesse parte de mim, do meu eu. De repente, sinto uma tristeza enorme ao pensar na possibilidade de estar longe dele para sempre, de nunca mais poder vê-lo.

— O que foi? — ele percebe. — Já disse que estou bem, não precisa ficar triste.

Nós nunca brigamos, nunca. Sempre fomos amigos. Ele se senta na beira da cama e pega em minha mão. Sinto um arrepio, algo estranho e bom, e quase choro de felicidade.

— Bobinho, não vou morrer.

Ele diz e me sorri.

Sou um menino preto, de cabelo crespo cortado mensalmente pelo meu pai. Sei que existe preconceito de cor; mas, como sou pobre e estudo em escola pública, estou em meio à diversidade, há gente de todo tipo em minha escola. Então não sinto a coisa do preconceito. Na escola, não faço parte de nenhuma “tribo”, pois não preciso de mais ninguém além de Edgar, do meu pai e do meu irmão Gil.

Quando me olho no espelho, gosto do que vejo. Acho que sou um menino bonito. As meninas da escola dizem que sou, ficam cheias de risinhos quando passo. Edgar me disse que elas me acham bonito, que já falaram isso para ele. Mas não ligo, não quero namoradas, já tenho o Edgar.

Olho para o Edgar e lembro que, quando tínhamos cinco anos, ele disse assim do nada:

— O rosa é a cor mais bonita que existe.

Estávamos almoçando em sua casa. Seu pai ficou vermelho e ordenou:

— Menino não pode gostar de rosa.

Edgar olhou para mim, não entendemos nada, ele deu de ombros e continuamos a comer. Um ano depois, os pais dele se divorciaram. Edgar vê o pai de vez em quando.

— Por que você está rindo?

— Lembra quando você falou que o rosa é a cor mais bonita que existe?

Ele não se lembra.

— Deixa pra lá. Descansa mais um pouco.

Ele se deita na cama, fecha os olhos e parece tão calmo e tão bom e tão bonito e tão amado... por mim.

A mãe de Edgar é alta, magra, branca, com cabelo muito preto e curto. Olhos pretos e grandes, nariz pontudo, boca grande. Edgar tem poucas características físicas dela, ele se parece mais com o pai.

Ela me diz que precisa sair, se posso cuidar do Edgar. Eu digo que sim. Tudo que quero é cuidar dele e ser cuidado por ele. Mas ele já está bem. Conversamos, conversamos, rimos, rimos, é

tão bom estar com Edgar, ele é como uma casa bonita, aconchegante, segura e feliz.

Meu irmão Gil tem a pele mais clara do que a minha, é um preto de pele clara. Ele puxou mais à minha mãe, que era branca, com liso cabelo preto. O cabelo do Gil também é liso e preto. Ele tem olhos grandes e pretos, e o nariz pontudo de minha mãe. É magro e acho que ficará mais alto do que eu.

O nome dele era para ser Gilberto, mas um erro de digitação no cartório fez com que ficasse Gilbert. O Gil sempre me protegeu. Nós dividimos o mesmo quarto. Quando eu ficava com medo de fantasmas, ele acendia a luz e, se isso não funcionava, me chamava para dormir na cama dele. Às vezes, ainda sinto medo, e ele me protege.

Se algum valentão ameaçar me bater ou me humilhar, lá está meu irmão Gil. Não leva desaforo para casa, não deixa ninguém machucar seu irmão. Tenho muita sorte de ter um irmão assim. Mas às vezes fico pensando. Se o Gil me protege, quem é que protege o Gil? Preciso ficar mais forte para ajudar meu irmão se algum dia ele precisar de ajuda.

Meu pai é um homem preto, alto e forte. Sente falta de minha mãe todos os dias. Mas prefere não falar do assunto. Sua vida é dedicada

a seus filhos e ao trabalho. Trabalha em uma fábrica de calçados. Como é um homem bonito, está cheio de pretendentes, mas prefere ficar sozinho.

O tempo passa e nossos corpos se transformam. Tenho quinze anos e sinto coisas por Edgar. É difícil me controlar. Então, certa noite, quando nos despedimos à porta da minha casa, acontece, nós nos beijamos. Meu primeiro beijo, o primeiro beijo dele também. O sentimento é mútuo, os corações batem no mesmo compasso.

Começamos a namorar, mas não contamos a ninguém. E ficamos assim durante um ano. Está difícil conter o desejo. Quero muito. Ele também quer. Decido pedir a ajuda do Gil. Conto para ele que estou namorando o Edgar faz um ano.

— Eu sei.

— Como é que você sabe?

— Percebi.

Meu pai às vezes trabalha durante a noite, em troca de turno. Isso vai acontecer daqui a uma semana. Peço para o Gil dormir no quarto do nosso pai, para deixar o quarto só para mim e o Edgar. Meu irmão cai na gargalhada.

— Por que está rindo?

— Você está mesmo apaixonado, hein?

— Vai ou não me ajudar?

— Claro que vou, irmãozinho.

No dia seguinte, entro no quarto depois do banho e vejo Gil concentrado na leitura de um livro. Ele tem um leve sorriso nos lábios.

— O que você está lendo?

— Um conto espetacular!

— Qual é?

— Ele me mostra o título do conto.

Mais tarde, enquanto ele está na sala e assiste à televisão, eu pego o seu livro de contos e leio a história. Nela, uma epidemia mata todos os adultos e o mundo fica repleto de crianças apenas. Todas vivem até os dez anos, quando a doença as atinge e as mata. Os mais velhos decidem governar e ditam as regras para os mais jovens.

Um livro infantil sobre Papai Noel é considerado sagrado pelas crianças, e velhas cartinhas para Papai Noel são vistas como documentos que comprovam sua existência. Aqueles que não acreditam em Papai Noel são punidos com prisão, tortura e até a morte.

As crianças no comando são sádicas, e as outras que acreditam em Papai Noel ficam felizes quando as crianças céticas são punidas. Só podem ter acesso ao livro sagrado e às cartas certos líderes da comunidade, que são chamados de “renas”. As renas são respeitadas pela sua

posição religiosa e decidem quem é ou não um bom menino ou uma boa menina.

As punições atingem aqueles que não cumprem as regras, que não seguem os preceitos que, supostamente, Papai Noel ditou para alguma rena. Algumas crianças dizem que já viram Papai Noel e até conversaram com ele. Essa situação se mantém até a morte de todas as crianças. O planeta se vê, finalmente, livre dessa praga chamada ser humano.

Há até uma parte em que as renas discutem se o certo é temer Papai Noel ou Santa Claus. E uma delas diz que Papai Noel é um só, não importa que nome utilize. E quando digo que estou meio confuso, meu irmão, que é mais inteligente do que eu, me sorri, tolerante, e diz:

— O conto mostra que a humanidade ainda não saiu da infância.

— Você gosta mesmo de ler, hein, meu irmão!

— O conto *Fascistas, graças a Deus* também é bom. Não quer ler?

Não quero saber de contos, pois só penso em uma coisa: transar com o Edgar. O meu instinto supera a minha razão. Já tenho o dia e a hora. E estou muito ansioso, não suporto mais esperar.

Finalmente, chega o dia. Edgar e eu, sozinhos no quarto, nus. Exploramos o corpo um do outro,

sentimos coisas incríveis pela primeira vez. Buscamos o gozo, damos o gozo. E só consigo pensar que quero fazer isto com Edgar por muitas e muitas vezes...

Após o ensino médio, Edgar e eu conseguimos entrar na mesma universidade pública. Ele faz Letras. Eu, Direito. Trabalhamos durante o dia e estudamos à noite. Moramos juntos e vivemos exaustos. Mas estamos juntos, e é isso o que importa. Já Gil, apesar de ser mais inteligente do que eu, não quer ir para a universidade. Continua morando com nosso pai e está fazendo um curso de marcenaria.

Formados, começo a trabalhar em um escritório de advocacia. Edgar está fazendo mestrado e trabalha como professor substituto na universidade. As coisas parecem estar dando certo. Meu irmão Gil vive agora com sua companheira Maria. Acabam de ter um filho. Gil não é qualquer marceneiro, é um dos melhores e tem muitos clientes. Meu pai continua vivendo na mesma casa, sozinho. Diz que gosta da solidão.

Edgar e eu temos trinta anos quando decidimos nos casar. Visto um terno branco. Edgar, um terno levemente cor-de-rosa. Antes de entrarmos na sala de cerimônia, olho para ele e digo:

— O rosa é a cor mais bonita que existe.

Ele sorri e nos beijamos.

A esposa do Gil toca uma música de Tchaikovsky ao piano, nada convencional.

Primeiro Edgar, depois eu:

— Prometo ser fiel, te amar e te respeitar, na alegria e na tristeza, na saúde e na doença, na riqueza e na pobreza, por todos os dias da minha vida, até que a morte nos separe.

Alianças, beijos, aplausos, festa.

Estamos casados há cinco anos, e felizes. Continuo no mesmo escritório de advocacia. E Edgar é professor em uma universidade pública. Perto de casa, há uma antiga fonte dos desejos, com muitas moedas. É domingo, e uma multidão se reúne em torno da fonte. O corpo de uma mulher de cerca de trinta anos está sobre o chão.

Ela entrou na fonte para pegar umas moedas, pois vivia na rua e não tinha emprego. Passavam por ali duas mulheres, mãe e filha, que sempre jogavam moedas na fonte, em busca de realizar seus desejos. Ficaram revoltadas com o “roubo” e espancaram a outra até a morte. Agora, o corpo da mulher está ali. Perto da fonte dos desejos, alguém que desejou viver.

Edgar e eu vivemos uma feliz vida monótona até os cinquenta anos. Começamos a sentir os sinais da idade, leves dores físicas, a flacidez da pele. Não somos mais dois belos jovens, mas

nosso amor e nosso desejo um pelo outro permanecem. Ainda temos muito o que viver juntos, é o que pensamos. Porém, com cinquenta anos, Edgar desenvolve um câncer. E sua vida se extingue depois de alguns meses.

Choro todos os dias, quero morrer também. Sem Edgar, é como se me faltassem os olhos, o nariz, o ouvido, a boca, a pele. Não quero mais viver. Mas meu irmão insiste em me fazer seguir. Tenho ele, isso não conta? Ele pergunta, sem nenhuma marca de censura ou mágoa na voz. Ele conta, mas Edgar sou eu, nunca vivi sem ele, até agora.

Quando não tenho mais lágrimas para chorar, os olhos secos, a boca muda. Fico em silêncio durante dias. Emagreço, não tenho fome. Acabo desmaiando, Gil me leva ao médico, tomo soro, levo esporro de médico medíocre e arrogante, nem ligo, não tenho forças para nada. Então percebo que estou sendo um estorvo para o Gil. Por isso, reajo, passo a fazer minhas coisas sozinho, até ele entender que posso estar sem ele.

A ferida continua a latejar dentro de mim. Sou agora um fantasma, às vezes máquina. Faço o que tem que ser feito, sem paixão, sem vontade. Reduzo meu volume de trabalho. Meus colegas são tolerantes. Tudo que faço me lembra

Edgar, porque eu compartilhava tudo com ele. Como sinto sua falta! Quero ouvir sua voz, sentir seu cheiro, ver seu sorriso. Compro coisas cor-de-rosa para ver se sinto sua presença. Ele está morto e levou minha vida com ele.

Desde sua morte que penso em me matar. Mas como é difícil encontrar a forma certa, eficaz. Tenho medo de não morrer, sobreviver com sequelas e ser um estorvo para o Gil. Não quero acabar com a vida do meu irmão. Por ele, eu resisto, eu sigo, eu caminho na estrada cinza, distante das pedras amarelas e de qualquer arco-íris.

Não sinto o Edgar. As pessoas gostam dessas ilusões. Dizem que sentem o ser amado morto todos os dias. Entendo que essa ilusão pode nos dar força para continuar. Mas não consigo fingir que ele está aqui do meu lado, em forma vaporosa, que diz palavras que não posso ouvir, que me toca sem eu poder senti-lo. Não sei se existe vida após a morte, não sei se a consciência de Edgar vive em algum plano etéreo ou se ele não existe mais. Se existe, quero estar no éter com ele. Se não existe, quero atingir também a não existência e me livrar desta dor.

Sua ausência está em todo lugar. Sua escova não está no armário do banheiro. Seu lado da cama está vazio. Na sala, ele gostava de se sentar

em um mesmo lugar. Fico olhando para aquele lugar vazio na esperança de poder ver Edgar ali, na esperança de que sua morte é só uma ilusão, um pesadelo. Quero acordar, quero acordar! Na cozinha, a xícara que ele usava para tomar seu café forte. Tudo me lembra o Edgar. A sua ausência é uma forte presença, e não quero esquecê-lo jamais.

Sou agora um homem triste. Sorrio pouco, falo pouco. Não tenho paixões. Cumpro meus deveres, minhas tarefas, minhas obrigações. Preencho os dias com essas coisinhas rotineiras e com a falta dele. Edgar ocupa todos os espaços. Tento às vezes me masturbar enquanto imagino seu corpo emaranhado ao meu. Mas cada vez que faço isso, parece que não me lembro mais de como era seu corpo, aquele que não existe mais, suas cinzas foram lançadas ao vento, como ele queria.

Ser cremado não foi seu último desejo. Seu último desejo foi:

— Seja forte, Beto.

Eu tento, a cada dia eu tento ser forte. Por ele, eu tento ser forte. Sinto que envelheço rápida e precocemente, e anseio pela falência do meu corpo, pelo fim destes dias tão dolorosos em que a ausência de Edgar é tudo. Nunca invejei aqueles que sobrevivem à morte do amor. Quero a morte,

pois não sei viver só, e a ausência de Edgar é a solidão. Esta dor precisa me consumir, eu me entrego a ela completamente.

Não quero ser aqueles que superam a perda do amor, porque meu amor por Edgar é insuperável. Foi real, de uma realidade palpável, dominadora, vital. A ausência de Edgar me faz acreditar no mito platoniano da alma gêmea, aquela que procura sua outra metade porque o vingativo Zeus um dia decidiu separar um indivíduo completo.

Fascistas, graças a Deus

O dicionário diz que o fascismo é um regime político de caráter totalitário. Foi, oficialmente, o regime político da Itália entre 1922 e 1943. Seu grande líder, o fascista-mor, foi Mussolini. Esse ditador promoveu a perseguição e tortura de seus opositores, defendeu o ultranacionalismo e o imperialismo.

De forma geral, diz o dicionário, existem regimes e movimentos políticos com características fascistas: ultranacionalismo, ideologia de direita, autoritarismo, violência contra opositores, culto a um ditador.

O dicionário continua a sua definição. O fascismo é uma ideologia política que combate a democracia, de caráter autoritário e intolerante, populista na maioria das vezes. Ele prega a superioridade de um país ou grupo étnico em detrimento de outros países ou grupos. O fascismo se impõe pela violência e pela intimidação.

Sabemos que, no Ocidente, o cristianismo e o fascismo andam de mãos dadas. Isso porque o cristão está afastado de Cristo. Quem já leu o Novo Testamento sabe que Cristo está mais para comunista do que para fascista. Mas não nos

iludamos, o comunismo também tem sua face autoritária, como nos mostra a História.

Fato é que a maioria dos cristãos não gosta de ler. A Bíblia, para eles, é mais um objeto de culto do que de leitura. Essa maioria de cristãos prefere acreditar no que dizem seus pastores, os quais, supostamente, leram o tal livro sagrado. Essa atitude da maioria cristã é pouco inteligente, você não acha?

Pois bem, depois de uma aula de História, a adolescente Amelinha ficou reflexiva. Amelinha vivia em uma bolha, onde tudo era belo. Isso não impedia que ela se sentisse insatisfeita e entediada, porque ter tudo é chato. E não ter é pior ainda. Amelinha às vezes ouvia “não”, principalmente de pessoas que não podiam fingir sentir afeto por ela.

Ao chegar em casa, Amelinha foi até sua mãe e perguntou:

— Mãe, nós somos fascistas?

A mãe ficou incomodada com a pergunta. Afinal, por mais que ela e os integrantes de sua família defendessem ideias fascistas, ela não aceitava ser chamada de fascista. Até porque ela não sabia, em teoria, o que era o fascismo. Para ela, era um xingamento proferido por aqueles de quem ela não gostava, por aqueles a quem ela odiava.

Mércia era filha de militar. E defendia a volta da ditadura no país. Sonhava com mais um golpe que desse um jeito no Brasil. Era rígida com todos, inclusive com o filho. Quando ele dissera que era *gay*, ela quase tivera um treco. Onde tinha errado afinal? Por que o filho faria tal escolha? Só podiam ser as más amizades.

Ficara meses sem ver o rapaz, que conseguira abrigo na casa da tia, uma mulher "mais moderninha", daquelas que ousam ler o conto *Tic... tac... toc...* e outros do gênero. Até que Mércia, por fim, "aceitara" a "escolha" dele. Afinal, Deus e a família acima de tudo. Mas ainda mantinha esperanças de que o filho deixasse essa vida. Uma amiga dela lhe falara de uma clínica, de certa psicóloga que. Seu sonho era que o filho se casasse com uma boa moça e lhe desse netos.

No dia seguinte à pergunta incômoda feita por Amelinha, a natureza deu mais um sinal de força. Estava Amelinha deitada em sua cama, em companhia de sua cadelinha branca. Elas viam uma série no *tablet* da moça, quando a cadela começou a rosnar e atacou Amelinha.

Aos gritos, a jovem corria pelo apartamento. A cadelinha atacava quem se aproximasse. Por fim, a mãe de Amelinha e a empregada conseguiram prender o animal na despensa, onde

ele rosnava raivoso. Ninguém entendia o que estava acontecendo.

O barulho lá fora chamou a atenção das três mulheres. Olharam pela janela. Gritos. Buzinas. O que estava acontecendo? Logo a notícia se espalhou. Os animais estavam atacando os seres humanos até a morte. Pássaros e seus bicos afiados desciam do céu para assassinar os humanos.

Animais domesticados também atacavam. Os gatos matavam com unhas e dentes. A natureza cansara de esperar a consciência da espécie humana. Tal espécie não era tão inteligente assim. Não se sabe se era uma brisa diferente ou alguma vibração só sentida pelos animais não humanos que fazia com que eles atacassem. Fato é que, se o planeta não matasse os humanos, os humanos matariam o planeta.

Quem estava nas ruas, buscava abrigo. Quem estava em casa, não podia sair. Quem estava no trabalho, ali morreria. Animais do zoológico fugiam, furiosos contra os humanos. Abelhas matavam humanos sem piedade. Formigas, cigarras, grilos, mosquitinhos antes inofensivos, todos investiam contra os humanos.

Antes de as transmissões saírem do ar, todos os que ainda estavam vivos, souberam que a natureza era agora uma inimiga, pronta para

exterminar a praga, o vírus, a bactéria chamada ser humano. Ainda assim, a espécie lutava pela sobrevivência, em vão.

Ficaram isoladas no apartamento Amelinha, sua mãe e a empregada, além, é claro, da raivosa cadelinha branca. O marido de Mércia e o filho não fizeram contato. Provavelmente, já estavam mortos.

Mércia era loura, alta, ancas largas. Seu cabelo liso não era volumoso, escorria até à altura do pescoço. Seu rosto muito branco chegava a ser vermelho. Olhos verdes, lábios pálidos, sempre grudados, sorria pouco. Tinha em torno de quarenta anos. Agia sempre como um general, dava ordens, gostava de tudo em seu devido lugar.

— Dirce, mata a cadela! — ordenou à empregada.

Dirce arregalou os olhos, era incapaz de matar. A empregada tinha trinta e dois anos. No último censo, se declarara “parda”. Alisava o cabelo, era baixota e nunca se casara. Mas ainda tinha esse sonho. Era mãe de dois filhos, que agora estavam na escola. E estava muito preocupada com eles.

— Não, mãe! — gritou Amelinha. — Não mate ela não, mãe!

Amelinha tinha dezessete anos. Era branca, mas tinha o liso cabelo preto do pai. Não era bonita. E sua aparência tão normal era alvo de críticas da mãe. Era muito magra, tinha um nariz muito grande para seu rosto fino, e olhos verdes muito pequenos.

Mércia mandou a empregada levar Amelinha para o quarto. Pegou uma faca grande na cozinha. E abriu a porta da despensa. A cadelinha branca não demorou muito a sair, raivosa, disposta a assassinar todos os humanos que encontrasse, era como se o latido de um deus canino lhe ordenasse para morder até levar à morte.

Nos olhos de Mércia, brilhava o desejo de sangue. Ela deu o primeiro golpe e sentiu prazer ao ouvir o ganido de dor da cadelinha branca. E esfaqueou-a outra e outra vez. Estava morta a cadelinha branca. Enquanto isso, em seu quarto de adolescente, Amelinha chorava abraçada à empregada.

Mércia abriu a janela rapidamente e lançou fora o corpo da cadelinha branca. Se demorasse muito, algum pássaro ou inseto assassino entraria. Depois limpou o sangue e lavou a faca. E sentiu como se tivesse resolvido todos os problemas do mundo.

Os dias transcorreram lentamente, e as coisas só pioraram. A comida acabou. E quando a

fome atingiu o patamar da insanidade, Mércia matou Dirce. E se alimentou de sua carne parda, e forçou a filha a fazer o mesmo. Os mais fortes sobrevivem, Mércia tinha ouvido isso em algum lugar. Amelinha era fraca, a mãe ainda tinha força de sufocá-la com um travesseiro.

Após roer o último osso da filha, se lembrou daquela pergunta, se eram fascistas. Sorriu, isso não importava mais. Mas, à medida que a fome aumentava, aquela pergunta insistia em reverberar em sua cabeça. A fome trouxe a loucura. E Mércia soube o que fazer.

Suicida, saiu do apartamento.

Corria, cambaleante, para fora do prédio, suicida, pensou, os suicidas vão para o inferno, pensou, estava louca, alucinada, e gritava “somos fascistas, graças a Deus!”, “pessoas sem empatia”, dissera aquela atriz, “fascistas são pessoas sem empatia”, Mércia gargalhava, chorava, gritava “fascistas, graças a Deus!”, enquanto os animais a atacavam até ela perder o último vestígio de vida.

A natureza, enfim, tinha a sua vingança.

Tic tac toc...

O estupro. O aborto. A escrita. A revisão. O livro. Transtorno obsessivo-compulsivo. Álcool nas mãos. Lava, lava... a conta de água nas alturas. A lembrança do beijo em Nívea, na boca, xana contra xana, roça, roça, ah... Recusar *cookies*. Verificação. *Pop-ups*. Código no celular. Código no *e-mail*. Localização. Mulher é conhecer a solidão.

A coceira nas costas. A dor no quadril. *Curcuma longa*. Suplemento para. Dizem que é inútil. Rosto queimado por ácido dermatológico. Deformada. Clareador inútil. Inverno quente. Meu olhar cruza com o dele. Rejeição. Gases. Emagrecer. Engordar. Leite em pó. Banana. Açúcar para o cérebro. Série no *streaming*. Livros. Bruxismo. Salivação. Suor de inverno agora é. Lixo na rua para o coletor. Pagar conta de luz, de água, de internete. Aplicativo do banco. Senha. Anúncio. Irritação. Taquicardia. Não vou conseguir fazer tudo. Transtorno obsessivo-compulsivo. Ansiedade. Lingueta da porta. Torneira. Ralo do banheiro. Eu olho debaixo da cama.

Uma, duas, mil vezes.

Just wanna Cyndi Lauper. Sensibilidade dental. Dentifrício contra sensibilidade. Inútil. Exploração capitalista. Mais um empresário dando uma de santo gerador de empregos. Uivos.

Latidos. Miados. Motores. Buzinas. Supermercado. Sorrisos. Espantos. Olhos sempre sobre mim e minhas coisas. Ansiedade. Angústia no peito. Me chamam de puta e sapatão. Esquisita. Inteligente demais para o padrão.

Sorrisos imbecis. Religiosos débeis mentais ou mal-intencionados. Deus para as crianças sem pai. Tensão. Mau humor. Palavrão. A felicidade é coisa de psicopata sem empatia. Raiva. Ódio. Irritação. Uma mulher sem filhos é incompleta, disse mais uma idiota teleguiada. Vai pra mãe que te pariu, filha de uma mãe. As pessoas foram convencidas de que cerveja tem um bom sabor. Futebol. Gritos. Música sertaneja ao vivo no barzinho da esquina. Opressores! Impunidade é coisa de gente rica.

Tempos modernos, canta Lulu. Três semanas de diarreia depois daquele antibiótico. Minha amiga tem prisão de ventre. Uma noite sem dormir, alergia, espirros mil. Antialérgico sonoprovocador. Baixa a ansiedade, vem a depressão. Piaf não se arrepende de nada nos meus ouvidos. O cão late, bruto, insensível a qualquer musicalidade. Amy Winehouse canta uma balada romântica das antigas. Ai que mulher tesão!

Leio com tampão de ouvido. Que os vizinhos morram! Mancha de merda na calcinha branca.

Cadê o alvejante? Gases. Boca seca. Soro fisiológico nas narinas. Repudio a arrogância dos humildes servos do Senhor. Óculos para leitura, já tenho quase cinquentanos. Xô, menstruação! O sangue insiste em escorrer. Grito de mulher. Risada de homem. Animais tão irritantes. Quarenta litros de água mineral por mês. Um dia fui romântica. Ou será que ainda sou? ABBA canta junto com Rita Lee.

Tic-tac, tic-toc, é o relógio ou meu coração? Meus pés estão rachados. Tenho um esporão do calcâneo. O rosto deformado pelo ácido dermatológico. A morte é um descanso. Quero beber um pouco do nada. O que me conforta é que, um dia, a morte inevitavelmente virá. E tudo isto deixará de ser.

Minha mãe sempre dizia para eu me sentar feito mocinha, comportadinha. Nascida para servir e para cuidar. Caladinha. Agradável. Sorridente. O casamento é o sonho de toda mulher, dizem as teleguiadas. Não tenho tempo nem paciência para a maquiagem. A melhor amiga hétero. O melhor amigo *gay*. O irmão mais velho e protetor. O primeiro amor. Todos perdidos nas brumas do tempo.

A primeira lésbica da ABL. Morte às instituições aristocrático-burguesas. Cassandra Rios ignorada pela crítica literária

heterofalocêntrica e pela comunidade LGBTQIAPN+. Safo, mentora do meu amor.

Olho para elas com amor. Elas me olham com ódio. Não é só lesbofobia. É misoginia, aprendida no seio materno por toda mulher.

Junho, mês do orgulho. Monodia — o país que mais mata... E é. Não conheci meu tio, mais uma vítima da AIDS, em um tempo em que homens *gays* não importavam. Holocausto *gay*, patrocinado pelo poder público e pela sanha demoníaca de religiosos.

Repetições. Controle. Olho, olho. O que vejo, duvido. Imagino ver. O quê? Imaginação e realidade. Olho... um... dois minutos. Ansiedade. Controle. O relógio faz tic... tac. Meu cérebro faz toc. Preciso de relógio digital e de um novo cérebro. Rituais obsessivos-compulsivos. Quero chorar, mas não consigo já faz é tempo. Esta carcaça apodrecida pelo tempo merece descarte imediato. Sou mais do que lixo.

Antes de dormir, leio mais uma vez, a última carta do meu tio. Para Nora, minha mãe:

Nora, estou morrendo e você me ignora. (A rima não foi intencional.) Seu preconceito é maior do que seu amor. Os irmãos inseparáveis que éramos não passou de uma mentira? Meu companheiro morreu há um ano. Leonardo, aquele que você nunca quis conhecer. Segurei

sua mão nos momentos finais, sabendo que ninguém seguraria a minha nos meus momentos finais. A morte se avizinha, posso sentir.

Estou magro, esquálido, esquelético. Pareço uma vítima do Holocausto. Depois de tantas humilhações, a morte enfim se aproxima. Não a temo, pelo contrário, espero que chegue logo e acabe com este sofrimento. Suicídio nunca foi uma opção, sou covarde demais, Nora. Sempre fui, desde criança, quando você me protegia dos meninos selvagens, brutos, irascíveis, homofóbicos e misóginos.

Cresci e você me abandonou, ressentida por eu ser quem sou. Em que momento da vida você se transformou neles, Nora? Em que momento da vida você decidiu direcionar a pedra sobre aqueles que pouco têm para se defender? Não quero lamentar, nunca gostei de lamentações. Mas você, Nora, é minha grande frustração.

Quantos momentos bons nós perdemos por sua incompreensão. Se você tivesse conhecido meu companheiro, talvez soubesse que eu tinha encontrado a felicidade, talvez soubesse que eu estava em paz. Até que fomos lançados em um tempo de guerra, biológica ou santa (para alguns fanáticos), mas guerra, Nora. Nesta guerra pela vida, perdemos vários combatentes em uma luta

que já começou perdida, pois não tínhamos nenhuma arma além de nosso amor.

É, morremos de amor, contaminados pelo vírus do amor que transforma tudo em ódio. Vejo nos olhos de meus inimigos o prazer, a satisfação diante da minha decadência. Estão felizes com nossa lenta destruição. E não posso deixar de pensar que você é uma deles. Está feliz agora, Nora? Morro, não vai ficar nenhuma mancha em sua vida, nenhum vestígio de quem fui, do que sou. Morro, sem entender por quê. Ainda estou confuso, não consigo digerir esta coisa amarga.

Por fim, minha irmã, só quero lhe dizer que ainda te amo. Podem me chamar de trouxa por amar quem me odeia. Não tenho autoestima afinal? Mas a verdade é que te amo, Nora. Talvez não a Nora que você se tornou, mas a Nora que você foi naqueles tempos infantis em que a ignorância não conhecia o ódio.

Depois dessa carta, minha mãe correu para os braços do irmão. Mas eles já não estavam mais lá. A morte chegara primeiro. Com minha mãe, ficou a culpa. E ela guardou a carta para que não nos esquecêssemos de seu erro, de sua desumanidade, de sua incompreensão. Falhara como irmã e quis se punir, como se isso a redimisse. Após sua morte, a carta me coube como herança inevitável.

Transtorno obsessivo-compulsivo. Depressão. Ansiedade. Crise do pânico. Não são privilégios da comunidade LGBTQIAPN+. Estão presentes em todas as cores do arco-íris. Mas, principalmente, na vida em preto e branco das pessoas cisheterossexuais, que, dizem, são a maioria enfim. Compartilhamos transtornos e doenças. E a dor existencial. Lembro-me do dia em que li o conto *Pet Shop Boys*.

Se meu tio tivesse sobrevivido para ver tantas séries e filmes que retratam nossa comunidade de forma positiva... Se pudesse ver homens se casando e falando de amor... Se ouvisse o tempo todo nossa palavra de ordem... Orgulho. Se visse que o vírus antes mortal agora é controlado com eficiente medicação, em países que possuem leis que nos protegem, é claro... E soubesse que agora há PrEP, PEP e o escambau... Ah, tio, a morte o impediu de usufruir dos resultados de sua luta.

Talvez ficasse decepcionado com tanta domesticação.

Não consigo sair deste *looping* obsessivo-compulsivo. Moro com minha avó, uma velha cheia de manias, mas que me abrigou em sua casa. Sou grata. Eu que sonhava ser a Safo brasileira, publiquei vários livros de poesia lesboerótica que não são lidos por ninguém. Sou

um fracasso. Sobrevivo com uns trocados que ganho como revisora *freelance*.

Peeling. Preciso encontrar alguém confiável. Mas ninguém é confiável. Tratamento agressivo demais para recorrer a qualquer pseudoespecialista. Não sei por que essa deformidade me incomoda tanto. Incômodo estético. Não busco mais parceiras. Não busco mais o amor. Gosto de estar sozinha. E o sexo só é bom quando amo. Cansei da busca. E estou cansada da vida. Já provei, com prazer, o corpo de alguns homens.

O fracasso tem um gosto amargo. E gosto tanto de doces. Meu cérebro pede açúcar todo tempo. Salivo como vampira em busca de sangue diabético. E todos sabem que tenho uma inteligência acima da média. Mas há tanta mediocridade bem-sucedida. Coisas da vida. Aceito. Sou racional. Não vou arrancar os cabelos, que já começam a embranquecer.

Estou farta. Os problemas se acumulam. E diante da insolubilidade deles, desejo partir. Para além do arco-íris. Um eufemismo para as mentes sensíveis demais. Não quero mais. Mas sigo, pois não tenho escolha. Quem disse que temos escolha é um grandessíssimo idiota. Ou, quem sabe, uma grandessíssima idiota. Sou feminista e

suspeito que as mulheres são mais inteligentes do que os homens.

Tic tac toc... É o relógio da sala de minha avó? Tic tac toc... É meu coração descompassado? Tic tac toc... São os passos do fantasma de minha infância? Tic tac toc... da festa em que dei meu primeiro beijo. Tic tac toc... repetições exaustivas da minha existência. Tic tac toc...

Acumulo humilhações e frustrações.

Em todas as partes do mundo, LGBTfóbicos arrastam-se na política institucional. Fascistas. Religiosos. Odeiam a todos aqueles a quem não podem dominar com suas mentiras e seu autoritarismo.

Verifico a lingueta da porta. A janela está mesmo fechada? Olho debaixo da cama e no canto do sofá. A torneira. A válvula de gás. A porta. A janela. Eu me deito. E me lembro de que me esqueci de conferir se o ralo do banheiro está fechado. Conferido. Definitivamente, me deito, as costas param de coçar, meu pensamento se acalma e adormeço.

Como fênix... ou baratas, durante séculos, nós sobrevivemos.

Pet Shop Boys

— Faz quanto tempo mesmo?

Lúcio não hesita em responder:

— Vinte e nove anos.

— Vinte e nove anos — repete Pablo, como se não soubesse.

— Foi em mil novecentos e noventa.

Silêncio, respiração, rubores, lembranças, medos, dores, desejo.

— Mas como anda a sua vida? — pergunta Pablo, pois ainda não parou de fugir de si mesmo.

— Envelhecendo...

— É... eu também...

Lúcio, com a cabeça baixa, quase em um sussurro, pergunta:

— Você se casou?

Neste momento, a garçonete *queer* aparece com o capuchino, um para cada, como eles pediram.

Os dois homens parecem constrangidos diante dela, que já está acostumada com a reação das pessoas tão comuns e mesquinhas.

Depois que ela se afasta, Pablo responde:

— Me casei sim. Tenho dois filhos. Um rapaz e uma moça. E tenho um netinho também, filho da minha menina.

Pablo retribui a pergunta, com expectativa e esperança na voz:

— E você, se casou?

Lúcio sorri assim meio de lado, em um misto de constatação e tristeza, e diz:

— Sim, mas estou divorciado. Tenho uma filha. Ela está morando na Inglaterra.

FLASHBACK. 1990. Lúcio e Pablo estão no quarto de Lúcio. É sábado. Têm vinte anos de idade. Os pais de Lúcio estão viajando. Os rapazes terminaram de assistir a um filme de ação na tevê aberta, quando Lúcio pergunta:

— Conhece essa banda aqui?

Pega uma fita cassete e mostra ao outro: Pet Shop Boys.

— Ah, já ouvi falar.

Lúcio coloca a fita no toca-fitas. Ouvem o lado A, depois o lado B. Enquanto isso, conversam, têm assunto para uma vida inteira. Riem. Fumam maconha. Bebem cerveja. A noite caminha lenta em direção a um domingo ensolarado.

Decidem ouvir a fita da Pet Shop Boys de novo. Na *Always on my mind*, Lúcio aumenta o volume. Puxa o amigo, que está meio sonolento sobre a cama. E eles dançam, e riem, e se abraçam, e se beijam.

Vinte e nove anos depois, quando se lembram daquela noite, parece que a transa toda foi feita ao som de *Always on my mind*. Mas isso não é possível, pois a transa durou mais do que o tempo de uma música. Porém, quando se lembram, parece que tudo aconteceu com essa música de fundo, interminavelmente comovente.

Nessa noite de 1990, Lúcio se ajoelha e chupa o pau de Pablo, que está muito excitado e fode a boca do amigo, cruel, egoísta, confuso. Depois de se engasgar algumas vezes, Lúcio se levanta e beija a boca de Pablo. Os dois tiram toda a roupa, ficam completamente nus.

Deitados, na posição 69, um chupa o outro, com tal voracidade que parecem querer engolir o mundo. Eles se lambem, eles se cheiram e, desajeitados, Lúcio tenta comer o cu do amigo. Mas a coisa não funciona. E Pablo então mete tudo dentro de Lúcio.

A princípio, Lúcio sente algum desconforto, mais moral do que físico, mas depois se entrega. É bom sentir o outro dentro dele, é bom. O egoísmo de Pablo dá lugar ao altruísmo. Enquanto mete no amigo, bate punheta em Lúcio, que está de quatro. Pablo espera o outro chegar no ponto.

Quando Lúcio geme que vai gozar, Pablo deixa de se conter, e eles explodem juntos, porra que enche o cu de Lúcio, porra que encharca a

cama de Lúcio, sobre a qual ele cai de bruços. E sente a respiração de Pablo desacelerar sobre ele, enquanto a lucidez invade suas mentes jovens.

Vinte e nove anos depois, na cafeteria, neste inesperado reencontro, eles não ousam tocar no assunto. Falam de banalidades, de coisinhas corriqueiras.

— Você trabalha com quê? — pergunta Lúcio.

— Consegui terminar o curso de Direito. Depois prestei concurso e hoje sou funcionário público. E você?

— Eu e minha esposa temos uma pequena empresa de produtos de limpeza. Mas estamos caminhando pra falência, essa é a verdade.

— Pensei que fosse divorciado.

— Ex-esposa. É que é recente. E o divórcio foi amigável.

FLASHBACK. 1990... *Maybe I didn't treat you... quite as good as I should... maybe I didn't love you... quite as often as I could... little things I should've said and done... I never took the time...* O ABRAÇO... *You were always on my mind... you were always on my mind...* O BEIJO...

O Lúcio de vinte anos tem a beleza normal da juventude. Um metro e setenta de altura. Cabelo preto e liso. Pele morena. Olhos pretos e amendoados. Magro, mas em forma. Já o Pablo de vinte anos é tão belo quanto o amigo. Um metro e

oitenta e cinco de altura. Cabelo ruivo e crespo. Pele muito branca. Olhos pretos e grandes. Magro, muito magro.

Vinte e nove anos depois, são os únicos clientes da cafeteria neste momento. O movimento está fraco. A garçonete *queer* está com um livro aberto e tenta ler o conto *Diálogo entre o Amor e o Ódio*, mas sua atenção acaba se fixando nos dois homens ali sentados. Ela percebe uma tensão sexual entre eles.

Mas a garçonete *queer* é dada à dispersão. Esquece os homens ali e pensa em Salaì, o jovem amado do Leonardo da Vinci. Dizem que os dois eram lindos... E então seu pensamento vaga em torno de Leonardo DiCaprio. Duas cenas de *Titanic* que a impressionaram: o sexo, e a morte de Jack...

O Lúcio de quarenta e nove anos tem cabelo grisalho e uma barriguinha que adquiriu nos últimos vinte e nove anos. Já o Pablo de quarenta e nove anos está com o cabelo ralo, com fios brancos entremeados aos ruivos. Continua magro, muito magro.

— E seus pais? Ainda estão vivos? — pergunta Pablo.

— Morreram há alguns anos. E os seus?

— Vivos, mas com uma saúde bastante precária.

A garçonete *queer* liga o rádio. E quem disse que a vida é original? O locutor diz “Esta é das antigas!”. Não preciso dizer qual é. Você é um leitor esperto o bastante para intuir o óbvio. Quando a música começa, Lúcio estremece. E a garçonete *queer*, feliz, balança a cabeça de um lado para o outro, reagindo à melodia introdutória.

Os dois homens trocam um olhar revelador. Questão de segundos, e os olhos se afastam. A mão de Lúcio se arrasta sobre a mesa, e um dedo seu ousa tocar na mão fria de Pablo, que a recua, constrangido.

FLASHBACK. 1990. Quando Lúcio acorda, Pablo já foi embora. Lúcio sente uma imensa felicidade ao lembrar do que aconteceu, e uma imensa solidão que nunca mais o deixará. Nos próximos dias, não falam do assunto e se evitam. Depois, a amizade esfria, não mais se cumprimentam, a vida segue, e cada um toma seu rumo.

Vinte e nove anos depois, quatro estudantes barulhentos entram na cafeteria. Nenhum dos dois tem paciência para adolescentes. É hora de ir embora. Lá fora, Pablo estende a mão para Lúcio, que a aperta. Talvez seja o último toque. E cada um vai para um lado. Lúcio caminha devagar, os pés estão pesados, assim como seu coração.

You are always on my mind... You are always on my mind... You are always on my mind... You are always on my mind... You are always on my mind... You are always on my mind... You are always on my mind... You are always on my mind... You are always on my mind... You are always on my mind... You are always on my mind... You are always on my mind... You are always on my mind...

E quem sabe, em algum universo paralelo, Lúcio e Pablo, com vinte anos de idade, estão dançando ao som de Pet Shop Boys. Dançam felizes, dançam unidos, dançam certos de que ficarão juntos para sempre.

E que assim seja.

Diálogo entre o Amor e o Ódio

— Amo o sexo com paixão, as séries BL, o cinema, a literatura, os livros, a comunidade LGBTQIAPN+, as mulheres pretas e gordas, doce de leite, chocolate, bolo de banana, o conto *A vingança é um prato que se come frio*, sorvete de morango.

— Odeio fascistas, gente que escarra nas ruas, religiões, moralistas, alienados, policiais, homofóbicos, racistas, lesbofóbicos, transfóbicos, misóginos, empresários, ricos egoístas, juízes elitistas, cães de vizinhos.

— Amo o silêncio, a solidão, o beijo de amor, o beijo de tesão, pau duro, bunda de homem, peito peludo, nariz pontudo, dormir, batata frita, arroz com feijão, macarronada, pimenta, homens magros.

— Odeio aquele jogador de futebol, pessoas barulhentas, gritos de criança, torcedores de futebol, música alta ao ar livre em bairros pobres, música alta da vizinha, a vizinha que fala aos gritos.

— Amo sexo oral, punheta, mingau de maisena, Clarice Lispector, Caio Fernando Abreu, Carolina Maria de Jesus, Louis Garrel, Machado de Assis, outono, inverno, música clássica, ópera, MPB, *Feira de mangaio* na voz de Clara Nunes.

— Odeio mulher submissa, primavera, verão, mofo, *pop-up*, pedido de permissão de *cookies*, verificação de CAPTCHA, vizinho sobre o muro, criança mimada, guerra, genocídio, negacionismo, mudança climática.

— Amo Marisa Monte, Julieta Venegas, Jesus filho do homem e não filho de um deus, *O anticristo* de Nietzsche, Adrien Brody, Pirapat Watthanasetsiri, beijo de língua, carro sem motorista, tecnologia.

— Odeio o cristianismo, música *gospel*, pessoas sem desconfiômetro, quem fica falando no celular enquanto está sendo atendido no caixa, bancos, ligações de telefone, ineficiência de aplicativos, gente que tem preguiça de aprender.

— Amo Leonardo da Vinci, laranja, melancia, banana caturra, leite em pó, ar-condicionado, vento no rosto, escrever, pensar, olhos de quem me ama, lembranças boas, dormir abraçado.

— Odeio coceira, artrose, dor de cabeça, vomitar, lavar banheiro, alegria forçada, a ganância capitalista, a incompetência, a desorganização, esperar gente atrasada, médicos mercenários, gente indisciplinada, cerveja.

— Amo cheiro de maquiagem, cosméticos veganos, o esperma do homem amado, a juventude, a beleza, a perfeição, a liberdade, a

democracia, a ciência, a arte, a empatia, a compaixão.

— Odeio frases feitas, gestos ensaiados, sorrisos falsos, colega de trabalho sanguessuga, procriadores irresponsáveis, casamento, funeral, o envelhecimento, a imperfeição, a desigualdade social, a ditadura, qualquer autoritarismo.

— Amo a linguagem neutra, o dom da palavra, couve, tomate, feijão recém-cozido em panela de pressão, Maria Callas, vacina contra gripe, ser desejado sexualmente por homens, gargalhar com vontade.

— Odeio as incoerências, pessoas fúteis, servilismo, opressão, escravidão, domesticação, presídio, violência, carne, gente, multidão, matadouro, falta de energia elétrica, falta de água, internete limitada, queijo azedo, vertigem.

— Amo Madonna, Maria Bethânia, sonho erótico, água quente em inverno, cheiro de chocolate, computador, paredes claras, suíte, *pizza* quente com guaraná gelado, bolo com massa cozida.

— Odeio carro velho e barulhento, uivo de cão, quem coloca o sexo acima da amizade, rivalidade feminina, o caos, gente que enfia o dedo no nariz em público, a ignorância, sertanejo fascista.

— Amo livro digital, tampão de ouvido, fone de ouvido, olhos sul-coreanos, olhos tailandeses, olhos japoneses, olhos de Taiwan, suicídio assistido, eutanásia, aborto legal, renda mínima, quatro horas de trabalho diárias apenas.

— Odeio caça às bruxas, o Tio Sam, remédio amargo, coisa azeda, tortura, serviço militar obrigatório, militares, otimistas, a dor, a vida em condições precárias, a fome, a miséria, os vícios que apequenam o ser humano.

— Amo o cu do meu amado, coleta seletiva, cremação, a língua portuguesa, pessoas que tomam atitude, o abraço, a resposta certa no momento certo, a altivez, jantar quente em noite fria.

— Odeio pedras nos rins, perfume masculino, comentário de postagem, pessoas que acham que rezar ou desejar boas coisas é algo útil e eficaz, o medo, o desamparo no escuro, praticantes de *bullying*.

— Amo tudo, tudo.

— Odeio tantas coisas, tantas coisas, tantas coisas, tantas coisas, tantas coisas, tantas coisas, tantas coisas, tantas coisas, tantas coisas, tantas

coisas, tantas coisas, tantas coisas, tantas coisas, tantas coisas, tantas coisas.

— Eu te amo.

— Eu te odeio.

A vingança é um prato que se come frio

“A vingança é um prato que se come frio”, a voz sussurrou em meu ouvido, sibilante, arrepiante. Acordei. Meu coração estava disparado. Minha boca estava seca. E comecei a chorar. Não sabia por que estava chorando, só queria muito chorar, como se uma angústia em meu peito quisesse ser dissipada.

Era a dor da traição. Mas não era minha, era de outra pessoa. Provavelmente da dona daquela voz masculina que me dissera que a vingança é um prato que se come frio. Eu estava com medo, um medo que me provocava calafrios.

Enquanto eu me olhava no espelho, senti algo em minha nuca, como a respiração de alguém. Meu corpo inteiro se arrepiou. O espelho, de repente, ficou embaçado, e um dedo invisível escreveu um V, que logo se apagou, pois o espelho voltou ao seu estado normal.

Eu devia estar sonhando, não estava acordado de todo. No meu reflexo no espelho, algo chamou minha atenção. Meu rosto parecia diferente. Percebi traços no meu rosto até agora inexistentes.

“É preciso transformar o amor em ódio pra sobreviver a uma traição”, disse a voz, e senti todo o ódio por ele, o traidor.

Quando entrei no meu quarto, que cena perturbadora. Dois homens fodiam sobre minha cama. Um deles, o mais velho, tão bonito, devia ter uns trinta e cinco anos, cabelo louro, olhos azuis, corpo musculoso, estava deitado, enquanto o outro, talvez uns dez anos mais jovem, com cabelo preto e liso, olhos tailandeses, nariz proeminente, boca pequena e vermelha, corpo escultural, cavalgava selvagemente sobre o outro, o pau do parceiro enfiado todo em seu cu, enquanto eles se moviam, alucinados, gemiam como animais em agonia e, por fim, explodiam em prazer extremo.

Fiquei ali, olhando para eles, sentindo uma dor por mim nunca sentida antes. Um misto de tesão, raiva e inveja. Ciúme, mágoa profunda, punhal no coração. Eu chorava enquanto eles, exaustos, sorriam, se acariciavam e depois desapareciam, como névoa diante dos meus olhos.

Eu estava ofegante, e sentia um desejo profundo de vingança, contra aquele que havia pouco estava sendo cavalgado, aquele que tinha outro para satisfazê-lo. E ódio por esse outro, que

se dizia meu amigo, mas parecia amar mais o pau do meu homem do que a nossa amizade.

Então voltei à minha realidade. Não havia ninguém no meu quarto. Mas aqueles sentimentos negativos não me abandonavam. Eu não conseguia entender o que estava acontecendo. Só sabia que precisava me arrumar para ir ao trabalho, ou chegaria atrasado.

Minha mãe tinha morrido havia alguns meses e me deixado a casa. Agora eu estava só no mundo, não tinha parentes.

Era meu primeiro dia no emprego como funcionário de um supermercado. Naquele primeiro dia, conheci a rotina do lugar, trabalhei como empacotador, ajudei no estoque, conheci alguns colegas de trabalho. Pessoas boas e outras de mau caráter, como sempre.

No final do meu expediente, eu estava diante do relógio de ponto, quando meu coração disparou. Senti uma presença atrás de mim. E me virei. Ninguém pode saber o misto de emoções que me invadiram. Era ele, o cara louro que estava sendo cavalgado pelo outro na minha cama.

Carrancudo, ele se apresentou:

— Sou o João Vítor. Você é novo aqui, né? Espero a sua dedicação. E que vista a camisa da empresa.

Não tive tempo de responder. Logo apareceu alguém e o chamou para resolver um problema. Perguntei para um colega quem era o tal do João Vítor. E ele me disse que era o dono do supermercado.

No dia seguinte, novamente tive a sensação de taquicardia, acompanhada de adrenalina, um frio na barriga que sentimos diante de uma víbora. O caixa homofóbico com quem eu estava trabalhando como empacotador, fez um sinal com o queixo, indicando o homem que passava atrás de mim. Eu me virei e reconheci aquele que cavalgava selvagem sobre o pau do João Vítor.

O caixa comentou, com desprezo homofóbico:

— Esse aí conseguiu o cargo de gerente depois de dar o cu pro dono do supermercado.

O caixa se chamava Anderson. Tinha estatura mediana, era ruivo, branco, de olhos verdes. Adorava se olhar no espelho. Sorria ao ver os músculos conquistados sem esforço. Ou melhor, houve esforço para economizar durante dois anos e dar entrada no caríssimo aparelho de musculação virtual.

Era um equipamento que se acoplava à cabeça. Por meio do couro cabeludo, ele provocava no corpo todas as reações químicas produzidas por exercícios reais. Era acompanhado

por óculos de realidade virtual e fones de ouvido, que simulavam os exercícios. O cérebro era enganado e não distinguia o real do virtual, então mandava comandos para os músculos como se o indivíduo tivesse feito exercícios reais, de forma a sentir dor muscular resultante de exercícios físicos. E o resultado eram os músculos de Anderson, orgulhoso de sua forma e força física.

Minha mãe me dizia que a beleza é uma bênção e uma maldição. E como era bonita! E me deu de herança a beleza. Sempre fui bonito. E todo mundo dizia que eu tinha que ser modelo, como se bastasse ser bonito e não houvesse toda uma trajetória tortuosa a percorrer.

Aos vinte e cinco anos, eu era um rapaz preto, de um metro e oitenta e cinco de altura, cabelo naturalmente preto e liso, olhos grandes e pretos, nariz pontudo, boca grande, lábios grossos, corpo magro. Era o tipo de pessoa com medidas proporcionais, pernas retas, pés perfeitos, voz de locutor, sorriso hipnotizante.

Portanto, eu não passava despercebido. Todos me viam, me desejavam ou me odiavam. Eu precisava lidar com o assédio e com a inveja. A beleza abre portas, provoca simpatia imediata, mas também pode nos tornar alvo da violência dos invejosos. De cara, despertei o desejo do João

Vítor e a inveja do Reinaldo, o gerente do supermercado.

Mas o que ajudou a chamar a atenção do João Vítor foram as horas extras. Eu fazia de tudo para ficar longe de casa, então trabalhava a maior parte do tempo. Em casa, eu sentia calafrios, frio na barriga, sensações estranhas. Às vezes, parecia que mãos estavam passeando sobre minha pele, o que provocava arrepios assustadores.

Eu dormia mal, sempre com a luz acesa, tinha pesadelos, acordava suando. Às vezes ouvia algo parecido a sussurros. Em uma ocasião, tive a nítida sensação de que uma língua molhada lambia uma das minhas orelhas. E os cheiros! Sentia uma infinidade de cheiros sem explicação, às vezes agradáveis, mas a maioria eram cheiros nauseabundos, acho que cheiro de corpos em putrefação.

Ouvia guinchar de ratos. Revirava a casa em busca desses nojentos roedores. Mas o máximo que eu encontrava eram baratas. Para dormir, eu ligava a televisão e programava o aparelho para desligar dali a umas duas horas. As vozes da televisão impediam que eu ouvisse aqueles sussurros assustadores.

— Você vestiu mesmo a camisa da empresa! — disse-me João Vítor.

E, pela primeira vez, vi um sorriso seu. Então, sorri de volta. E percebi um brilho nos olhos dele diante do meu sorriso. Acho que foi nesse momento que ele se apaixonou por mim.

— Continua assim — disse e se afastou.

De longe, Reinaldo nos olhava, com cara de poucos amigos.

Dias depois, eu estava no estoque e usava uma escada para pegar uma caixa, quando me senti tonto e caí. Acordei no hospital. E quem estava lá para cuidar de mim? O João Vítor. Todo preocupado. A princípio achei que era egoísmo de empresário com receio de ser processado pelo funcionário que fazia tantas horas extras. Mas logo percebi que sua preocupação era genuína.

Aquilo mexeu comigo. Eu estava tão sozinho e desamparado, que qualquer gesto de carinho me tornava ingênuo e amigável. Apesar de não ter sido nada grave, ele fez questão de me levar até em casa. Eu disse que não precisava, que ele era muito ocupado.

— O Reinaldo está cuidando do supermercado, não se preocupe.

Na minha casa, ele olhou em torno, com certa pena de mim, pois minha casa estava bastante deteriorada.

— Você mora aqui sozinho? — perguntou.

Confirmei com um aceno de cabeça.

Ele só foi embora duas horas depois, quando percebeu que eu realmente estava bem. No dia seguinte, ele voltou para ver como eu estava, mas logo foi embora. Horas mais tarde, Reinaldo apareceu em minha casa. Entrou, quis saber como eu estava. Mas o que queria mesmo era dizer:

— Não se iluda com o João. Pra ele, você é só mais um. Depois que ele conseguir o que quer, você vai pro lixo.

Ficamos em silêncio, olhando um para o outro. Havia algo entre nós, uma energia erótica. O movimento foi mútuo, parecia sincronizado. Nós demos um passo em direção um ao outro e nos unimos em um beijo apaixonado, mais do que apaixonado, algo animalesco.

Baixei sua calça, ele se inclinou sobre minha cama. Cuspi no meu pau duro e meti tudo, era uma mistura de desejo e ódio, eu queria machucá-lo, ele queria ser machucado, e isso nos dava prazer. No final, ele sentou-se na cama e me chupou até eu gozar em sua boca. Enquanto eu gemia de gozo, ele também gozava, pois estava batendo punheta enquanto me chupava.

Depois disso, não nos falamos muito. Ele continuava me olhando com desprezo. Mas João Vítor não perdia a oportunidade de trocar alguma palavra comigo. E me mandava mensagens. Convidou-me para jantar com ele em um fim de

semana em que Reinaldo estava viajando. Era bonita a sua casa. Depois do jantar, que ele mesmo preparou, eu fui a sobremesa.

Ele me comeu com uma fome excitante. Viril e safado, sabia meter gostoso. Gozou lindamente e me fez feliz naquela noite. Dormimos juntos, fodemos de novo pela manhã. Tomei um banho, ele providenciou o café, e fui embora, com a promessa de que repetiríamos aquela noite.

Em casa, o tormento. Calafrios. Vozes. Sussurros. Sensações. Visões. Eu não entendia o significado de tudo aquilo. Quem queria vingança? João Vítor e Reinaldo deviam sofrer para pagar pela traição? Quem eles traíram?

Continuei a me encontrar com o João Vítor. Ele me convenceu a morar na casa dele. E o Reinaldo? Eles viviam juntos, mas já não tinham um relacionamento amoroso. Aceitei porque eu estava apaixonado por ele, mas também porque eu estava convencido de que minha casa estava mal-assombrada.

No início, foi um paraíso. Ele me olhava com tamanha adoração que eu chegava a ficar assustado, e tinha motivo para isso, foi o que logo descobri. Possessivo. Ele decidiu que eu não precisava mais trabalhar. E não queria que eu saísse de casa sem ele. Confundi posse com amor, não levei muito a sério. Até o dia em que fui

ao cinema sozinho e, quando voltei, ele estava irascível.

Brigamos. Ele chegou a levantar a mão para um soco. Mas porra, eu sou homem, não sou uma mulherzinha frágil que um homem misógino pode derrubar. Dei-lhe um safanão, e disse que tudo tem limite. Mas João Vítor não conhecia a palavra "limite". Contratou dois seguranças, que me impediam de sair de casa.

Reinaldo via tudo e não interferia. Às vezes, eu o surpreendia a olhar para mim. Não sei se em seu olhar havia ódio, ironia ou desejo. Eu até pedi a sua ajuda, mas ele respondeu:

— Não vou me meter nessa história.

— Estou em cárcere privado.

Ele repetiu:

— Não vou me meter nessa história.

— Você é cúmplice.

— Sai do meu quarto e me deixa ler sossegado.

Ele voltou a ler o conto *A bicicleta do meu tio* e me ignorou.

Saí do quarto com uma sensação de desamparo. E estava prestes a chorar, quando Reinaldo foi até mim.

— Olha, o João é possessivo. Ele fez a mesma coisa comigo. Mas depois, a paixão dele vai embora e você fica livre. Quer um conselho?

Aproveita. O sexo com ele é gostoso. E você tem tudo que o dinheiro pode comprar. Dá um jeito de ele transferir uma mesada gorda pra sua conta. A paixão dele vai passar, e depois você aproveita a grana.

Reinaldo era racional, e o que ele disse fazia sentido. Aproveitar a situação, já que eu não podia lutar contra ela.

Antes de voltar para o quarto e para a leitura de seu livro, ele me advertiu:

— E cuidado pra não acabar como o Péricles.

— Quem?

— Antes de mim, João era apaixonado pelo Péricles.

— E o que aconteceu.

— O Péricles se matou.

Uma semana depois, eu quis saber mais sobre o Péricles. Reinaldo disse que Péricles era muito apaixonado por João Vítor e era totalmente submisso, fazia tudo que o João queria, até as coisas mais humilhantes. De certa forma, eles se completavam, um dominador e um dominado. Péricles parecia ter prazer com o jeito possessivo do outro, e não se importava em viver em função de seu amante.

Reinaldo e Péricles eram grandes amigos, e Péricles contava tudo para Reinaldo. Com o tempo, Reinaldo foi ficando com inveja daquilo,

quis provar o gosto do João Vítor. Estavam fodendo, quando Péricles os surpreendeu e sofreu muito. João Vítor não via nada de mal em transar com outros, queria que Péricles aceitasse isso, por isso transou com Reinaldo enquanto Péricles dormia no outro quarto e, ouvindo os gemidos, acordou e foi assistir à traição. Mas Péricles não suportou, tomou veneno e morreu.

Reinaldo tinha uma fotografia do Péricles. Era um rapaz magro e branco. Tinha liso cabelo castanho, nariz pequeno, usava barba e possuía um olhar triste. Devia ter um metro e setenta e cinco de altura. Segundo Reinaldo, ele era bastante feminino em seus gestos.

Ao ver aquela fotografia, tive a sensação de que o conhecia de algum lugar. Aquele rosto me parecia muito familiar. Eu pensava nisso, quando Reinaldo me beijou como uma cadela no cio. Ele ficava irracional quando estava com tesão, ficava de quatro, e seu cu queria engolir o mundo. Eu o comia, alucinado, quando João Vítor chegou e nos viu entre esgares e gemidos.

Eu também estava irracional e estendi a mão para o João Vítor, num convite para que ele participasse da foda, eu queria compartilhar aquilo com ele. Mas ele foi até a cozinha, pegou uma faca, voltou ao quarto de Reinaldo, e, enquanto eu gozava dentro daquele cu, ele enfiou

a faca no pescoço do meu passivo. Depois veio até mim e esfaqueou minha barriga várias vezes, com a mesma violência com que metia o pau no meu cu quando transávamos.

Enquanto eu morria, me lembrei de onde conhecia Péricles. Da minha infância. Ele era um menininho muito feminino que confessara seu amor por mim. Eu, na minha ignorância de criança, contara para todo mundo. E o Péricles passara a ser alvo de pesado *bullying*, a ponto de se deprimir e sair da escola. Eu nunca mais o vira, até olhar para aquela fotografia.

Quando os seguranças entraram no quarto, João Vítor estava sentado no chão, com a faca ensanguentada na mão. Chorava, enquanto dizia que queria acabar com tudo, que não suportava mais ser um possessivo. Os seguranças o desarmaram e chamaram a polícia.

Nem todo o dinheiro do mundo pôde evitar sua condenação. Ele foi para a cadeia, o que, no Brasil, é muito pior do que a morte.

A bicicleta azul do meu tio

Aos homossexuais de Uganda.

Chego em casa, e minha esposa me dá a notícia. Meu tio foi levado pela polícia depois de ser denunciado por praticar ato homossexual. Quando isso acontece, as famílias esquecem que a pessoa um dia existiu. Nunca tive notícia de um preso por tal acusação que tenha voltado para casa.

Tio Douglas é um homem de cinquenta anos. Não é segredo na família a sua homossexualidade. Nos últimos anos, direitos conquistados por pessoas como o tio foram jogados no lixo. Ele sabia que era só uma questão de tempo até que alguém o denunciasse.

Sento-me no sofá da sala e choro. Esse tipo de prisão é uma sentença de morte. Depois de capturados, eles não voltam para casa. Eu choro e me lembro da infância, quando éramos tão unidos. Eu gostava de andar na garupa de sua bicicleta. Ele pedalava e ouvia o garoto de cinco anos que falava, falava, com muito assunto. Ele pedalava e ouvia, pedalava e ouvia, pedalava nosso foguete, é como ele se referia àquela bicicleta azul, o nosso foguete azul.

Um dia, ele me contou a história do homem que viveu durante mil anos em busca de um namorado. Quando encontrou, ficou tão feliz que morreu. Eu tinha cinco anos e achei engraçado um homem ter um namorado. E ri muito. Então contei a história para um colega da escolinha.

A mãe dele foi revoltada à escola para dizer que eu era viado e estava querendo influenciar o filho dela. Naquela época, essa gente que odeia homens *gays* já estava tendo uma forte influência na sociedade. Quando vi aquela mulher a espumar pela boca, feito uma cadela raivosa, e gritar que eu era bicha, tive medo. Isso, mais tarde, serviu para eu entender como era difícil a vida do meu tio.

Minha mãe foi chamada à escola e colocou a bruxa homofóbica em seu devido lugar. Minha mãe era assim, cortante nas palavras. Sabia se expressar verbalmente como ninguém. As palavras certas vinham na hora certa. E se isso não bastasse, tinha disposição para a agressão física. Era ela quem protegia o tio quando eram crianças.

Não, chega de chorar. Não vou simplesmente aceitar, de braços cruzados, essa situação absurda. Não vou deixar meu tio nas mãos sádicas dos “monstros do Estado teocrático”. Era assim que ele se referia aos poderosos deste país.

Meu tio é um artista, um intelectual. Não sou muito politizado. Mas sei lidar com as pessoas, sou um vendedor, tenho lábia e conheço muita gente. Não descanso enquanto não souber onde o tio está para tirá-lo das mãos dos monstros.

Trabalho em uma loja de acessórios automotivos. Um dos nossos clientes fiéis é um militar chamado Bastos. Ele é um homem preto, alto e barrigudo. Tem aproximadamente quarenta anos de idade, cabelo crespo, nariz grande e sorriso fácil.

Bastos me recebe na varanda de sua casa. Peço o favor, que descubra para onde mandaram meu tio.

— Por que você está empenhado em ajudar esse tipo de gente?

— Minha mãe, antes de morrer, me fez prometer que cuidaria dele. Afinal, ele não tem filhos, e fiquei responsável por cuidar dele.

— Mulheres são muito sentimentais. A minha também é assim. E vamos dizer a verdade. Toda família tem um viado. Algumas têm até mais de um. — Ele dá uma gargalhada fina, parece o guinchar de um rato. — Eu nem acho que deviam ser presos. Essa coisa de homem chupar pau e dar o cu é doença, deviam é ser internados pra tratamento.

Meu tio não é doente e nem criminoso. Mas não estou aqui para debater. Meu objetivo é salvar meu tio. Então finjo concordar com o que o Bastos está dizendo. Ele anota os dados do meu tio e fica de entrar em contato comigo.

— Vou fazer isso porque gosto de você, rapaz. É sempre prestativo e me atende bem. E tem um "chegado" meu que é muito seu amigo, o Borges da oficina. — Faço um "ah!", acompanhado de um sorriso amistoso. — Uma mão lava a outra, como se diz. E, no final das contas, nenhuma família está livre dessa mazela, parece uma epidemia. Eu até não tenho nada contra os viados, desde que fiquem longe de mim. Mas lei é lei, né?

Dias depois, recebo a sua ligação. Ele diz para eu ir até determinado quartel e falar com um tal de tenente Sousa. Vou até lá. O tenente me recebe em uma espécie de escritório. Me manda sentar, confere uns papéis e, antes de dizer se sabe algo sobre o paradeiro do meu tio, quer saber por que estou querendo ajudar uma bicha.

Repito a história. Minha mãe, antes de morrer... blá-blá-blá.

— Tá certo, tá certo... Família é coisa que a gente não escolhe. Tá certo... Eu mesmo tenho um cunhado que eu não sei não. Mas minha

mulher não admite que eu diga um ai sobre o irmão dela. Tá certo...

O tenente Sousa é um homem branco, magro e louro de olhos verdes. Gosta de olhar seu interlocutor nos olhos, como se quisesse ver a sinceridade ou a falsidade que alguém pretende ocultar. Ou talvez seja apenas uma forma de intimidação ou de autodefesa.

Ele me informa que o tio foi transferido para outra cidade. Me dá o endereço do local e um contato. Diz que só está fazendo aquilo porque o Bastos é um amigo para toda hora, nunca lhe negaria um favor.

— Uma mão lava a outra — ele diz.

Estou com férias acumuladas. Converso com meu chefe e tiro um mês de férias para tentar ajudar o meu tio. Minha esposa não gosta da situação, diz que meu tio está sendo punido pelas próprias escolhas. E começo a suspeitar de que foi ela quem o denunciou. Eu a ignoro, não tenho tempo para suas lamúrias religiosas. Entro no meu carro e vou embora. Mas sinto um aperto no coração, pois tenho um filho de três anos e não suporto a ideia de ficar longe dele.

Meu nome é Moacyr. Sou um homem branco e heterossexual. Tenho trinta anos, um metro e oitenta, cabelo liso e castanho, pequenos olhos castanhos e amendoados, nariz grande, boca

pequena. Já fui bem magro. Hoje tenho uma barriguinha de cerveja. Mas ainda sou atraente, as mulheres me olham, e os homens também.

Sou casado com Melinda há cinco anos. Ela é preta. Sempre tive atração por mulheres pretas, nunca namorei uma mulher branca. Melinda é bonita, alta, magra, cabelo crespo, olhos grandes e pretos, nariz pequeno, boca grande, ancas largas. Passou a frequentar uma igreja recentemente, e parece que fizeram uma lavagem cerebral nela.

Enquanto dirijo, lembro-me das coisas que vivi com meu tio, na garupa de sua bicicleta azul. Ele pedalava pedalava pedalava. Eu na garupa: com a mão esquerda, eu segurava no selim; com a direita, eu segurava o picolé de morango, que eu lambia, feliz, e sentia a brisa agradável no rosto.

— Vou te levar pra Groenlândia! — ele disse.

Eu ri porque não tinha a mínima noção de onde ficava isso. Mas parecia ser muito, muito longe, e o nome era engraçado, fazia eu enrolar a língua.

— Mas temos que aprender a falar groenlandês.

— Tio!

— O quê?

— Sabe o Werther Antônio?

O tio deu uma gargalhada ao ouvir o nome esquisito.

— Seu amigo da escolinha?

— É.

— O que tem ele?

— Ele disse que a mãe dele disse que o pai dele disse que homem não pode chorar.

— Ué, mas você não chora?

— Ah, tio. Eu não sou homem, eu sou menino, ué!

— Ah, é verdade. Mas vou te dizer uma coisa. Fala pro seu amigo Werther Antônio pra dizer pra mãe dele, pra ela dizer pro pai dele que ele é um imbecil.

— Quem é imbecil?

— O pai do Werther Antônio.

— Ah... Por que, tio?

— Porque homem pode chorar, pode sorrir, pode dançar, pode pular, pode fazer o que quiser.

— Igual mulher?

— Mulher e homem é tudo igual, Momô. O que um pode, o outro pode também.

No final de nossos passeios de bicicleta, o tio sempre se despedia assim:

— Tchau, Momô. E não se esqueça: ao tomar banho, lava bem o bumbum e a torneirinha.

Após horas de viagem, chego à cidade indicada pelo tenente Sousa. E me hospedo em

um hotel barato. O quarto não tem banheiro. Ele tem uma cama de solteiro, um guarda-roupa de duas portas e uma mesinha de cabeceira. Abro uma gaveta da mesinha de cabeceira e encontro um livro, deve ser do hóspede anterior. Dentro do guarda-roupa vazio, uma barata.

Vou até o quartel indicado pelo tenente Sousa. E localizo meu tio. Ele está em uma espécie de campo de concentração para homossexuais. Não recebo permissão para vê-lo. O conhecido do tenente Sousa me dá o contato de um advogado.

— Ele é bom em resolver essas coisas — ele diz, com um jeito de olhar que sugere algo que não consigo captar.

Mendonça é o advogado. Seu pequeno escritório é uma bagunça. Papéis espalhados por tudo quanto é lugar e uma sujeira só. Ele percebe que estou impressionado com a bagunça e sorri, enquanto diz:

— Funciono melhor no caos.

Educadamente, sorrio de volta.

Ele tira uns papéis que estão sobre uma cadeira e os coloca em um sofá.

— Senta aí.

Eu me sento na cadeira, enquanto ele, do outro lado da mesa, se acomoda em sua própria cadeira. Ele é gordo, branco, calvo, tem manchas

no rosto e deve ter uns quarenta anos. É bem feminino em seus gestos, e tem uma voz aguda. É claramente homossexual, mas consegue vencer o sistema. Essa constatação me faz ficar mais confiante.

Ele vai direto ao ponto. Precisa de dinheiro, não para ele, que é honesto, mas para "molhar a mão" de algumas pessoas. Afinal, o sistema judicial é corrupto. Digo que não tenho muito. Ele diz que o que eu puder conseguir, já ajuda. Tenho uma poupança. E penso como Melinda vai ficar furiosa ao saber que usei o dinheiro para ajudar o meu tio.

— E seus honorários?

— Não vou cobrar nada.

— Mas...

— Faço isto por uma questão humanitária.

O sorriso dele não disfarça o brilho lacrimejante em seus olhos.

Na volta para o quarto barato, recordo novamente minha infância, meu tio e sua bicicleta azul. Eu em sua garupa, olhar atento a tudo ao redor. Era um menino de cinco anos, curioso então. O tio estava silencioso naquele dia. E, de repente, a bicicleta parou.

— Oi — ouvi a grossa voz de um estranho.

Inclinei-me de lado e vi um homem alto, preto, jovem e bonito. Ele sorriu para mim.

— Esse é seu sobrinho?

— Sim, é o Momô.

— Oi, Momô — disse o homem enquanto me sorria.

— É Moacyr — falei, mal-humorado.

Ele me ignorou e falou para o tio:

— Precisamos conversar.

A voz do tio era triste ao dizer:

— Mas você já fez sua escolha.

— Douglas, a gente pode ser amigos?

— Vamos embora, tio — falei, sentindo um misto de ciúme e raiva.

O tio pareceu me ignorar.

— Eu não posso ser seu amigo.

— Mas e tudo que a gente viveu, Douglas?

— Você jogou tudo no lixo.

Então o tio começou a pedalar, em silêncio. Olhei para trás e vi o homem a nos olhar. Eu não sabia quem ele era, mas pressentia.

No sábado, saio do quarto barato em busca de alguma diversão. Acabo batendo coxa em um forró. Estou tomando uma cerveja quando percebo que alguém está olhando para mim. Levanto o copo em sua direção, e ela se aproxima. Cleuza é preta e bonita que só ela. Está suada de tanto dançar.

No meu quarto barato, a gente transa. Ah, quanto tempo não recebo um boquete. E Cleuza

sabe como fazer gostoso. Depois, lambo sua buceta molhada e fico ainda mais excitado com seu cheiro. As paredes são finas, e sei que deve ter alguém se masturbando enquanto nos ouve foder.

Depois de comer Cleuza e fazê-la gozar, nós dormimos abraçados na cama de solteiro. Quando acordo, ela está vestida, sentada no chão. Encontrou o livro esquecido na gaveta. Está lendo o conto *Cadê o Théo?*, e nem percebe que estou olhando para ela.

Ao nos despedirmos, prometo que um dia volto para revê-la. Mas ambos sabemos que isso nunca vai acontecer. Foi apenas uma noite, uma noite inesquecível e nada mais.

Mendonça consegue uma visita. Espero pelo tio em uma salinha com duas cadeiras. Ele entra, desconfiado, não lhe informaram quem o esperava. Ao me ver, seus olhos brilham. Ele está mais magro do que o habitual. Sua pele clara apresenta hematomas. Rasparam o seu cabelo castanho, está careca. Tem uma tristeza nos olhos que faz doer meu coração.

Olho para suas mãos, que estão trêmulas. E quando olho novamente para o seu rosto, vejo que ele chora, em silêncio. Dou-lhe um forte abraço. Não dizemos nada, só ficamos ali, abraçados. Depois nos sentamos um diante do

outro. Nem ouso perguntar como ele está, pois seu estado é evidente. Digo que estou fazendo de tudo para tirá-lo dali. Ele me agradece, mas não demonstra otimismo.

Saio de lá com um nó na garganta. Entro no meu carro e choro, de soluçar. Lembro-me do dia em que tropecei, caí e tentei controlar o choro, porque era menino de cinco anos que queria ser homem que não chora. O tio me abraçou e falou:

— Pode chorar, Momô.

Desabei, chorei até cansar, até ficar aliviado. O tio então pegou sua bicicleta.

— Sobe aqui no nosso foguete azul.

E pedalou até uma sorveteria. Trancou a bicicleta com cadeado.

— Não queremos que nosso foguete seja roubado pelos inimigos da Groenlândia, né, Momô?

— E quem são os inimigos da Groenlândia?

Ele pensou, depois me lançou uma piscadinha e falou:

— A Desgroenlândia.

Balancei a cabeça de um lado para o outro, enquanto pensava que o tio tinha muita imaginação. Eu era criança, mas nem por isso acreditava em tudo.

Nós nos sentamos a uma mesa da sorveteria e fizemos a festa.

— Ai, não aguento mais tomar sorvete, tio — disse eu, alisando minha barriga.

— Então vamos passear mais. Vou pedalar pra queimar as calorias. E você, vê se não vai dormir na garupa, hein?

— Nem tô com sono.

— É mesmo, você comeu coisa doce, açúcar tira o sono e alimenta o cérebro.

Mendonça conhece um juiz que vai ajudar o tio se eu der “um agrado” para ele. O juiz nem pediu muito. Há tantos presos como o meu tio, que juízes como esse têm muitas sentenças para vender.

O juiz, além de libertar meu tio, consegue-lhe também um visto para que ele possa ir embora do país. Segundo o juiz, em sua decisão, essa é outra forma “de livrar nosso amado país desses viados”. Não é permitido ao tio levar nada além de seus documentos, ele sai do campo de concentração direto para o aeroporto.

Não há alívio, mas apenas incerteza. Como ele, com cinquenta anos de idade, vai recomeçar sua vida em um país estrangeiro? Antes do embarque, eu o abraço, e nós choramos, sem esperança de um reencontro.

O tio se afasta. Mas depois para. Então ele se vira para mim. Em seus lábios, há um sorriso forçado antes de ele dizer:

— Tchau, Momô. E não se esqueça: ao tomar banho, lava bem o bumbum e a torneirinha.

Eu solto uma gargalhada entre lágrimas.

O tio então segue seu caminho.

Volto ao meu carro. Abro o porta-luvas e pego um pequeno e usado livrinho de bolso. Ando sempre com esse livro, o qual releio às vezes. Quando eu tinha vinte anos, o tio fez esse livro, artesanalmente, para me presentear, com o título de *78 conselhos de um tio para um sobrinho*.

Fique longe de fascistas; eles são pessoas intrinsecamente más.

O conhecimento é mais importante do que a fé; a fé paralisa, o conhecimento exige uma ação.

Tenha empatia pelas pessoas; com exceção dos fascistas, pois eles não têm compaixão por ninguém.

Tenha empatia pelos animais; eles sentem dor, têm inteligência e uma consciência.

Se o tempo trouxer a impotência, lembre que o cérebro e o coração são mais importantes do que o pau.

Não tenha religião; mas, se tiver, não seja manipulado pelos “homens de fé”.

Após os trinta anos, faça exame de sangue todos os anos e mantenha a glicose e o colesterol sob controle.

A partir de cinquenta anos de idade, consulte o urologista todos os anos.

Contribua com a previdência, pois "ninguém sabe o dia de amanhã", e a velhice é pior no desamparo.

Pague seus impostos; são eles que permitem que ações sociais sejam feitas. E talvez um dia o executivo, o legislativo e o judiciário tenham vergonha de receber benefícios e altos salários, e certas empresas se envergonhem da isenção.

Respeite, valorize e lute por liberdade, democracia, igualdade e diversidade. Sem isso, não somos civilização, pois não há civilidade sem dignidade.

Vote, vote consciente e faça a diferença.

Não confie em militares; nunca dê as costas para quem está com as armas nas mãos.

Durante a semana, coma com moderação; deixe os excessos para o sábado, já que "ninguém é de ferro".

Valorize sua independência, faça de tudo para mantê-la; mas, se um dia precisar, não tenha vergonha de pedir ajuda.

A humildade é criação dos opressores para manter os oprimidos de cabeça baixa. Não seja humilde, ande de cabeça erguida e saiba que ninguém é superior a você. Seja arrogante diante do opressor.

Quando todo mundo estiver repetindo ou fazendo a mesma coisa, desconfie. Não seja uma "Maria vai com as outras". Seja sempre a ovelha negra, não siga o rebanho.

Use protetor solar três vezes ao dia. Que pena que os melhores protetores sejam tão caros! Mas não se esqueça da vitamina D.

Vá ao dentista e ao oftalmologista uma vez por ano. Afinal, "é melhor prevenir do que remediar".

Seja organizado, compre uma agenda e programe seus dias. Isso vai diminuir a sua ansiedade.

Faça um orçamento mensal e não gaste mais do que tem. Se possível, economize, pois o futuro é sempre incerto.

Não tenha medo de pensar na morte. Lembrar que ela existe, faz você aproveitar cada momento da vida e estar pronto para quando a morte chegar.

Não seja escravo de ninguém nem de nada, não se submeta a pessoas, objetos, crenças ou vícios.

Não acredite nos cristãos, históricos defensores e promotores da dor. O prazer é algo bom e deveria estar presente na vida de todas as pessoas.

Não existem deuses. Não existe um deus. Mas se precisar de algum para aliviar sua angústia existencial, escolha o mais tolerante.

Sempre que possível, busque a solidão, pois ela revitaliza o pensamento.

Não seja resignado, mas entenda que devemos aceitar certas coisas.

Não incomode seu vizinho. O bom vizinho é aquele que esquecemos que ele existe. Mas se o cuidado não for recíproco, dê o troco e que se foda.

Veja seu próprio envelhecimento com os olhos da razão e não com os olhos da emoção. Envelhecer é uma dessas coisas que devemos aceitar.

Tenha pena de si mesmo. Você tem direito de se sentir frágil.

Fique atento ao que as pessoas dizem ou escrevem. Conhecemos as pessoas não pelas suas ações, mas pelas suas ideias. As ações podem ser falsas, mas o discurso é revelador.

Aqueles que nos procuram apenas quando precisam de alguma coisa, não são amigos, são vampiros. Não perca tempo com essas sanguessugas.

Beba bastante água e urine bastante. Os seus rins agradecem.

Além da ciência, valorize a arte. A arte expressa o cosmos, enquanto a ciência tenta explicá-lo.

Discussões à parte, a literatura é a maior das artes. Mas se não está pronto para os livros, escolha outra arte, aquela de sua preferência, e usufrua da música ou da pintura ou do cinema ou...

Não banalize o perdão. A maioria das desculpas não é sincera.

Se não tem conhecimento sobre um assunto, fique calado e aprenda.

Ouça mais e fale menos. Agindo assim, você vai evitar muitos problemas.

Coma uma laranja por dia. Ela tem vitamina C.

Tome todas as vacinas e cuide do seu corpo, pois ele é frágil.

Não dê ouvidos a idiotas, eles querem apenas nos confundir.

Economize luz e água. Já não é mais uma questão financeira, mas ambiental.

Evite o crédito. Juros foram criados apenas para enriquecer agiotas.

Não confie em empresários. Para eles, nada, absolutamente nada, é mais importante do que o lucro. Exploram a força de trabalho dos que pouco têm e não lhes dão condições de trabalho

decentes, pois sempre querem diminuir gastos em sacrifício dos trabalhadores. E chamam isso de "empreendedorismo".

Carpe diem.

Colecione boas memórias, pois elas tornarão sua velhice menos pesada.

Seja cauteloso, não se exponha ao perigo. Existe uma linha tênue entre a coragem e a burrice.

Tenha horário para dormir e para acordar. Seu corpo merece descanso.

Nunca tenha servos. Empregados domésticos são herdeiros da escravidão. Aliás, todo trabalhador assalariado é herdeiro da escravidão.

Se for líquido, agite bem antes de usar.

Escove os dentes após as refeições e use fio dental.

Lave bem o pênis para evitar o câncer.

Seja competente no que faz. A satisfação de ser bom em algo não tem preço.

Não espere reconhecimento, pois vivemos em uma sociedade que valoriza os medíocres.

Seja pontual. Chegar atrasado é um desrespeito com quem teve o cuidado de esperar por nós.

Sempre que necessário, diga "não", sem medo e sem culpa. Mas tenha maturidade para ouvir um "não" e sabedoria para dizer "sim".

Cuide das pessoas que você ama e aceite o cuidado das pessoas que o amam. Mas não se esqueça de que nem a dor nem o prazer podem ser compartilhados. Sofrer e gozar são experiências solitárias.

Esteja sempre aberto à paz. Mas não deixe de se armar para os recorrentes tempos de guerra. A paz é evolução. E a humanidade é primitiva e bélica.

Não faça planos a longo prazo, pois o futuro é um cavalo indomável.

Fique longe de pessoas que sorriem o tempo todo. Elas tentam, desesperadamente, se esconder por trás de seu doentio sorriso. E, a qualquer momento, podem surpreendê-lo de forma assustadora.

Não tenha medo da inteligência, pois a ignorância é que é perigosa. Mas tenha muito cuidado, pois há asnos que gostam de imitar corujas.

Dirija com cuidado.

Evite o sal, a gordura e a pressão alta.

Sente-se, descanse, contemple uma linda paisagem e sinta alegria ou melancolia.

Não se torne um velho sem noção, que conta histórias pessoais a estranhos impacientes que não se importam com você.

Lave as mãos antes das refeições e depois de usar o banheiro.

Contemple algo belo pelo menos uma vez por dia.

Nos médicos, confie desconfiando. A maioria deles é mercenária e fez faculdade de fundo de quintal. Vale a pena pedir uma segunda opinião.

Se avistar perigo à frente, retroceda.

Se não puder atacar, corra!

Não corra atrás da felicidade, pois ela é inalcançável.

Não baixe a guarda; pois, no mundo, o que mais há é "lobo em pele de cordeiro".

Não se importe com as opiniões alheias sobre você. Viva sua vida como bem entender.

Não fuja da realidade, mas reserve alguns momentos para se entregar ao sonho e à fantasia.

Chore quando tiver que chorar, sorria quando tiver que sorrir.

Durante tempestades, procure abrigo para se proteger dos raios.

Ou jogue meus conselhos no lixo e faça o que bem entender.

A vida é sua, tome posse dela.